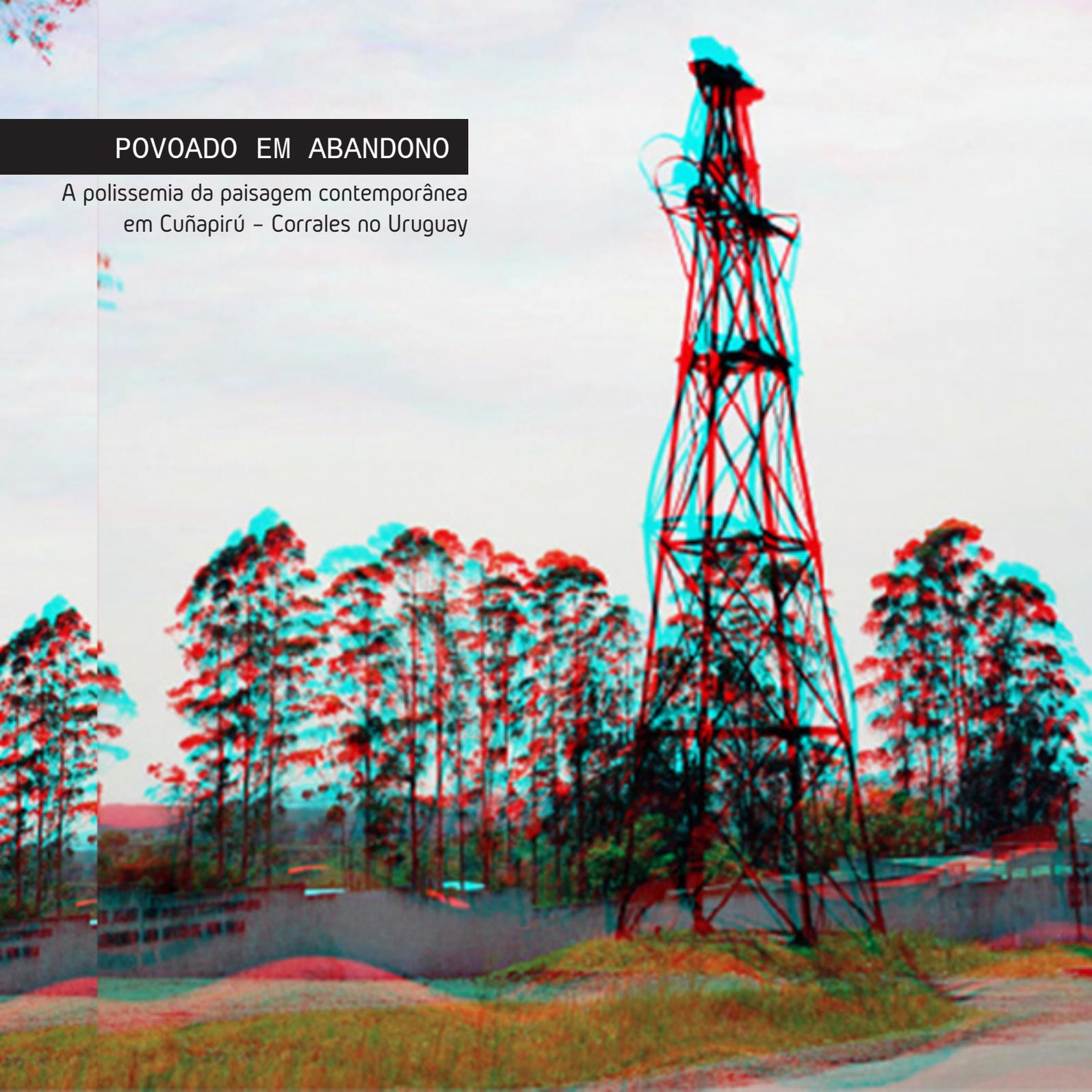


POVOADO EM ABANDONO

A polissemia da paisagem contemporânea
em Cuñapirú - Corrales no Uruguay





UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

DISSERTAÇÃO

POVOADO EM ABANDONO:

A polissemia da paisagem contemporânea em Cuñapirú – Corrales no Uruguay

Laís Dellinghausen Portela

Pelotas, 2021

Laís Dellinghausen Portela

POVOADO EM ABANDONO:

A polissemia da paisagem contemporânea em Cuñapirú – Corrales no Uruguay

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Linha de Pesquisa: Urbanismo Contemporâneo

Orientador: Eduardo Rocha

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

P843p Portela, Laís Dellinghausen

Povoado em abandono : a polissemia da paisagem contemporânea em Cuñapirú - Corrales no Uruguay / Laís Dellinghausen Portela ; Eduardo Rocha, orientador. — Pelotas, 2021.

176 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Abandono. 2. Polissemia. 3. Cuñapirú - Corrales. 4. Caminhografia urbana. 5. Urbanismo contemporâneo. I. Rocha, Eduardo, orient. II. Título.

CDD : 720

Laís Dellinghausen Portela

Povoado em abandono: A polissemia da paisagem contemporânea em Cuñapirú – Corrales no
Uruguay

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 15 de julho de 2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Eduardo Rocha | Orientador

Professor no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - FAUrb - UFPel

Prof. Dra. Lizandra Fachinello Krebs | Membro Interno

Professora no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - FAUrb - UFPel

Celma Paese | Membro Externo

Professora no Programa de Pós-Graduação em Projeto de Arquitetura e Urbanismo - FAU - UNIRITTER

Carolina Mendonça Fernandes de Barros | Membro Externo

Professora no Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – Campus Bagé - IFSul

Dedico essa dissertação aos habitantes de uma literatura menor.

NUESTRO destino
NUNCA ES UN lugar,
SINO UNA NUEVA
forma de ver las cosas

Resumo

PORTELA, Laís Dellinghausen. **POVOADO EM ABANDONO: Caminhografia da hospitalidade em Cuñapirú – Corrales no Uruguai**. 2021. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

A região mineira de Cuñapirú — Corrales, localizada no norte do Uruguai, inicialmente rural, encontra seu momento na histórica descoberta do ouro na região em 1820. A partir daí, a localidade passou a receber grandes investimentos de cunho estrangeiro que foram responsáveis pelo forte crescimento da região urbana na localidade. Tais investimentos de origem europeia fundaram o povoado de Minas de Corrales devido à grande quantidade de trabalhadores trazida para o garimpo do ouro. Contudo, após muitos anos, houve um declínio de investimentos na região somados a desastres naturais que acarretaram uma diminuição populacional e de interesse nas atividades mineiras, chegando ao fechamento de várias minas e desativação da Usina Cuñapirú. Nesse sentido, passa-se despercebido e incompreendido os abandonos urbanos em sua totalidade. Por esse motivo, anseia-se, nesta pesquisa, dar foco à localidade de Cuñapirú- Corrales, pertencente ao Departamento de Rivera no Uruguai e compreender o hoje, a fragmentação dos espaços, as relações e percepções dos indivíduos perante o lugar do abandono, compreendendo que este pode ser um território potencial produtor de reações afetivas e de *ritornelos*. Assim, através da aproximação entre as teorias do urbanismo contemporâneo e da filosofia contemporânea francesa, a pesquisa aborda os temas e diversos sentidos que a palavra *abandono* pode trazer à tona; como também traz para discussão a *hospitalidade e os cuidados de si*, explorando que lugares mesmo *hostis* podem

acolher e demonstrar sensação de pertencimento; bem como insere uma relação próxima com a teoria da terceira paisagem. Objetiva-se cartografar os espaços do povoado abandonado, utilizando como método a caminhografia urbana com a finalidade de mapear, analisar, experimentar e corporificar sentidos para pensar o abandono como uma condição polissêmica da paisagem contemporânea. A pesquisa revela, através da criação de mapas e narrativas sensíveis, as potencialidades que podem ser despertadas e subvertidas no lugar do abandono, aceitando as coexistências e polissemias.

Palavras-chave: abandono; polissemia; Cuñapirú – Corrales; caminhografia urbana; urbanismo contemporâneo; terceira paisagem; ritornelo.

Abstract

PORTELA, Laís Dellinghausen. **ABANDONED SETTLEMENT: Hospitality walk in Cuñapirú – Corrales, Uruguay.** 2021. Dissertation (Master in Architecture and Urbanism) - Post-Graduation Program in Architecture and Urbanism, Architecture and Urbanism School, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

The mining region of Cuñapirú - Corrales, located in northern Uruguay, initially rural, finds its moment in the historic discovery of gold in the region in 1820. From then on, the locality began to receive large foreign investments were responsible for the strong growth of the urban region in the locality. Such investments of European origin founded the town of Minas de Corrales due to the large labor force brought to the gold panning. However, after many years, there has been a decline in investments in the region coupled with natural disasters that have resulted in a population decrease and interest in mining activities, reaching the closure of several mines and deactivation of the Cuñapirú Plant. In this sense, urban abandonments in their entirety go unnoticed and misunderstood. For this reason, the aim of this research is to focus on the locality of Cuñapirú - Corrales, belonging to the Department of Rivera in Uruguay and to understand today, the fragmentation of spaces and the relationships and perceptions of individuals in the face of abandonment, comprising that this can be a potential producing territory of affective reactions and *ritornellos*. Thus, through the approximation between the theories of contemporary urbanism and French contemporary philosophy, the research addresses the themes and different meanings that the word *abandonment* can bring to the fore; it also brings hospitality and self-care to discussion, exploring which even hostile places can welcome and demonstrate a sense of belonging; as well as

inserting a close relationship with the third landscape theory. The objective of this research is to map the spaces of the abandoned village, using urban walking as a method in order to map, analyze, experiment and embody meanings to think of abandonment as a polysemic condition of the contemporary landscape. The research reveal through the creation of sensitive maps and narratives, the potentialities that can be awakened and subverted in the place of abandonment, accepting the coexistence and the polysemys.

Keywords: abandonment; polysemy; Cuñapirú – Corrales; urban walking; contemporary urbanism; third landscape; ritornelo.

Lista de Figuras

<i>Figura 01 – Localização da cidade em estudo. Fonte: Google Maps 2020.</i>	21
<i>Figura 02 – Localização aproximada da cidade em estudo. Fonte: Google Maps 2020.</i>	22
<i>Figura 03 – Exemplo de rizoma por Ian Pearce. Fonte: https://www.urbagram.net/microplexes/</i>	58
<i>Figura 04 – Diário e a captura de lembranças. Fonte: autora.</i>	67
<i>Figura 05 – Collage de captação de percurso – linha de aerocarrils. Fonte: autora.</i>	78
<i>Figura 06 – Esquema de processos e equivalências metodológicas. Fonte: autora.</i>	84
<i>Figura 07 – Clotilde, a máquina lenda. Fonte: Museu Municipal de Rivera.</i>	91
<i>Figura 08 – “aerocarril” uma das 104 torres que interligavam San Gregório à Cuñapirú. Fonte: autora.</i>	94
<i>Figura 09– Bocamina Ernestinita em Corrales. Fonte: autora.</i>	98
<i>Figura 10 – Taxa de crescimento da população em períodos de censo. Fonte: INE (Censo)</i>	103
<i>Figura 11 – Distribuição da atividade de mineração na região de Minas de Corrales - Uy. Fonte: BOSSI, 1969.</i>	105
<i>Figura 12– Unidades Paisagísticas. Fonte: Plano de Desenvolvimento e Ordenamento territorial, 2019.</i>	106
<i>Figura 13 – Cerros achatados. Fonte: autora.</i>	107
<i>Figura 14 – Esquema de relevo da região. Fonte: Plano de Desenvolvimento e Ordenamento territorial, 2019.</i>	108
<i>Figura 15 – Bacia Visual número 11 do Plano, pela Ruta 29. Fonte: Plano de Desenvolvimento e Ordenamento territorial, 2019.</i>	109
<i>Figura 16 – Estrutura urbana de Minas Corrales, Uy. Com rodovia federal que corta o povoado demarcada em vermelho. Fonte: Google Maps 2020, com alteração da autora.</i>	110

<i>Figura 17 – Densidade de habitação em Minas Corrales, Uy. Fonte: Plano de Desenvolvimento e Ordenamento territorial, 2019.</i>	111
<i>Figura 18 – Plano de expansão. Fonte: Plano de Desenvolvimento e Ordenamento territorial, 2019.</i>	112
<i>Figura 19 – Paisagem urbana, rica em vegetação e cores. Fonte: Plano de Desenvolvimento e Ordenamento territorial, 2019.</i>	113
<i>Figura 20 – Ruína de Cuñapirú. Fonte: autora.</i>	114
<i>Figura 21 – Percurso Caminhografia dia 01 em Cuñapirú – Corrales, Av. Dr. Davison. Fonte: autora.</i>	116
<i>Figura 22 – Percurso Caminhografia dia 02 em Cuñapirú – Corrales, perímetros. Fonte: autora.</i>	118
<i>Figura 23- Identificação dos pontos territoriais, respectivamente: 1 Minas Corrales, 2 Usina de Cuñapirú e 3 San Gregório. Fonte: Google com considerações da autora.</i>	119
<i>Figura 24 – Zoom 1 Minas Corrales, com a identificação dos respectivos sintomas detectados abaixo. Fonte: Google com considerações da autora.</i>	120
<i>Figura 25 – Zoom 2 Usina de Cuñapirú, com a identificação dos respectivos sintomas detectados abaixo. Fonte: Google com considerações da autora.</i>	121
<i>Figura 26 – Zoom 3 San Gregório, com a identificação dos respectivos sintomas detectados abaixo. Fonte: Google com considerações da autora.</i>	122
<i>Figura 27 – Fotos do processo de caminhografia. Fonte: autora.</i>	130
<i>Figura 28 – Collagem de registros de percurso da proliferação da terceira paisagem em Cuñapirú - Corrales. Fonte: autora.</i>	150

SUMÁRIO

1. GÊNESE	19
2. INTRODUÇÃO	21
3. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS	34
3.1. A polissemia do abandono	34
3.2. A síndrome do abandono	43
3.3. Os cuidados de si e a hospitalidade	50
4. A CARTOGRAFIA URBANA	57
4.1. Pedagogia da Viagem	62
4.2. Caminhografia Urbana	64
4.3. Procedimentos metodológicos	67
4.3.1. Diário de campo	67
4.3.2. Diálogos do abandono	69
4.3.3. Recortes fotográficos	75
4.3.4. Mapas Sensíveis	77
4.3.5. Análise	82
5. POVOADO EM ABANDONADO: CUÑAPIRÚ - CORRALES	86
5.1. Povoado de Cuñapirú – Corrales: contexto histórico	86
5.1.1. Paisagem cultural mineira de Minas Corrales	97
6. VIVER ABANDONOS EM CUÑAPIRÚ – CORRALES	116
6.1. Minas de Corrales: sintomática do abandono	116
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
7.1. O abandono como um espaço dinâmico	142
7.2. O abandono/resíduo como denúncia e propagação de reações afetivas	144

7.3.	O lugar da terceira paisagem	147
7.4.	O abandono como existência em si mesmo	152
7.5.	Experiência como pesquisadora	154
8.	REFERÊNCIAS	155
9.	ANEXO - ENTREVISTAS	160

1. GÊNESE

Esse trabalho tem raiz fixada e rizomática desde o início da graduação, lá no ano de 2013/2 onde ingressei para o **Laboratório de Urbanismo da FAUrb** com poucas perspectivas do que traçaria, afinal era ainda o meu primeiro contato com o meio acadêmico. Mas foi lá onde, com o Edu, participei dos primeiros projetos de pesquisa e comecei a pesquisar sobre o “para-formal”¹.

De certa forma, o para-formal seguiu comigo até o fim da faculdade com abordagens diferentes, em cidades diferentes e contextos exclusivos, como o da fronteira Brasil — Uruguai. E foi nesse contexto Brasil — Uruguai que tive meu primeiro contato como pesquisadora da diferença, a partir da experimentação do lugar e do mapeamento em uma viagem que percorreu toda fronteira entre os dois países já citados.

De certa forma, ter sido acolhida pelo **grupo de pesquisa Cidade + Contemporaneidade**² me fez aproximar do urbanismo presente, existente e muitas vezes (des)regulamentado que é o para-formal, uma criação no entre. Afinal, essas cenas para-formais, assim como a pesquisa em foco no momento, passam seguidamente despercebidas, invisíveis, mas da mesma forma estão presentes em nosso cotidiano.

¹ As atividades para-formais são aquelas que se encontram no limite entre o formal, tomado como formado, pronto, constituído, e o informal, no sentido de “em formação”, “em construção”. Tratam-se de atividades comerciais, culturais, relacionadas à moradia, entre outras, encontradas no espaço público da cidade, que não fazem parte de sua configuração primeira, mas que na contemporaneidade passam a fazer parte de seu cotidiano. São cenas urbanas, passíveis de serem individualizadas por imagens fotográficas e anotações. O para-formal no cotidiano das cidades gera controvérsias, disputas, opiniões diversas e debates. Pressupõe relações cidade-corpo e corpo-cidade que, às vezes, são veladas e dóceis, outras reveladas e desobedientes (ALLEMAND, ROCHA, PINHO, 2014).

² <https://wp.ufpel.edu.br/cmáisc/>

Ainda sobre as experiências que o grupo me permitiu, tive e ainda tenho a oportunidade de participar ativamente da **Revista Pixo — Revista de Arquitetura, cidade e contemporaneidade**³, revista digital presente nos Periódicos da UFPel, em que experiencio como é estar também do outro lado, como equipe técnica, auxiliando e reunindo informações acerca de conteúdos multidisciplinares sobre Arquitetura, Urbanismo, Artes, Filosofia, Educação, Geografia e Psicologia, disciplinas tão imponentes e de forte relação nessa pesquisa.

Mais do que tudo, esses longos 7 anos sendo parte e integrante dessas pesquisas foram tempos que driblaram o meu medo de nunca saber como/por onde/por que/começar um tema, mas aqui aprendi que a experiência no meio urbano incita uma reação sobre o momento presente e que ele acontece sem precisarmos programar algo. E reagir para mim, representa um pensamento, um protesto e um resistir no devir tempo sobre diversos acontecimentos, quase sempre (in)esperados.

³ <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/index>

2. INTRODUÇÃO

Vários são os registros da Organização das Nações Unidas (ONU) que nos confirmam que a urbanização, interpretada aqui como cidade, é um fenômeno atual e representa hoje a sociedade. Basta citar que no final de 2011, conforme contabiliza a ONU a população do mundo ultrapassou 7 milhões de habitantes, mais da metade vivendo em aglomerados urbanos. De acordo com Françoise Choay (1979), o processo de urbanização data desde os fins do século XIX e se intensifica e consolida no século XX, declarando que todo espaço é território, englobando as cidades como parte deste. Parte responsável pela intensificação do processo de urbanização datado do final do século XIX e consolidação no século XX. Choay (1979, p.1) afirma, então:

[...] a sociedade industrial é urbana. A cidade é o seu horizonte. Ela produz as metrópoles, conurbações, cidades industriais, grandes conjuntos habitacionais. No entanto, fracassa na ordenação desses locais. A sociedade industrial tem especialistas em planejamento urbano.

Compreende-se, de fato, os muitos estudos a respeito da urbanização crescente e desenfreada em seus diversos campos do conhecimento. Contudo, passa-se despercebido e incompreendido os abandonos urbanos em sua totalidade principalmente frente a valorização atribuída, economicamente, aos espaços. Mais do que isso, passa-se imperceptível o fato de os abandonos não serem apenas lugares da ociosidade, ou seja, da inatividade, muitos desses espaços apresentados ao abandono acabam por se ocupar imediatamente.

Foram construídas inúmeras edificações, ruas e infraestrutura — cidades, em massa, motivadas pela industrialização que deram conta de sua função durante determinado período, contribuindo para o desenvolvimento acelerado do urbanismo. Porém, por vários motivos, em décadas posteriores foram abandonadas. O fechamento das fábricas, frigoríficos, mineradoras e até mesmo catástrofes naturais acabaram por despovoar cidades, obrigando populações inteiras a migrar para novas regiões em busca de melhores condições de vida.

Nessa pesquisa, compreende-se abandono como o lugar de construção da subjetividade⁴, onde traçamos mapas, desenhos, sensações e até mesmo violência. Entende-se então, como linha de escape o estado em que o abandono se encontra, produz e reproduz. Estado econômico, cultural, social, histórico e sensorial.

Abandonos são líquidos, viscosos ao menos, eles escorrem por todos os lados, difíceis de se agarrarem, apegarem, quando falamos de arquiteturas do abandono. São lugares e são corpos. A própria palavra escorrega, aparece e desaparece, está sempre acompanhando alguma outra palavra, outra nomeação, mas repentinamente foge. Abandonos como pura vertigem, lugar em que perdemos o equilíbrio, a falta de base para sustentação, ou que gira sobre o próprio sujeito ou nas coisas que o rodeiam, como quando nos encontramos a uma grande altura ou nos deparamos com um precipício, ou depois de dar muitas voltas – girar. Aí sim, estamos experimentando um abandono. E, nesse momento, seremos arrebatados por uma perda momentânea de sentido, de domínio de si mesmo, que pode nos conduzir a um ato de violência ou de emoção. Abandonamo-nos no giro, nem antes, nem depois. Na fronteira das artes, da filosofia e da própria arquitetura (ROCHA, 2010, p.31).

⁴ Conceito definido por Félix Guattari como: 'O conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva' (GUATTARI, 1992, p. 19).

De acordo com Nestor Razente (2016), pode-se constatar que a incidência de abandonos hoje coexiste com a criação das megalópoles, desconhecendo questões político-ideológicas, condições de riqueza, é extraterritorial, está presente em diversos países e independe de sua condição.

Nesse contexto, essa pesquisa, através da aproximação entre as teorias do urbanismo contemporâneo e da filosofia contemporânea francesa, possui a finalidade de dar corpo ao abandono da localidade de Cuñapirú — Corrales, localizada no Uruguai e pertencente ao Departamento de Rivera.

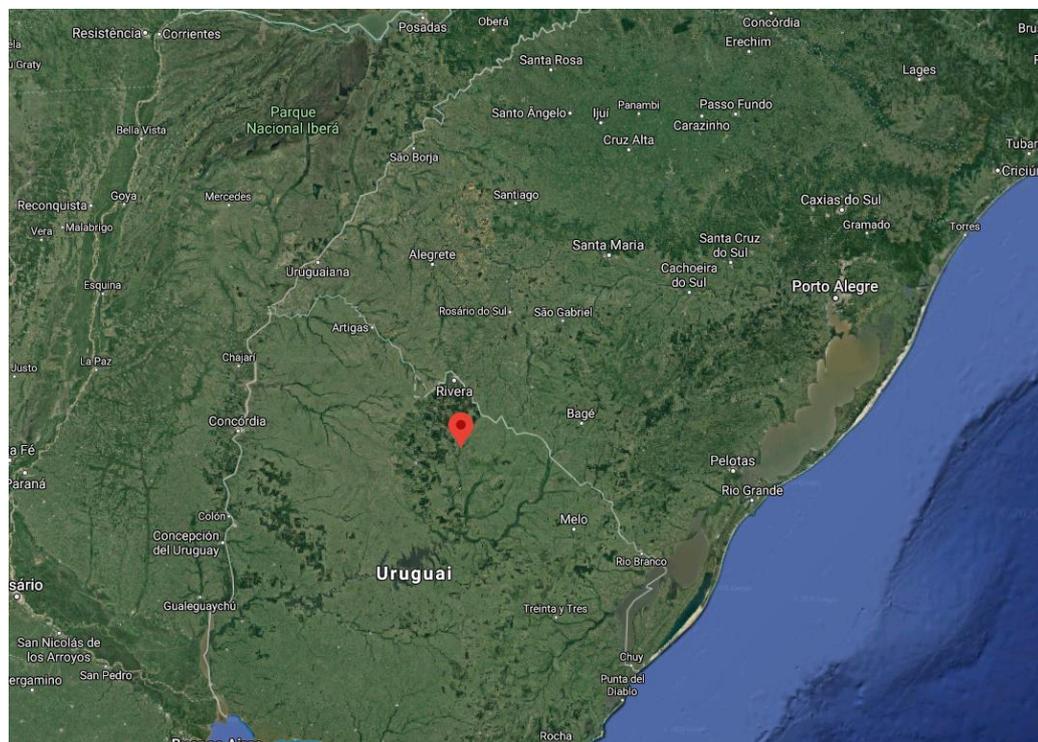


Figura 01 – Localização da cidade em estudo. Fonte: Google Maps 2020.

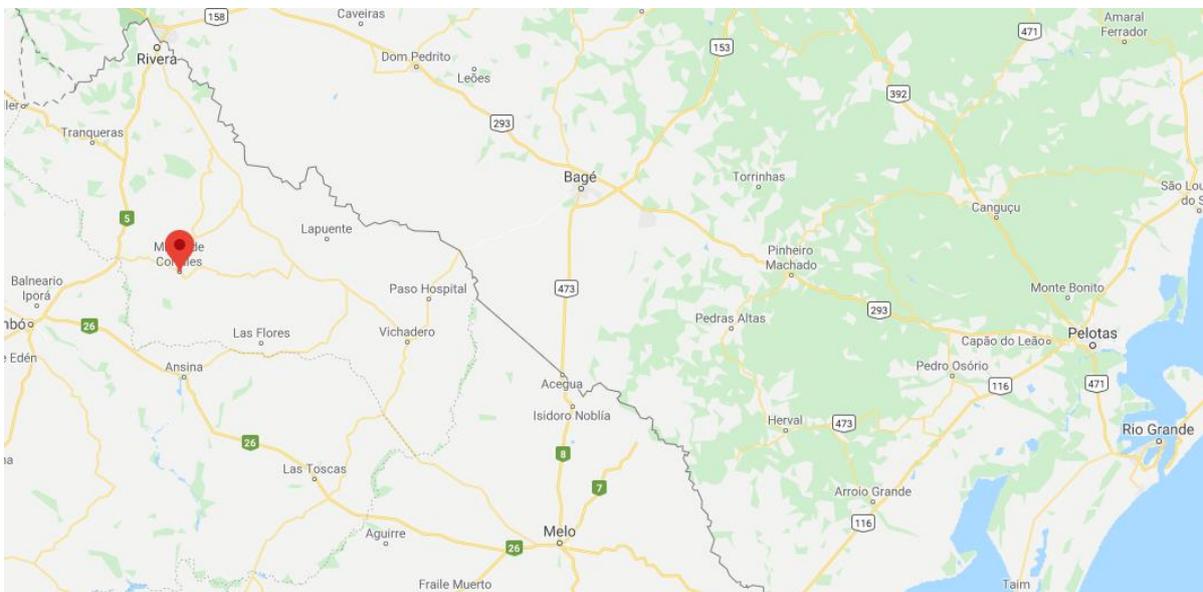


Figura 02 – Localização aproximada da cidade em estudo. Fonte: Google Maps 2020.

Na faixa de fronteira Brasil-Uruguay, está localizado o foco deste estudo. A região, pertencente à Rivera, desenvolveu-se desde 1878 graças à mineração do ouro e aos currais de pedra que serviam para segurar as criações de gado. Obteve seu desenvolvimento graças à extração de minérios durante o século XX quando a valorização do cobre, ouro e outros minerais estava em ascensão.

Apesar disso, o recorte geográfico, está aquém da localização, é, primeiro, território da diferença hierárquica na escala urbana em que a localidade está inserida, é internacional e culturalmente vasto. Ademais, no interstício de tanta pluralidade fronteiriça, estreitam-se de alguma

forma os fatores que culminaram na origem desse aglomerado urbano, bem como talvez se assemelham seus aspectos derradeiros.

Busca-se estudar a desconstrução do espaço já formado, idealizado e, nesse caso, à deriva. Não basta a análise tradicional construtiva e cronológica das origens urbanas, seu desenvolvimento e posterior plano de futuro. Anseia-se, nesta pesquisa, o caminho inverso ao tradicional, compreender o hoje, a fragmentação dos espaços através do abandono já concretizado e suas vivências na contemporaneidade⁵.

É importante compreender e sintetizar, ao longo dessa pesquisa, os diferentes sentidos em que a palavra “abandono” transita. Aquém dos termos, é um local igualmente importante, um lugar do abandono, onde se possibilita a experimentação do novo. Representa resistência, potência como criação, e igualmente não oposta da destruição. Mas em transição, movimento. Espaço ideal para provocar lapsos propícios ao estímulo do pensamento e das sensações (ROCHA, 2010).

Interessa-se por apreciar o abandono como o lugar do novo, para tornar a vida melhor no espaço como um todo e não somente por tentar reviver um modo de vida incitado por anseios nostálgicos, mas por reforçar, através do diálogo, a vontade dos habitantes desses lugares em abandono. Nesse contexto, encara-se a correlação entre espaço e lugar e a suas diferentes e variadas percepções através do tempo e do ato de experimentar, conforme Lineu Castello descreve em sua tese em 2005, e nos faz pensar e visualizar por um segundo olhar aos espaços já muito

⁵ Para Agamben (2009) ser contemporâneo é manter o olhar fixo no seu tempo, e para através dele enxergar não as luzes, mas a escuridão onde demonstra que o presente não é outra coisa senão a parte não vivida. Justamente a atenção dada a esse não-vivido é a vida do contemporâneo. A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, *essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela'* (AGAMBEN, 2009, p.59).

criticados, desprezados e abandonados por seus desenhados ambientes construídos que, hoje, contemporâneos podem até ser os lugares que a sociedade requer para melhor vivenciar suas experiências.

As pessoas se sentem melhor em certos espaços. Ou, em outras palavras, certos espaços se distinguem dentro do Espaço maior onde se situam as pessoas e, ao se distinguirem, se tornam percebidos de maneira diferente. Em geral, são espaços percebidos como detentores de qualidades. Diz-se, então, que esses espaços são percebidos como lugares por seus usuários. Suas qualificações habilitam-nos a serem percebidos como um lugar, delimitado dentro do espaço maior que constitui o todo da cidade. Isto é: permitem distinguir um lugar de um espaço (CASTELLO, 2005).

Nos relatos de Castello, quando a percepção molda um espaço e o atribui sentido qualitativo e de caráter especial, denomina-se um lugar com feições diferenciadas em detrimento de um espaço que é o todo. E, nesse sentido, é impossível perceber um espaço sem o experimentar, vivenciar e atestar a autenticidade do agora tendo em vista seu desenvolvimento e que muitas asserções já foram captadas no passado e precisam ser constantemente reafirmadas no em processo.

Se você deseja entender um desenvolvimento, não adianta ficar fora do processo; você tem que entrar nele. Você tem que se permitir ser desenvolvido pelos desenvolvimentos (ARJEN MULDER 2002, p.7).⁶

⁶ *' If you want to understand a development, it's no good standing outside the process; you have to wade into it. You have to allow yourself to be developed by the developments'.*

E é nesse sentido que se transita, posicionar-se no tempo e no espaço conceituando a existência do abandono e do lugar do abandono, insinuando a hipótese de que o abandono consiste no lugar do novo e do detentor da qualidade, onde há a subversão do espaço e sua constante recriação através do tempo.

Aceita-se, no campo de pesquisa de Castello, que um lugar seja identificado através de valoração de um espaço e que isso é possível mediante a percepção dos usuários e seus estímulos ambientais gerados no processo de reconhecimento que irá dar sentido e atribuir a respeito desse espaço, tal análise se configura através da relação pessoa contra ambiente. Essa percepção que permite identificar lugares do abandono é estabelecida graças à possibilidade de perceber fenômenos em experiências existenciais e demonstra uma forte aceção à fenomenologia.

De maneira sintetizada, e segundo David Seamon (2000), a fenomenologia explora a descrição de fenômenos que se referem a coisas ou a experiências, assim como experimentam os seres humanos. Seamon ainda acrescenta que:

qualquer objeto, evento ou situação em que uma pessoa pode ver, ouvir, tocar, cheirar, provar, sentir, conhecer, compreender, ou viver é um tópico legítimo da investigação fenomenológica. Pode ser uma luz, uma cor, uma arquitetura, uma paisagem, um lugar... todas as coisas são fenômenos porque seres humanos podem experienciar ou viver através delas de alguma forma. (SEAMON, 2000, p.3).⁷

⁷ Geógrafo e Professor de Arquitetura que faz o seguinte relato sobre fenomenologia: 'Any object, event, situation or experience that a person can see, hear, touch, smell, taste, feel, intuit, know, understand, or live through is a legitimate topic for phenomenological investigation. There can be a phenomenology of light, of color, of architecture, of landscape, of place, (...), of jealousy, (...), of economy, of sociability, and so forth. All of these things are phenomena because human beings can experience, encounter, or live through them in some way' (SEAMON, 2000, p. 3).

Contudo, são as pessoas, seu uso e a constante verbalização a despeito de um espaço que o torna qualificado como lugar — o lugar do abandono, ao foco nessa pesquisa, amplamente defendido por Lineu Castello, na importância da construção de lugares percebidos pela sociedade — e graças a ela, sendo estes os responsáveis por trazer qualificações à cidade contemporânea e ser passível de adaptações aos hábitos de seu povo.

[...] as palavras têm grande poder na criação de lugares. [...] os moradores das cidades estão constantemente ‘fazendo’ e ‘desfazendo’ lugares à medida que falam sobre eles. [...]. Uma rede de comentários pode elevar uma loja às alturas e destinar outra ao esquecimento. [...] num certo sentido, lugar é a sua reputação (TUAN, 1980, p.6).

O abandono, em todos os sentidos, representa a inquietação perante algo/alguém. É ser e sentir acima de todas as coisas. E a partir das sensações, transcender em um leque de possibilidades que antes não nos eram ofertadas, mas que no exercício do agora se sobressaem. É preciso pensar que ‘quando um espaço cai em abandono, se ocupa imediatamente’ (LYNCH, 2005, p.21).

Explorar o presente momento dos acontecimentos (dos abandonos), é analisar a manifestação das ações e dos pensamentos. E não o tempo em seu sentido cronológico-histórico, nem o futuro carregado de planejamentos. Estudar abandonos é estudar a cidade sendo desconstruída, talvez tão potente quanto a sua construção.

Questiona-se, no entanto, sobre a (de)composição dos espaços em povoados abandonados: e que potências o tempo pode (des)ativar e (des)construir no corpo-cidade? Desconstrução que não se constitui destruição, mas um modo de desfazer uma estrutura para fazer aparecer seu esqueleto. Refazer o caminho. Andar pelos abandonos, os mesmos que andamos diariamente, mas

expondo a precariedade ruínosa da arquitetura, que já não explica mais nada, não é um centro, nem um princípio de nada e não teria mais força (ROCHA, 2010).

Para Jacques Derrida, devemos experimentar a arquitetura irrealizada, teórica e distante do possível, considerando-se a importância do pensamento da escrita, dos acontecimentos e do pensar a arquitetura.

[...] a desconstrução [...] não perde nada em confessar-se impossível
[...] O interesse da desconstrução, da sua força e do seu desejo, se ela os tiver, é uma certa experiência do impossível [...] a experiência do outro como invenção do impossível, noutros termos, como a única invenção possível (DERRIDA, 1987, p. 26-27).

Já Fernando Fuão (2016) interpreta a desconstrução derridiana como um pensamento da própria Arquitetura na condição de um pensamento do evento e da escrita, uma escrita *architectural*.

Mas, por outro lado, a desconstrução insinua, por conseguinte, a dobra, o desvio, a prótese ou o rastro de origem — sendo, portanto assim o rastro (*trace*) a própria experiência por todo o lado em que NADA se dá e se resume ao ‘presente vivo’, já sempre estruturado como presente pelo seu reenvio ao outro ou a outra coisa —, estes dois nomes, *khora* e messiânico, significam (consequentemente) também a desconstrução da tradicional oposição entre palavra e escrita, entre tempo e espaço, entre o temporal e o espacial, entre experiência do tempo e experiência do espaço, entre o tempo do discurso e o espaço do monumento, do templo ou da casa, portanto e, por exemplo, significando por conseguinte a desconstrução da oposição entre discurso e arquitetura, implicando o espaçamento ou o efeito de espaçamento já sempre trama e textualização (FUÃO, 2016).

Espaçamento, no entanto, não é simplesmente ‘espacial’. De acordo com Derrida, ‘espaçamento’ nos diz o devir-espaco do próprio tempo; ele intervém no movimento da temporalização. O espaçamento é também tempo. Por outro lado, enquanto intervalo diferencial, também rompe a presença, a identidade. ‘A desconstrução é o que acontece — é ‘quem chega’, a chegada do evento, a chegada do chegante’ (DERRIDA, 1988, p.261).

Dessa maneira, essa pesquisa segue a subjetividade da experiência e dos encontros nos lugares do abandono acreditando que estes sejam os maiores (re)produtores da interdisciplinaridade na contemporaneidade. As subjetividades são produzidas pelos e nos territórios, bem como os territórios são tecidos pelas produções subjetivas (FOUCAULT, 2008).

A partir de tais constatações, o objetivo geral desta pesquisa é mapear e analisar o povoado de Cuñapirú — Corrales, a fim de experimentar e corporificar sentidos, para pensar o abandono como uma condição polissêmica da paisagem contemporânea. O que podemos aprender com o que está descartado e esquecido nos povoados e nas cidades?

Considera-se vital para o âmbito de produção de resultados a consideração de um povoado pequeno em sua totalidade, particularidades e potencialidades, seguindo os preceitos de uma ‘literatura menor’ estabelecida por Gilles Deleuze e Félix Guattari, que considera a memória de uma nação pequena tão importante quanto a de uma grande nação, se não está trabalhada e incentivada mais a fundo em sua existência.

[...] é a literatura que se encontra encarregada positivamente deste papel e desta função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária: é a literatura que produz uma solidariedade ativa, malgrado o ceticismo; e se o escritor está à margem ou apartado de sua comunidade frágil, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os

meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade (DELEUZE e GUATTARI, p.37, 2014).

Na composição dessa literatura menor, considera-se o coletivo como um individual geral de pura participação e se elege a linguagem como forma maior de experimentação em suas particularidades e potencialidades do lugar menor. Busca-se uma saída para a linguagem, a música e a escrita, almeja-se sonhar ao contrário: saber criar um devir-menor (DELEUZE e GUATTARI, 2014).

Em concordância com o acima exposto, essa pesquisa possui os seguintes objetivos específicos:

- a. Compreender e experienciar, através da cartografia sensível, a estrutura que compõe o ato do abandono (morfológica, arquitetônica, cultural e sensorial, etc.) através da criação de mapas sensíveis com a intenção de ampliar o pensamento de arquitetos e urbanistas a respeito do lugar do abandono em Cuñapirú — Corrales;
- b. Investigar por meio da relação direta os lugares do abandono em Cuñapirú — Corrales, seu potencial cultural, artístico e pedagógico, entendendo que a cidade pode ensinar;
- c. Refletir sobre o caráter dinâmico e evolutivo da paisagem no lugar do abandono em Cuñapirú — Corrales.

A pretensão dessa pesquisa, ao final de seu curso, é atingir seus objetivos e prosseguir nos estudos acerca dos povoados na contemporaneidade visando ampliar a compreensão e as

discussões a respeito do abandono já que este, na atualidade, ocupa pouco espaço na bibliografia urbanística, estando aquém das críticas. Seja porque estamos treinados a observar o crescimento desenfreado das cidades e a racionalização do espaço por consequência ou, porque pensamos no espaço do abandono como o lugar da ausência, da impossibilidade.

Acerca deste processo de estudo da localidade de Cuñapirú — Corrales, investigou-se o termo que melhor se encaixa para se referir, hoje, ao local de pesquisa. Nesse sentido, para melhor conceituar os locais de estudo, através do conceito de Santos (1996), utiliza-se o termo povoações abandonadas para designar um lugar que recebeu outrora um conjunto de edificações com moradias, escolas, igrejas, comércio, etc. Que foi arraial, vila ou cidade, mas que hoje se encontra desabitado, em ruínas ou com poucas pessoas habitando.

Apesar de o termo cidade carregar consigo o resultado de uma experiência histórica de sociedade, evita-se nessa pesquisa a sua utilização. Primeiro porque aglomerações construídas e gerenciadas por uma única empresa (privada ou estatal) não poderiam se denominar ‘cidades’, a elas denominadas *company towns*⁸. E assim foi, inicialmente, em Cuñapirú — Corrales, sem centro administrativo e político, porém com administração privada em favor da manutenção dos bens e serviços coletivos.

Segundo porque na atualidade esse termo denota uma vasta complexidade socioespacial de ordenamento político do espaço, hierarquia que optamos por não considerar nesta pesquisa, já que buscamos a identidade do espaço como o lugar do abandono por excelência e qualificação.

Nesse sentido, a despeito dos diversos termos que podemos pegar emprestado para designar as formas aglomerativas do ser humano no território, optamos por reconhecer o lugar de

⁸ Denomina-se, na literatura brasileira, cidade-empresa, cidade-empresarial, cidade-companhia, vila operária.

Cuñapirú — Corrales como povoado. Assim se escolheu, pois, identifica o menor e carrega o sentido de pequeno, mas está diretamente ligado ao adensamento populacional e à formação espontânea.

3. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

3.1. A polissemia do abandono

A palavra abandono desperta vários significados, primeiramente devido à sua amplitude teórica. Segundo, pois está sempre interligada a algo ou a alguém, o que gera vertentes para reinterpretações na linguagem cotidiana através dos agentes sociais. Trata-se, portanto, de uma polissemia⁹.

A polissemia trata, entretanto, do propósito de demonstrar o processo da comunicação inerente à prática científica e consegue mapear as ações sociais que despertam novos significados através dos fenômenos da vida cotidiana. Partindo do pressuposto de que nada é estático, o abandono em termos, acontecimentos e conceitos também se refaz e ressignifica de maneira crítica e argumentativa ao passo em que o processo habitual e as ações do dia a dia se transformam. Não há, portanto, como detectar o abandono como um termo unívoco, visto que seus significados transcendem abstrações significativas no campo da Arquitetura, do Urbanismo Contemporâneo, da Psicanálise e diversas outras disciplinas.

Optamos por uma intertextualidade propiciada por amplas travessias, abrindo as arquiteturas do abandono para a possibilidade de viajar por território extra-arquitetônicos (a literatura, o cinema, as artes visuais, a música etc.) na busca de constituir discursos e conceito (ROCHA, 2010, p.34).

⁹ A Polissemia representa a multiplicidade de significados de uma palavra. Do grego polis, significa "muitos", enquanto sema refere-se ao "significado". Portanto, um termo polissêmico é aquele que pode apresentar significados distintos de acordo com o contexto.

Assim como a sociologia tem a missão de reinterpretar os sentidos das ações humanas e seus agentes sociais a partir da constante reformulação, atualização e ampliação do vocabulário de conceitos na linguagem cotidiana, atribuindo cada vez mais significados a apenas um vocábulo. Atribui-se voz às arquiteturas do abandono da contemporaneidade a fim de enfatizar seu processo vocacional e sua crescente qualificação e capacidade de reinvenção como escape através do tempo. Torna-se, portanto, imprescindível tomar para cunho dessa experiência científica as orientações teóricas e epistemológicas de fragilidades e (im)possibilidades que este cenário desperta.

O termo abandono, em um dos inúmeros contextos, desafia a imaginação e a reflexão, além de transitar pelos campos da filosofia, da literatura, da arquitetura, da morfologia e das relações socioeconômicas.

Morfologicamente, abandonar indica uma ação que necessita complemento, abandona-se algo/alguém ou se sofre a ação do abandono. O fato é que tal ação é transitiva e direta, exige-se sujeito e predicado. Sofre-se algo. Pode demonstrar, em sua extensa possibilidade de definições, o ato de partir, ir embora, largar, deixar sozinho e/ou sem condições; desistir, renunciar (de algo ou alguém); deixar de lado, à deriva; desprezo e, por vezes, indiferença.

Engano pensar que abandono precisa ser existente, material. Abandona-se também no campo da imaterialidade, da imaginação. É intangível. Estado de corpo, mente e alma. É ser algo e, em simultâneo, deixar de ser/estar.

Abandonamos, portanto, em dois sentidos principais: como uma ação, um movimento de deixar alguma coisa, uma pessoa, uma função, um lugar ou renunciemos, esquecemos algo ao abandono. Abandonamos e somos abandonados, arquiteturas do abandono e abandonos da arquitetura (ROCHA, 2010).

Desses pensamentos escorre a palavra abandono, com seus diversos sentidos, às vezes contraditórios, incompletos, desconexos. Abandono pode ser a ação de deixar uma coisa, uma pessoa, uma função, um lugar. Podemos abandonar a família, abandonar o posto, abandonar o lar. Às vezes, abandonar é esquecer, renunciar. Abandonar a si mesmo, eu me abandono. O abandono antes de qualquer coisa é um estado, uma condição, um acontecimento. É estar abandonado, sem cuidados, sem auxílio ou sem proteção (ROCHA, 2010).

A imagem da polissemia do abandono é ambígua portanto, permeia várias interpretações e questionamentos. Por isso, adentrar esse mundo significa cair em um espaço complexo e cheio de multiplicidades. Nesse contexto, a teoria das multiplicidades, pertencente à Deleuze e Guattari (1995), afirma a própria realidade na busca em superar as oposições entre história e natureza, corpo e alma, consciente e inconsciente, etc. Essa busca por estreitar relações é contrária a uma hierarquia e está interligada diretamente ao pensamento de soma e pluralidade, tal qual o modelo de um rizoma.

No campo da filosofia e, através de Deleuze (1995), o abandono pode ser pensado como a diferença de si, como a potência para a criação e a concepção de novos processos e novos conceitos através da filosofia. Ressalta-se que um conceito não nasce do além, tampouco sem motivo, trata-se de uma necessidade — variável — fixada no devir-tempo. A (re)criação em si, representa um ato de resistência e, em simultâneo, uma transparência e afinidade profunda com o lugar.

O abandono como lugar da criação representa a inquietação, um leque de possibilidades antes impensadas que, todavia, no agora se destacam.

Pensando o abandono como uma condição da paisagem contemporânea, Ignasi de Solà-Morales¹⁰ (1995) conceituou o termo *terrain vague* (do original em francês, terreno vago) e o

¹⁰ Arquiteto, historiador e filósofo catalão. Notabilizou-se na reabilitação de edifícios históricos e centros de cidades.

atribuiu a espaços vazios, com qualidades imprecisas e onde persistem o desperdício, o residual, é um local obsoleto e sem definição onde há a possibilidade de inúmeras ocorrências inesperadas.

A 'cidade perfurada' por terrenos vagos e espaços abandonados descreve o confronto do tempo presente, entre o passado e o futuro, representando uma problemática dos processos urbanísticos na sua constante dialética de conservação, construção, desconstrução e reconstrução (SIMÕES, 2019, p.23).

Esses lugares se ressignificam através do tempo e, encontram-se desconectados espacial e temporalmente. Na contemporaneidade, são geralmente assolados pela ausência humana e baixa intensidade de uso do solo. São lugares indefinidos e culturalmente contraditórios, uma vez que, mesmo vazios de atividade humana, são ricos em diversos níveis de existência biológica.

Pensando em possibilidades e domínio biológico, Gilles Clément em *O manifesto da Terceira Paisagem*, explora refúgios para a propagação da diversidade¹¹ e os caracteriza como a soma dos *resíduos, das reservas e dos conjuntos primários*. A Terceira Paisagem surge, nesse sentido, como um fragmento de incertezas do jardim planetário¹².

Os espaços denominados *resíduos*, são os resultantes de um terreno que já foi utilizado e posteriormente tiveram sua atividade abandonada. Esses espaços possuem diversas origens (agrícola, industrial, turístico, etc.) e geralmente suas paisagens são heterogêneas e caóticas.

¹¹ Nesse contexto natural, Gilles entende a diversidade como ao 'número de espécies vivas que podem se distinguir entre os animais, os vegetais e os seres elementais (bactérias, vírus, etc), de modo que os homens se sintam incluídos em uma única espécie cuja diversidade se expressa através das variedades étnicas e culturais' (CLÉMENT, Gilles. P.07).

¹² De acordo com Gilles Clément: 'O Jardim planetário apresenta o planeta como um jardim. O sentimento de finitude ecológica converte os limites da biosfera no recinto dos seres vivos.'

Já as *reservas*, tratam-se de lugares ainda não explorados pelo ser humano devido, principalmente, a sua dificuldade de acesso ou seu alto custo de exploração. Esses espaços podem ser *conjuntos primários*, ou seja, jamais foram submetidos à exploração, ou podem ser advindos de decisões administrativas. São áreas ou conjuntos protegidos através de uma decisão humana.

Frente a estas oscilações de número, a Terceira Paisagem se posiciona como um território de refúgio (situação passiva) e como um lugar de possíveis invenções (situação ativa) (CLÉMENT, 2004, p.28).

Nesse contexto naturalista, Gilles Clément questiona a negligência quanto a espaços indecisos e sem função buscando direcionar a atenção para a possibilidade de estes constituírem um território de refúgio para a propagação da diversidade, já que demonstram estar disponíveis para ocupações despertadas pelo meio e, muitas vezes, impensadas. Nesse sentido, esses espaços representam a força motriz do futuro biológico e estão divididos sobre o fato do crescimento de resíduos e, concomitante diminuição de conjuntos primários estar atrelada ao crescimento antrópico.

O crescimento da população aqui descrito por Gilles Clément, invade o território destinado à Terceira Paisagem e incita práticas de exploração que atuam sobre os substratos do planeta modificando suas capacidades biológicas e, por fim, diminuindo a sua força de crescimento. As práticas de exploração atuais representam uma resposta de proveito imediato diante de uma economia de mercado desenvolvida com base no modelo liberal sendo responsáveis por demonstrar a decadência de muitas histórias de urbanização acelerada em função da indústria no Brasil e no mundo. Gary, Flint e Detroit são exemplos de cidades norte-americanas atingidas pela falência automobilística desgastada pela concorrência com as indústrias japonesa e coreana; assim como o esgotamento natural das salitreiras do Chile ou o esgotamento da extração do ouro do Brasil nos

povoados goianos de Ouro Fino, Barra, Desemboque, Buriti Queimado, Ferreiro, Anta, São Miguel das Tesouras, dentre outros abandonos.

O abandono assim como os resíduos gerados dessas atividades, conforme acima exposto, constituem espaços funcionais necessários para a manutenção e preservação da diversidade, constituindo um espaço dinâmico capaz de suportar formas de vida e eventos cíclicos que, em seguida, dão espaço para a promoção de novos ensaios.

Nesse sentido, o conceito de *Ritornelo* apresentado por Deleuze e Guattari, no Volume 4, do livro *Mil Platôs* (1997) faz referência a constituição de duas éticas: a da experimentação e a da prudência necessária. A coexistência entre as duas éticas em uma mesma sociedade traz à tona a formação de uma terceira ética proveniente do tensionamento entre elas: 'a ética do improviso'. Essa terceira permite, através das experiências e da prudência constituir uma forma de improvisação necessária para a manutenção da existência. Esse componente torna-se vital para que o território esteja sempre em plena variação.

Ritornelo constitui, para os músicos, um símbolo que se refere à repetição de algum trecho musical e está diretamente ligado ao significado de retorno. Para Deleuze e Guattari (1997) o ritornelo compõe um agenciamento de territórios não somente musicais, mas relaciona-se com um espaço de subjetividade e funciona como um componente direcional que organiza as forças do caos.

Deleuze e Guattari (1997) constituem o ritornelo em três momentos: a territorialização, a desterritorialização e a reterritorialização.

O primeiro representa sair do caos para constituir um território, ou seja, promover um agenciamento territorial. 'Uma criança, no escuro, tomada de medo, tranquiliza-se cantarolando [...] Esta é como o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos'

(DELEUZE E GUATTARI, 1997). Já o segundo, organiza-se um agenciamento, traçando um território em torno de um espaço delimitado.

Foi preciso traçar um círculo em torno do centro frágil e incerto, organizar um espaço limitado [...] componentes para a organização de um espaço, e não mais para a determinação momentânea de um centro. Eis que as forças do caos são mantidas no exterior tanto quanto possível, e o espaço interior protege as forças germinativas de uma tarefa a ser cumprida, de uma obra a ser feita (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p.102).

O terceiro momento traz ênfase ao abandono de um centro de agenciamento territorial para sair em busca de outros agenciamentos.

Agora, enfim, entre abrimos o círculo, nós o abrimos, deixamos alguém entrar, chamamos alguém, ou então nós mesmos vamos para fora, nos lançamos [...] Dessa vez é para ir ao encontro de forças do futuro, forças cósmicas. Lançamo-nos, arriscamos uma improvisação. Mas improvisar é ir de encontro ao Mundo, ou confundir-se com ele (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p.102).

Enfim, o ritornelo constitui sempre uma construção de um território onde nos sentimos em casa para, após, abandonar e improvisar. Um passarinho constrói seu ninho para seus filhotes, mas jamais se restringe a não alçar voo, afinal foi assim através das trocas, idas e retornos que constituiu a casa. No ritornelo, sempre se habita um desses tempos que se constituem aspectos que não são movimentos sucessivos numa evolução, mas que se encontram todos nele mesmo e de forma simultânea.

Ora o caos é um imenso buraco negro, e nos esforçamos para fixar nele um ponto frágil como um centro. Ora organizamos em torno do ponto uma 'pose' (mais do que uma forma) calma e estável: o buraco negro tornou-se um em-casa. Ora enxertamos uma escapada nessa pose, para fora do buraco negro (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 102).

As três fases, não lineares nem cronológicas, constituem um movimento natural cíclico de organização do espaço que se chama eterno retorno. Esse movimento é típico de nossa existência e deixa claro que, quando reconhecemos o ritornelo como retorno — reterritorialização, daquele que volta à casa novamente, mas jamais é o mesmo, nem ele e nem a casa. Ambos trazem aspectos de execução típicos do ritornelo de Deleuze e Guattari. É a partir da tensão permanente que o meio jamais permite que retornemos ao mesmo, ou que um território permaneça igual. O retorno a um momento primitivo ainda configura um retorno (eterno) que se dá na pluralidade da diferença.

A representação do ritornelo acontece, então, através do ritmo, do espiral que configura a harmonia dos fluxos, a organização de cadências (territorialização, desterritorialização e reterritorialização, infinitamente). O ritornelo é um agenciamento territorial, mas também é o movimento de passagem entre as fases, é a criação de caminhos que permanecem conexos.

Finalizamos então, agenciando o ritornelo na perspectiva da experimentação e dos devires em busca de novos territórios. O ritornelo surge sempre como um escape para novas possibilidades, novos territórios e encontros, mas, ao mesmo tempo, permanece como um retorno à casa, um reencontro e uma possibilidade de sempre mantê-la erguida.

'O que é atual é sempre um presente. Mas, justamente o presente muda ou passa. [...] é preciso, portanto, que a imagem seja presente e passada, ainda presente e já passada, a um só tempo, ao mesmo tempo' (DELEUZE, 2005, p.99). Procura-se, nesse contexto de pesquisa, encarar

a dinâmica do tempo seguindo os preceitos do filósofo francês Henri Bergson (1859 – 1941) onde o tempo presente da experiência é o que tomamos como princípio. O presente coexiste com o passado contemporâneo e, segundo Bergson, trata-se de uma ‘lembrança pura’ dos nossos sonhos e devaneios.

[...] que o deixemos em nós ou que o coloquemos fora de nós, o tempo que dura não é mensurável. A medida que não é puramente convencional implica em efeito divisão e superposição. Ora não se poderia superpor durações sucessivas para verificar se elas são iguais ou desiguais; por hipótese, uma não é mais quando a outra aparece; a ideia de igualdade constatável perde aqui toda significação. Por outro lado, se a duração real torna-se divisível como veremos, pela solidariedade que se estabelece entre ela e a linha que a simboliza, ela consiste ela própria em um progresso indivisível e global (Bergson, 1972, p.102).

Nesse sentido, o tempo não imprime nenhuma relação cronológica ou linear, mas demonstra sua trajetória através da vivência e dos sentidos do lugar — é o tempo de duração da experiência e da mudança, guiado através dos acontecimentos, dos diálogos e da história propriamente em processo.

3.2. A síndrome do abandono

No campo da psicanálise, a obra *Névrose d'abandon* de Germaine Guex¹³ descreve o abandono nos campos do comportamento afetivo. Retrata casos em que o sujeito com essa neurose vive em estado de medo de ser abandonado, despertando a angústia, agressividade e subestimação por continuar a amar como uma criança, gozando de um Complexo de Édipo mal resolvido.

No plano afetivo, a arquitetura do abandono demonstra a necessidade de fusão com o próximo, seja com o seu entorno imediato, com a sua memória ou com seus usuários recentes. O neurótico busca nessa aproximação remediar uma falta de confiança e amor perante o meio e que não consegue estabelecer sozinho, trata-se, portanto, de uma adesão semelhante ao de uma criança em busca da aprovação dos pais.

Condscendente ao conceito de rizoma e segundo Eduardo Rocha, as arquiteturas do abandono são como micróbios¹⁴ que, através da degradação de uma fábrica pode levar a ruína de um bairro ou cidade inteira por contaminação. Alguns aspectos dessa proeminente contaminação podem ser identificados através de alguns sintomas visíveis como o acúmulo de lixo, detritos e tudo que provoque danos ao meio ambiente, revertendo sua forma habitual. Tais sintomas também podem ser percebidos de forma invisível, como através de doenças radioativas e outros aspectos históricos.

¹³ A autora, psicóloga Suíça, centra seus estudos em casos de abandono de crianças pós segunda guerra mundial, aqui são realizadas aproximações com a arquitetura e lugares abandonados, com origem nos estudos de tese de Eduardo Rocha (2010).

¹⁴ Na segunda metade do século XIX, com a emergência da teoria microbiana das doenças, que refutou a concepção dos miasmas, houve uma radical mudança na visão da saúde pública e da atenção a ser dada aos resíduos eliminados pelo corpo humano. Porém a aversão é muito mais profunda que a teoria microbiana. Kevin Lynch dá como exemplo a Lepre, que dividia o que era puro do impuro, '[...] mesmo sendo difícil de contagiar de pessoa para pessoa, é uma doença que deforma a figura humana. Tradicionalmente a sociedade rechaça estes doentes como pecadores, obscenos ou lascivos, os obrigam a levar uma vida exilada ou confinada a leprosários fora das cidades' (2005, p.26).

O fato é concretizar notável a capacidade que o abandono possui de contaminar, seja através da degradação e aspectos negativos, seja através da história e aproximação com o meio.

Apesar dessa busca proeminente por confiança e amor, o estado de abandono assume um risco, seja no campo da matéria ou da imaterialidade, de causar uma experiência alienante e despertar um mundo totalmente novo em suas possibilidades. Renascer. O abandono representa o espaço da incerteza, da invasão de novos rumos. É um não-lugar que nega por vezes a realidade do sentimento devido às incertezas, à falta de confiança e por se assemelhar à imaturidade de uma criança que, por esse motivo, assume uma posição de não reciprocidade.

Na falta de confiança, ainda se entende o abandono como virtude ou defeito. Da mesma forma que consegue expressar ressentimento, violência e rancor, também significa coragem e determinação diante das adversidades impostas. Essa dúvida pode ser suprimida através do sentimento do amor — mais precisamente pela experiência concreta e vivida que o abandono proporciona.

Nesse sentido, o sujeito neurótico de Guex não parece tolerar o abandonar a outrem, de sentir o risco de estar onde nenhum argumento parece se sustentar senão, o do próprio verbo da ação. O amor representa, nesse momento, 'abandono de si à profundidade de outrem e a profundidade do mundo, não numa dádiva do que ele tem, mas uma dádiva do que ele é — o abandono mesmo cujo abandono vive abandonado por outrem e pelo ser mesmo, se mostra incapaz' (AUBERT, 2004, pp.187 – 188).

De maneira geral e levando em consideração os tópicos acima, pode-se encarar o abandono da arquitetura de duas formas bem distintas. Primeiramente o abandono no campo da matéria, onde não temos obstáculos para identificar tal síndrome. Sendo a própria edificação responsável por contar do seu abandono, a sua carência de amor e as suas angústias; em segundo plano, temos o

abandono da arquitetura no campo da imaterialidade, muitas vezes intactos na sua visibilidade aparente, porém transcorre sua complexidade no campo do pensamento. Muitas vezes é onde o sujeito atua do ponto de vista da neurose.

Esse sujeito neurótico, para Guex, chama-se '*abandonnique*¹⁵' sendo criado no intuito de descrever o sujeito que enxerga tudo pelo viés do abandono sentimental. O termo não descreve um estereótipo físico em particular, mas sim todos que de alguma forma se sentem abandonados ou abandonam algo. Da mesma forma, o abandono da arquitetura pode acontecer de maneira menos objetiva e de frustração com a realidade a partir de um sujeito neurótico.

A síndrome das arquiteturas do abandono pode se manifestar em diversos campos, o que impossibilita sua classificação linearmente e unívoca. No entanto, busca-se dar sentido à essas recorrências entre a psicanálise e as arquiteturas do abandono no que Germaine Guex identifica como duas de suas principais manifestações: a angústia e a agressividade. Desses sentimentos, escorrem toda linguagem sintomatológica do abandono.

A angústia se torna decorrente do primeiro contato com o abandono, denota transparência no sentimento de mal-estar que este provoca diante de sua não valorização como existência. Transpõe, de acordo com Rocha (2010), a impotência de um arquiteto diante da arquitetura abandonada e o afeto de um passante. Ou a angústia sentida por um defensor do patrimônio cultural diante de um edifício histórico abandonado.

A agressividade representa, para a síndrome do abandono, uma potente forma de expressão: a de reação. A reação agressiva, geralmente, desperta-se no abandono em decorrência da falta de

¹⁵ '(...) Além disto, todos os seres realmente abandonados não se transformaram obrigatoriamente em neuróticos, muito pelo contrário, e felizmente! O termo *abandonnique* parece-me, portanto, mais apropriado para designar o neurótico do qual nos ocupamos, ao despertar a ideia de um estado psíquico dominado pela angústia do abandono, e não a de um fato familiar e social que tenha, obrigatoriamente, uma realidade objetiva.' (Guex, 1984; p.23).

afeto. Trata-se de uma forma de revidar diante de uma situação que não traz conforto e amor, nesse sentido, o usuário sente-se livre para expressar agressividade na forma de degradação e vandalismo. De acordo com Rocha (2010), 'a agressividade só cessa ou diminui se tiverem sido tranquilizados por um ser que o ama.'

Conforme exposto acima, sente-se o abandono em dois campos diversos:

No primeiro, onde identificamos o abandono de forma mais visual e nítida, temos discernimento de seus sintomas também de forma imagética e clara, seja através da sua aparência por rachaduras, lixo, vandalismo, invasão de vegetações, ruínas, etc.

No segundo, encaramos o abandono como além do aspecto visual, que não se encarrega por demonstrar qualquer situação de abandono ou desleixo, encontram-se visivelmente íntegros. Nesse caso, identificam-se seus sintomas a partir das vivências in loco e, principalmente, das sensações que essas experiências despertam no usuário. Nesse âmbito, Germaine Guex (1973) nos auxilia a diferir alguns tipos de síndrome do abandono, os quais identificamos como:

- *Tipo positivo-amoroso;*
- *Tipo negativo-agressivo;*
- *Tipo não-valorizado;*
- *Tipo catastrófico.*

Os estereótipos acima listados possuem a conectividade necessária para estabelecer o contraponto e a coexistência de sentimentos ambíguos em um mesmo lugar do abandono (ROCHA, 2010).

A arquitetura abandonada do tipo *positivo-amoroso* já se encontra em valorização e cuidados, seja economicamente ou culturalmente. Essas edificações despertam visualmente olhares e participam ativamente na paisagem das cidades, são poesia para os olhos.

Nessas arquiteturas o amor está presente de forma nata, seja por sua valorização diante do entorno e por sua perpetuação diante do passado. Essa arquitetura, radiante, conta uma história vívida e cheia de potencial ainda na atualidade. De acordo com Guex (1973, p.42), 'crê em uma reparação possível do passado se o presente lhe proporciona o amor e a segurança necessários'.

Essa tipologia de arquitetura se sustenta, então, no fato de viver ativamente e em entender que os riscos não comprometem sua atividade. No entanto, é importante afirmar que, ainda assim, essa arquitetura do abandono também é instável e volátil e pode variar conforme a realidade externa bloqueia seu recebimento de amor, causando insegurança. Segundo Guex, tais variações são possíveis devido à sua sensibilidade e por alcançar um nível de amorosidade elevado, o que não ocorre nos outros tipos.

O tipo de arquitetura *negativa-agressiva* é provido de rancor, pensa no que poderia ter sido e, não consegue causar amor. Essa tipologia é, portanto, vítima de um passado que não quer ser presente e quer ser esquecido. É uma arquitetura capaz de despertar sentimentos reversos à amorosidade e à compreensão, alimentando a sensação de ódio, perigo e insegurança que um lugar pode causar.

Nasce, dessa arquitetura negativa, o sentimento de depreciação, é incômodo estar diante de algo desgastado em sua origem. O despertar de um sentimento irreparável, no que diz Guex (1973, p.43), 'prisioneiro de si mesmo, confinado em sua reserva, o negativo-agressivo exagera em seu sentimento de que é irreparável todo aquele que segue perdendo o que sua passividade o impede de ter'. Nesse sentido, é um sentimento de não-valor que atravessa sua origem e se reforça no tempo, o dano ocasionado é severo e permeia a sensação de inferioridade, é masoquista.

A 'não-valorização'¹⁶, ao contrário das outras manifestações, não esclarece aparentemente suas faces. De acordo com Eduardo Rocha, 'é capaz de camuflar todos os sintomas visíveis, por ela mesma não ser visível. É uma arquitetura do abandono, mas sem aparência de abandono' (2010, p.146). Esse tipo de arquitetura denota uma autoestima e respeito inexistentes carregados de um masoquismo agressivo, onde nem a própria arquitetura e seus usuários parecem se tolerar mais. Existe, porém, busca se desaparecer através de sua não evidência.

Essa ausência de interesse diante da arquitetura torna-se a principal característica dessa tipologia de abandono, visto que não há interesse de externalizar sensações. Nessa situação, o abandono aparece, principalmente, mediado pelo benefício da dúvida. É impossível detectar, nesse caso, seus sentimentos, trata-se de uma arquitetura que se abandona no campo da percepção distante e sem partido. O abandono pode ser aqui, mais do que nunca, temporal, já que talvez não tenha tido tempo de se abdicar e se tornar notável, provido de amor.

Por último, classifica-se o abandono da arquitetura quanto à possibilidade de catástrofe. Nesse caso, sua conservação já está comprometida e pode ocasionar perigo iminente: o telhado pode desabar, sua estrutura pode ruir, dentre outros. Abandona-se não pela falta de amor, mas por falta de controle e do não saber, trata-se de uma forte possibilidade de ruína. Nesse caso, considera-se também os eventos naturais como causadores de catástrofes. Impera nessa modalidade de abandono a impotência, o não poder prever, não ter como agir diante das intempestividades sem alerta.

¹⁶ Germaine Guex, fala de não-valorização e não desvalorização: 'Com efeito, na maioria dos casos, as circunstâncias traumatizantes que privaram a criança de segurança afetiva ocorreram nos primeiros anos, enquanto todo seu desenvolvimento ainda estava por se fazer, e, por conseguinte, a aquisição do sentimento do valor próprio ainda estava por vir. Não se trata, portanto, neste caso, de um sentimento de valor perdido, mas de um sentimento de valor não adquirido' (1973, p.48).

Diante das classificações, portanto, enfatizam-se sentimentos marcantes e básicos que precedem nessas arquiteturas do abandono: a angústia, a agressividade, o medo e a não-valorização. Através deles derivam todos os sentimentos e pensamentos mais complexos que formam a sintomatologia do abandono, visual ou sensitiva. Escorre também, a possibilidade desses sentimentos em maneira reversa: a repressão dos mesmos, o isentar-se a sentir como forma de manter o que se tem, conservar um estado de inércia. Nesse caso, Guex (1973 p.48), explica sobre a possibilidade de se isentar de suas responsabilidades: se abandonar, deixar-se antes mesmo de ser deixado, destruir-se para não ter que se perder.

3.3. Os cuidados de si e a hospitalidade

A pauta em torno dos cuidados de si, é levantada por Michel Foucault já no terceiro ato de *História da Sexualidade: o cuidado de si*, em 1894. O objetivo desse pensamento de origem greco-romana é conduzir o homem a olhar para si mesmo e dar conta de sua própria conduta.

Dessa maneira, esse pensamento de conhecimento sobre si logo evoluiu para uma questão fundamental: como viver de maneira ética? Enfatizando o campo da subjetividade como força da diferença. Trata-se, então, de uma leitura ética acerca dos cuidados de si, uma forma do sujeito raciocinar acerca das suas próprias capacidades de expressão dentro de um campo subjetivo para tornar a sua existência potente.

Na Grécia, em meados dos séculos IV e II a.C., a experiência da ética através dos cuidados de si, acontecia pela aproximação com os campos filosóficos associado a algumas práticas realizadas para si mesmo como os ritos de purificação, concentração da alma e práticas de resistência. Busca-se, nesse sentido, o sujeito que procura outros modos de vida, uma subjetividade de si mesmo.

Quando Foucault fala em ética, este a relaciona com a arte de viver e não com um código normativo. Nesse sentido, a moral antiga está nitidamente sobre o trabalho de si e versa sobre a melhor forma de viver através de vários contextos: família, corpo, alma. O cuidado de si, seleciona potências e faz com que o sujeito transformado seja dono de si mesmo, conseguindo controlar seus afetos e adquirir um modo de vida diferente dos que vivem escravizados por seus prazeres.

Tal visão de ética promove a estética da existência como seu principal modo de visão e propõe a experimentação e a crítica como caracterização. Através da reflexão de suas atividades realizadas e das práticas de conduta, buscavam uma transformação em si mesmos.

Séculos depois, em I e II d.C., Foucault destaca a noção do cuidado de si como uma espécie de acontecimento no pensamento. Fala sobre uma cultura de si que deveria atender valores com que tivessem entre si certa correlação. Trata-se de valores universais, porém não acessíveis a todos e sim por aqueles que obtivessem técnicas e processos regrados que contribuíssem a um conjunto de teorias e conceitos no campo do saber.

Temos, pois, com o tema do cuidado de si, uma formulação filosófica precoce, por assim dizer, que aparece claramente desde o século V a.C. e que até os séculos IV-V d.C. percorre toda a filosofia grega, helenística e romana, assim como a espiritualidade cristã. Enfim, com a noção de epiméleia heautoû, temos todo um corpus definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade (FOUCAULT, 2010a, p. 12).

Essa relação com o acontecimento no pensamento provém da relação de Foucault com textos da antiguidade e buscam interligar os incessantes cuidados de si com a própria alma e com a busca iminente pela felicidade, já que esta é comum a todos — jovens ou idosos. Contudo, havia uma diferença com relação aos tempos: na juventude cuidar de si, significava se preparar para a vida e, no caso da velhice, significava rejuvenescer e se desprender do tempo através da memória.

Em 1982, Foucault apresentou ainda como princípio necessário para os cuidados de si a independência de tudo que não fosse indispensável e essencial à vida. Nesse intuito, Foucault pretendia que o sujeito se familiarizasse com o mínimo.

Do ponto de vista político e ético, os gregos tomavam a cultura do cuidado de si como forma de garantir o curso de suas cidades. Governar, para eles, implicava em um controle de práticas governamentais associadas e antecessoras ao controle das suas vontades próprias. Nesse sentido, o sujeito governante deveria balizar seus pensamentos, com certa prudência, em busca da verdade e da justiça em si.

[...] a finalidade do cuidado de si, não o objeto, era outra coisa. Era a cidade. Sem dúvida, na medida em que quem governa faz parte da cidade, também ele, de certo modo, é finalidade de seu próprio cuidado de si e, nos textos do período clássico, encontra-se com frequência a ideia de que o governante deve, como convém, aplicar-se a governar, para salvar a si mesmo e a cidade - a si mesmo enquanto parte da cidade. [...] A cidade mediatizava a relação de si para consigo, fazendo com que o eu pudesse ser tanto objeto quanto finalidade, finalidade contudo unicamente porque havia a mediação da cidade (FOUCAULT, 2010, p.76-77).

Por fim, em busca da reflexão de uma biopolítica¹⁷ através da qualidade de vida e da longevidade os dispositivos de verdade de ações políticas sustentam um discurso. No entanto, esses dispositivos agem a partir de uma crescente dependência administrativa e ao controle do biopoder, simultaneamente.

Curiosamente, Fernando Fuão através de *A collage como trajetória amorosa (2011)*, identifica que o espaço deve ser percebido através do indivíduo que o habita, como se ele o portasse e o caracterizasse. Essa percepção acontece através do surgimento do conceito de hospitalidade e

¹⁷ Política em nome da vida / fazer viver.

consegue mostrar que lugares considerados hostis e inóspitos são sim, ainda capazes de acolher. É como se o sentido da arquitetura despertasse a partir da amorosidade, dos cuidados coletivos e das ligações afetivas, sendo possível vislumbrar uma conexão entre 'Os cuidados de si'¹⁸ de Michel Foucault e a 'Hospitalidade'¹⁹ de Jacques Derrida.

As primeiras conversas sobre hospitalidade surgiram em 1996 com ensaios desenvolvidos por Jacques Derrida e demonstravam a ambivalência do termo e da sua ligação direta com a filosofia da diferença. Diferença aqui encarada como respeito à multiculturalidade em todas as formas e às diferenças enquanto diferenças, não como forma de exclusão. Considera-se também a desconstrução como uma forma de hospitalidade no sentido de acolhimento e de uma forma de compreender a arquitetura na dimensão política.

A *collage* surge, nesse contexto, como uma metáfora de uma ética da alteridade através de uma produção poética. De acordo com Fernando Fuão (2017), a *collage*, assim como o encontro do acolhimento, convida as figuras a narrar outras histórias distintas daquelas a que foram destinadas inicialmente. A *collage* se apresenta como uma estética dessa ética da diferença. Como disse Solis:

o ethos, o ético, é visto como a morada, a casa, a rua e a cidade segundo o âmbito da acolhida do Outro. O que tomamos por ético, portanto, é apenas o horizonte de aparecimento da alteridade que, ao invés de compreender a hospitalidade dentro de condições restritas e acabadas, será o espaço da incondicionalidade, o espaço do acolhimento irrestrito ou sem condições (SOLIS, 2018, p.17).

¹⁸ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 3 - O cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque: revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985;

¹⁹ DERRIDA, Jacques. De l'hospitalité (avec Anne Dufourmantelle), Paris, Calmann-Lévy, 1997. (ISBN 978-2-7021-2795-7).

Desde Derrida, a hospitalidade se apresentou como um importante componente para compreendermos a cidade e a arquitetura, principalmente por serem lugares da comunicação, da troca e da produção de criatividade. Sob a ótica da hospitalidade, podemos compreender um lugar não somente como hospitaleiro ou inóspito, mas como uma possibilidade de desvendar a arquitetura, seja em seus materiais ou seus componentes, na sua familiaridade. De acordo com Fuão (2014, p.43): 'Há um sentido de acolhimento em todas as coisas no mundo'. O acolher no mais básico de seus sentidos inclui o outro, pensar no e pelo outro. Acolher e ser acolhido.

O tema da hospitalidade mostra que lugares considerados hostis, inóspitos, sinistros são ainda capazes de acolher, que há hospitalidade dentro da inhospitalidade e vice-versa. Curiosamente, a hospitalidade coloca o tema do espaço não no espaço, mas no indivíduo, como se ele próprio portasse a hospitalidade, o próprio espaço. Como se o sentido não estivesse no espaço ou na arquitetura, mas sim nas próprias pessoas, nas ligações afetivas, e para além das pessoas, na amorosidade, e esse talvez seja o primeiro sentido da arquitetura (FUÃO, 2014, p.1).

Nessa condição de amorosidade como sentido da arquitetura da hospitalidade, Fuão nos põe a pensar sobre a ética da alteridade, de observar o outro como o portador da diferença, de enxergar a relação análoga entre hóspede e hospedeiro, compreendendo que essa relação é mutável e extremamente relacionada ao sentimento de amor em sua subjetividade, ponte de conexão de todos os pensamentos, atos e políticas humanas.

Em sentido análogo à amorosidade, a hospitalidade também é lugar do inimigo e do hostil. Em seus encontros típicos presumidos na hospitalidade, caminham lado a lado com o hóspede

também o lugar para o estranho e para a abominação do diferente. E é nesse sentido que hospitalidade e hostilidade caminham juntas e dão sentido à expressão *hostipitalidade*²⁰.

Nesse movimento do acolhimento, não é possível pensar a hospitalidade sem considerar uma situação específica, um acontecimento e nem sem a existência de uma pessoa que espera a chegada de outra. Há uma figura de espera e de outro que está louco para chegar: o errante. O lugar aqui não é pertencente a ninguém, mas é acolhido por todos. Curiosamente, a hospitalidade dá sentido ao indivíduo como portador da hospitalidade, não no espaço.

A hospitalidade nunca é um terreno vazio, um loteamento do espaço e de um lugar, a hospitalidade é uma relação entre pessoas, os “ambi(entes)”, o lugar que edifica o lugar. A pré-figuração do espaço, o projeto é um ponto de partida que pode dar certo ou não, nunca um ponto de chegada (FUÃO, 2014, p.53).

É como se o espaço do abandono não prevalecesse sobre a humanidade, pois sem a relação do lugar com a chegada do hóspede o encontro não acontece. E hospitalidade é somente sobre encontro, chegada, vazão, espera, não de território.

Urbanisticamente, o que rege a hierarquia formal interna de uma cidade e a sua relação com as demais cidades no mundo é sua classificação perante a segregação, seja ela espacial, social ou econômica. Nesse sentido, o abandono configura um tipo de segregação regida pela definição dos usos — ou alteração desses — no espaço. E é justamente na alteração desses usos, na imposição

²⁰ Termo de origem em Derrida e explanado por Dirce Solis: ‘a hospitalidade combina, então, *hostis* + *pets* (*potis*, potes, potência). Configura-se, então, uma questão de poder. Assim, há o hospedeiro, aquele que exerce o poder e recebe o estranho, o dono da casa, digamos. E há o hóspede, aquele que é recebido. Mas ao mesmo tempo, há uma disposição originária, há uma quebra da simetria, essa expropriação originária acaba por fazer do sujeito um anfitrião, mas também o hóspede se converte em refém’ (SOLIS, 2005).

da diferença de um lugar que começa a ter sentido a hospitalidade, quando a ordem 'natural' das coisas é desafiada.

Nesse sentido, apropria-se das palavras de Fuão (2014) e Foucault (2010a) nessa pesquisa, para dar voz à hospitalidade e dos cuidados de si aqui não tratada como um ponto de vista romântico ou turístico, mas sim de uma afetividade perdida no tempo, fundadora do espaço da arquitetura e da cidade, e se desvela e se reinventa hoje, através da ética do indivíduo, também no espaço da informática, no mundo da internet e da comunicação. Ele diz ainda, em palavras mais diretas, sendo a hospitalidade que funda a cidade e a rede de comunicação. O lugar que dá lugar ao lugar.

4. A CARTOGRAFIA URBANA

A cartografia apropriada nessa pesquisa é a formulada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, através da obra *Mil Platôs* (1995). Ambos filósofos da diferença, com o intuito de acompanhar um processo e não de apenas uma representação. Nesse processo, os autores designam a cartografia urbana como um princípio de rizoma²¹, por sua experimentação performática, referências e conexões com a realidade, porém com múltiplos sentidos, significados e sistemática acêntrica.

Essa metodologia²² é reversa as tradicionais, uma vez que aposta na experimentação através do pensamento, de mesmo rigor aos métodos tradicionais, porém com um sentido de ressignificação e de rigor com os movimentos da vida a ser intervencionada. Essa reversão impõe o caminho não para alcançar metas, mas como forma de traçar suas metas e intervencionar conjuntamente com o objeto de pesquisa (KASTRUP, PASSOS, & ESCÓSSIA, 2009).

Utilizando das práticas de mapear, desenhar, fotografar, filmar, narrar e dialogar foram cartografados as coexistências e sensações gerados no lugar do abandono, com ênfase na localidade de Minas Corrales — UY. Compreendendo o espaço urbano como produtor de subjetividade — na relação espaço-corpo —, sempre no (em) processo.

Nesse vértice da produção de subjetividade múltipla, Felix Guattari evidencia os movimentos transversais do rizoma, no conceito de transversalidade, onde se reconhece a produção da multiplicidade, para a atenção à diferença e a singularização. Nesse sentido, abandono de Corrales

²¹ O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva-daninha (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 15).

²² A cartografia como metodologia acadêmica é quase um i-método, não método no sentido tradicional. Contra-método, porque manda o pesquisador para campo, acompanhar processos.

não poderia ser classificado, organizado ou apenas categorizado, tal fato acarretaria uma micro revolução arquitetônica-filosófica. Uma explosão de devires flexíveis que transitam por conhecimentos desvinculados da tentativa de homogeneização, de padrão para o reconhecimento múltiplo e da diferença, sem compromissos com a reprodução do igual.

A transversalidade parte do princípio que há um plano em que toda a realidade entra em comunicação e transita entre conceitos e dimensões de diferentes disciplinas ou saberes, o que implica na ideia de movimento multidisciplinar e atemporal. Não por acaso esse conceito é rizomático, pois apresenta também mobilidades e conexões em todos os seus segmentos.

[...] o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa conduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diferente três, quatro ou cinco etc. Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.32).

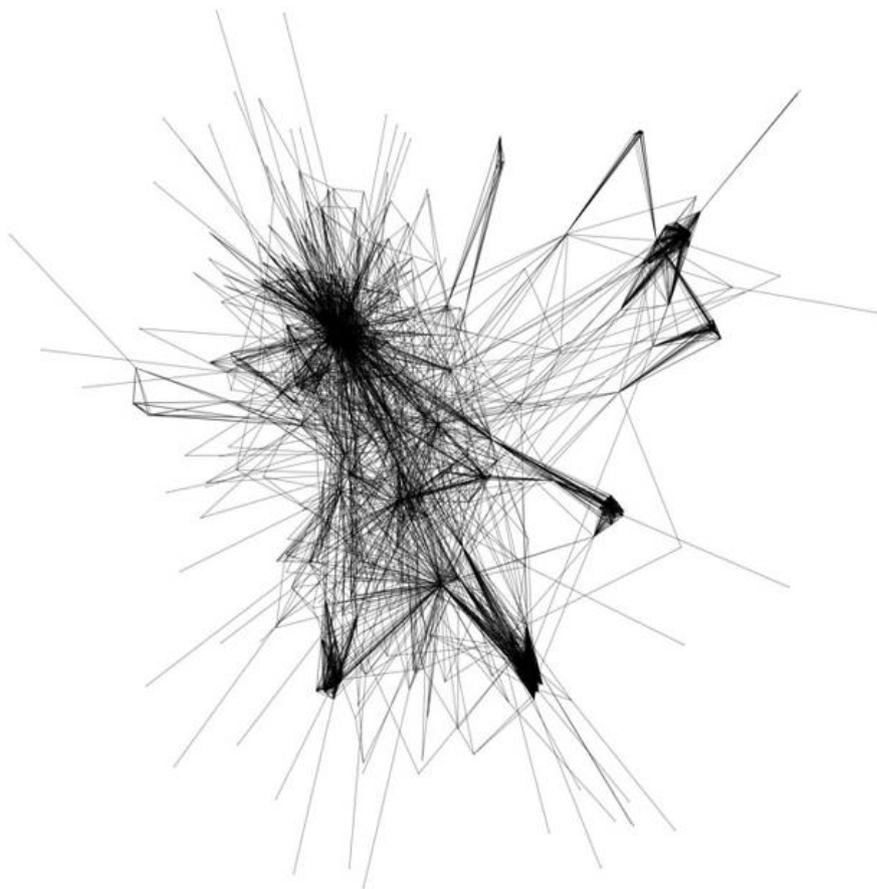


Figura 03 – Exemplo de rizoma por Ian Pearce. Fonte: <https://www.urbagram.net/microplexes/>

O cartógrafo, os pesquisadores e habitantes, acompanham processos em curso. A cartografia, como pesquisa de campo, habita o território e entra em contato com o outro, utilizando artifícios próprios da etnografia e da observação participante (KASTRUP, PASSOS, & ESCÓSSIA, 2009).

De acordo com Guattari, 'As cidades são imensas máquinas produtoras de subjetividade individual e coletiva' (2000, p. 172). Experimentar o abandono (material e imaterial) compõem a experiência humana sob os mais variados aspectos. Os contatos humanos com essa experiência — a partir do que fala Guattari numa certa materialidade diante dos estudos em arquitetura e urbanismo, através dos espaços urbanos — como os parques, praças, ruas e vazios podem cada um, a seu modo e de diferentes maneiras, interpelar os cidadãos gerando experiências subjetivas. Portanto, cartografar os territórios (zonas de experiência) é dar voz a expressão da materialmente da multiplicidade do ser.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como ação política ou como uma meditação (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 22).

Para De Certeau (2000, p. 34) as práticas cotidianas possuem uma peculiar criatividade a fim de revolucionar as formas padronizadas de viver, essas são impostas pela comunicação, publicidade, espaços geométricos e por instituições do desenho urbano na cidade. Dessa forma, a noção prática é essencial para a aproximação com a vida cotidiana.

Neste contexto, cada ser humano ou grupo de pessoas possui formas diferentes de gerar o seu espaço urbano cotidiano, que desenvolve e, às vezes, condiciona essa mesma produção. As práticas não se sucedem na cidade, mas a cidade, por imposição, acaba por se suceder, se repetir

como continuidade na urbanidade. Então, os espaços urbanos não podem ser simples telões de fundo. O espaço urbano é um produto cultural-econômico, uma produção social derivada, por sua vez, de práticas sociais inseparáveis de sua dimensão, e é nesse contexto onde se diluem e se subvertem qualquer controle e modulação preconcebida ou abstrata.

Cartografar os espaços urbanos consiste em cartografar a contemporaneidade nas cidades. Cartografias urbanas e sentimentais.

Para os geógrafos, cartografar é sinônimo de comunicação e análise. Por pressuposto, cartografia implica comunicação. É um elemento de comunicação e uma comunicação visual. Não só visual, como imagética, fílmica, sonora, ou dos sentidos, das sensações. De localizar e sentir o mundo. Cartografia é também um desenho, é topografia, é fotografia, é psicologia; é, portanto, a união de todos esses elementos com a intenção de comunicar algo. Por conseguinte, a comunicação é algo que permeia todo o processo cartográfico (MARTÍN-BARBERO, 2002).

A cartografia como elemento de comunicação distorce a realidade, mas toda a mensagem é uma mensagem distorcida do real, nenhuma é isenta. Toda ela é política. Precisamos, no entanto, saber qual é a política de nossa cartografia, quais as minhas escolhas, meus caminhos e meus dejetos. Cotidianamente todos usamos mapas, nem que sejam mapas mentais, aqueles que se conformam na medida em que nos localizamos em determinado território. Ler mapas impõe um esforço mental, pressupõe experiência. Um mapa só adquire sentido quando se propõe trabalhar, estudar e decifrar os seus signos. É preciso, na montagem ou leitura de um mapa, estar à espreita, reparar, espiar, reinventar e, de alguma forma, sentir a vida que passa pela rua, praça, parque ou vazio urbano.

A palavra cartografia está diretamente ligada a mapas, desenhos em duas e/ou três dimensões realizados no meio digital e podem ser tanto impressos como virtuais que identificam um

espaço, seja ele geográfico, conceitual ou imaginário. Mapas são formas de análise, de comunicação visual, imagética, sonora e sensitiva. A cartografia, além de cumprir o papel de comunicar é fotografia, psicologia e desenho. A cartografia de um local é determinada por um aglomerado de mapas experienciados de maneiras diferentes, pois cada um possui seu objetivo específico e sua maneira única de representação.

Para Guattari e Deleuze (1995) a cartografia transcende a representação de um objeto, ela acompanha todo o processo. Por ser um método rizomático possui uma experimentação que conecta diferentes áreas. E, por ser um elemento móvel, possui muitas entradas sem um sentido único, ou seja, suscetível a constantes modificações (PAESE, 2016).

A cartografia sensível, qualitativamente, é o modo de acompanhar os processos e não o de quem busca respostas ou motivos pré-estabelecidos. Os mapas resultantes dessa cartografia expressam os diversos cotidianos, das vivências e trocas que acontecem durante a errância percorrida nos abandonos. E a complementação dessa cartografia pode se apoderar de fontes variadas além das escritas-teóricas-conceituais. Os operadores conceituais podem surgir de filmes, de narrativas com moradores, de uma música, leitura e outras singularidades.

4.1. Pedagogia da Viagem

A ideia de pedagogia da viagem no livro *'Cross-cult: desenho urbano'* em 2017, e, de acordo com os autores, essa viagem acontece pelo universo da descoberta, além da viagem exploratória, mas uma constatação de certos aspectos que estavam ali — ocultos. A viagem embora ocorra por trajetos conhecidos — 'porque de certa forma conhecemos para aonde vamos' — nos mostra novas e diversas possibilidades de caminhos a seguir (pensar). Esse trajeto abre lacunas para seguirmos

nossos próprios caminhos e reorientar criticamente nossas concepções (cartografia). Assim, a ideia disseminada pelos autores propõe dividir a experiência da pedagogia da viagem em 3 partes: a bagagem antes da viagem, a preparação das malas com as intenções da viagem; e o ato de viajar e estarmos abertos à novidade, carregando coisas pelo caminho e deixando outras e; por fim chegar, desfazer as malas, com todas as coisas coletadas com as que levamos. Sobre essas coisas, cria-se a necessidade de organizá-las, pensá-las, saber o que guardar, o que dar, o que presentear, o que devolver e o que esquecer.

Existe na pedagogia da viagem a coexistência entre o pensar e o escrever. A escrita age como um atestado do pensamento. Uma vez que o pensamento é orgânico, vai e volta, segue outros caminhos, entra em atalhos, atravessa barreiras, erra passagens e flui com a vida.

A pedagogia da viagem, aproximada em Popkewitz (2001) nos indica que devemos buscar perguntas, as respostas não as extinguem ou reduzem. 'Que nem o homem, nem a vida, nem a natureza são domínios que se oferecem espontânea e passivamente à curiosidade do saber' (FOUCAULT,1987,p.87).

Seria, nesse contexto, a pedagogia da viagem o lugar do entre, da fresta nas cidades e nas concepções de qualidades de um lugar próspero (ou não). Por outro lado, essas experiências no entre, são do que se agita na fresta, 'o sentido é apenas um vapor movendo-se no limite das coisas e das palavras' (DELEUZE, 2006, p. 225). Assim mergulhar no mundo da viagem no interstício das cidades é da ordem da complexidade e das multiplicidades. A pedagogia da viagem por frestas permite a experimentação, o descobrimento e vivência de novas relações, possibilitando quem sabe relações menores, desterritorializantes, provocando novos encontros e acontecimentos.

A partir da pedagogia da viagem, desenhamos mapas, entrevistar, fotografar, filmar, narrar experiências e praticar intervenções nas localidades propostas para análise do abandono. Para

analisar e decompor todos os materiais coletados e produzidos será feito uso, além da própria cartografia urbana, dos métodos de análise morfológica e de conteúdo.

4.2. Caminhografia Urbana

A cidade pode ser descrita do ponto de vista estético-geométrico, mas também do ponto de vista estético-experiencial (CARERI, 2013, p. 159).

Por intervenção da experiência, busca-se a promoção dos encontros através da prática da caminhada cartográfica-estética como ato de criação, sugere-se a produção de mapas capazes de acompanhar um processo experiencial. A cartografia como forma de incitação do movimento.

Careri (2013) encara a experiência como um jogo, uma prática da *transurbância*²³ e acompanha 4 premissas. A primeira é responsável por anunciar que todo território é caminhável e encara como rompimento da distinção entre espaços públicos e espaços privados. A segunda premissa propõe um rompimento direto com a obviedade, nos intimando ao não planejamento de percursos, a escolher caminhos menos diretos e não óbvios. É um convite explícito ao *andare a zonzò* ('andar à toa') — e perder-se no tempo, do caminhar como forma de ver paisagens e, sobretudo, de produzi-las através de uma conquista da cidade.

²³ Expressão criada por Francesco Careri, membro fundador do grupo Stalker, '[...]que não seria um andar pelas ruas conhecidas mas um atravessar destes outros territórios urbanos, um tipo de travessia, como o atravessar da zona mutante do filme homônimo' (JACQUES, 2013).

Já a terceira premissa expõe que não é possível voltar pelo mesmo caminho, pelo mesmo motivo que não há possibilidade de adentrar um mesmo rio duas vezes — considera-se a mudança das águas nesse meio tempo e, também, a transformação pessoal. Nesse sentido, essa condição impõe ainda mais a importância das outras, uma vez que transcende ainda mais o processo pela busca da trajetória e do andar sem rumo.

Por fim, a quarta condição rompe com todas as anteriores, informa que a trajetória em si portanto, a criação de mapas, não possuem regras e ficam em um plano comum na composição cartográfica: o que privilegia a liberdade do ser e a sua busca interna constante. Nesse sentido, as metas são criadas e regidas ao longo do caminhar e através da experiência.

O grande jogo do caminhar transurbante seria, então, buscar esses espaços nômades, opacos, lisos, dentro da própria cidade luminosa – espaço estriado por excelência. Ou como diz Francesco Careri, o jogo seria buscar a “cidade nômade que vive dentro da cidade sedentária” ou, ainda, buscar a Nova Babilônia que “vive nas amnésias da cidade contemporânea” (JACQUES, 2013, p.13).

Nesse sentido a *caminhografia*²⁴ (*caminhar+cartografia*)²⁵ incita a prática da errância urbana, o caminhar sem rumo, o errar e perambular de forma artística e rizomática em busca do

²⁴ Palavra cunhada por Eduardo Rocha (2019), quando do seu estagio pos-doutoral na Università degli studi Roma Tre/Italia, supervisionado por Francesco Careri. Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/caminhografar/>

²⁵ Caminhar: ‘O Dada descobrira no coração turístico de zozzo a existência de uma cidade banal e do cotidiano onde descobrir continuamente relações inesperadas; com uma ação de atribuição de valor estético, o *ready-made* urbano revelara a existência de uma cidade que se opunha tanto as utopias hipertecnológicas da cidade futurista como à cidade pseudocultural do turismo’ (CARERI,2006, p.163). Cartografar: ‘O mapa é aberto, é conectável em todas as suas

encontro e aliado à produção de mapas. Encontros capazes de denunciar aqui a surrealidade dos abandonos e de suas potencialidades. A errância não resulta de um comportamento imperfeito ou de um acontecimento passageiro; 'ela participa da construção íntima do ser-aí a qual o homem historial está abandonado' (HIDEGGER, 1984, p.142 – 143).

No sentido da promoção do encontro, Luiz Orlandi (2014) defende a pluralidade e a exposição a reviravoltas capazes de tirar de órbita e sair dos eixos do princípio da caminhada. Como se a experiência, a partir desse ponto fora do eixo, fosse extraordinária. Defende também que cada transeunte possui uma forma diferente de expressar essa “dobra” em meio ao caminho e que isso torna a experiência do encontro ainda mais única e fora da curva tradicional.

De modo empírico, Deleuze busca comparação na literatura de Shakespeare, onde em Hamlet acontecem situações inesperadas que subvertem o curso normal das coisas, as dificultando e passando a sensação de um tempo que não se reconcilia entre si. É o que denota a expressão “o tempo está fora dos gonzos”²⁶.

O tempo tem realmente saído dos eixos, e é nesses percalços que se pretende experienciar a linha que destoa do todo. O caminhar complexo para encontrar a si mesmo na poética própria do pensamento e dos acontecimentos e encontros que constituem o abandono no tempo — no seu próprio tempo.

dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação” (DELEUZE, 1995, p.21).

²⁶ Shakespeare, Hamlet, I, 5 (“The time is out of joint”).

4.3. Procedimentos metodológicos

4.3.1. Diário de campo

Como cartógrafos, nos aproximamos do campo como estrangeiros visitantes de um território que não habitamos. O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos (KASTRUP, PASSOS & ESCÓSSIA, 2009, p.60).

O diário de campo, na performance da cartografia, é um instrumento essencial que nos permite formalizar uma memória material de uma caminhada, seja um registro sobre as leituras, conversas e pensamentos provocados pelo ato da experiência em campo. Tal documento nos permite 'transversalizar' informações e conhecimentos em experiências que se transformam em saber e em modos de partilha e conexão.

Essa forma de registro nos liberta da do texto científico regado e formal propriamente dito e nos abre espaço para relatos, narrativas e percepções sobre o espaço a ser vivenciado e as coisas mais simples da vivência particular de um abandono que podem ser transcritos em documento não somente em forma de texto, mas também de mapas, desenhos e cores.

[...] a confecção de um relato muito especial, onde é preciso transmitir o que se observou na pesquisa. Nesse relato o etnógrafo deverá dar conta não só do que viu e viveu, falando em seu próprio nome, mas também do que ouviu no campo, do que lhe contaram, dos relatos dos outros sobre a sua própria experiência (CAIAFA, 2007, p.138).

Esse dispositivo íntimo é primordial para a captura de lembranças da pesquisadora no processo de pesquisar, nos encontros, desencontros e surpresas vivenciados no trajeto de viagem. Instiga a união de diversas vozes e sentimentos presentes no momento, dando visibilidade aos movimentos e os registrando em pequenas narrativas diárias, essenciais nas suas restituições para a composição de resultados e análise das implicações que se cruzam no trabalho da pesquisa.



Figura 04 – Diário e a captura de lembranças. Fonte: autora.

4.3.2. Diálogos do abandono

Dia 1 - 05/12/2019

ERA dia de arrumar a bagagem física e mental para embarcar em uma viagem de conhecimento e descobertas.

[...] Logo na chegada à Santana do Livramento, primeiro destino de encontros que tínhamos em mente: o 'entre', onde as diversidades culturais faziam mistura, antes de seguir para o destino Cuñapirú - Corrales, partimos para um almoço com Eduardo Palermo, historiador ao qual mantive contato prévio no 'pré-viagem', e a arquiteta da prefeitura Andrea. Esse encontro foi um norte, um apontamento para seguir destino e guiou para que seguisse conversa com Hugo González (assessor do alcade de Corrales).

Após almoço pegamos um táxi em direção ao "Rent a car", onde alugamos um carro para iniciarmos nosso percurso em direção ao Norte do Uruguay. Da locadora saímos em um Fiat Uno em direção à "Ruta 05", onde fomos abraçados fortemente por uma paisagem imponente digna de cartões postais. Essa paisagem passava como se fosse um guia em direção ao nosso destino.

ENQUANTO ENTRÁVAMOS NAS CURVAS ESTREITAS, lembramo-nos do quanto fomos alertados sobre as "perigosas, fechadas e esburacadas" curvas e estradas que perdiam seu requinte e manutenção ao passo que se aproximava do interior do país, ao qual almejávamos o encontro.

Mais do que preocupação, o sentido de alerta e euforia tomava conta sobre os avisos constantes que recebi que logo se perceberia a chegada da 'Ruta 29', onde os cerros achatados seguidos por vales e mais cerros ganhavam enfoque e demonstravam de cara a riqueza da região. E que energia vibrante, imponente e majestosa passavam os cerros, estes que demonstravam ser pórtico, entrada, abertura e fresta antes mesmo de ser rocha guardiã de grandes preciosidades.

Junto aos cerros, por frequentes vezes, uma vegetação massiva e ordenada tomava frente, planejada e de diagonais retilíneas... quase que formando direções até o outro lado. Mas que outro lado? Será que tamanha horizontalidade esconderia, ao fim de tudo, a forma não ordenada, assimétrica e desvalorizada de um povoado rico?

Ainda pelo caminho, já em torno das 17h da tarde do mesmo dia 05/12/2019, passamos por uma ruína que, ao meu prévio conhecimento parecia a ruína de Cuñapirú (distante no tempo, espaço e velocidade naquele momento). Na sequência passamos para mais algumas situações de abandono

e entramos no que parecia ser a avenida principal do povoado de Corrales. Seguimos via até o Hotel Artigas, nosso ponto de referência para hospedagem, onde fixamos chegada às 18h e 06 minutos...

[...] em seguida saímos a pé pela Avenida Principal para um primeiro contato com a experiência do caminhar sem rumo. Logo no princípio do perambular, notei a imponência dessa avenida e a importância que ela ostentava... com duas faixas e canteiro central. Aparentemente se tratava da parte mais nobre da cidade, apesar de encontrarmos alguns imóveis em situação de descaso/abandono.

Notamos um senhor sentado à frente de uma residência, tomando mate. Foi então que decidi fazer contato com ele sobre as impressões do local e sua vivência. Em meio a conversa sua esposa saiu de moto e "tocamos" algumas galinhas que pertenciam a ele para dentro do seu pátio. Em meio a tanta conversa, me senti à mercê da descoberta de um lugar menor, de hábitos familiares e de um valor cultural local muito forte que clamava por descoberta [...]

A narrativa acima inserida, resulta das primeiras linhas de meu diário de campo (importante dispositivo do cartógrafo e que, abaixo, será melhor enfatizado) e inserido com o intuito de propagar ao leitor a importância do processo, o tão comentado na metodologia da cartografia, mas que também é planejado no seu processo de encontro — parte-se da caminhada pela procura, para assim determinar os próximos passos.

Contando os passos incertos, detalhados e perambulantes do processo de viagem até a cidade e posteriormente seu caminho pela avenida principal e, durante todo esse processo, demonstramos a captação de sentimentos, imagens, paisagens e uma infinidade de características que vamos tomando afinidade e tomamos o fôlego de qualquer um que estivesse atento ao percurso, para então descobrir onde chegaria.

O primeiro diálogo que posteriormente transcrevo um trecho abaixo — e é também citado nas anotações com um toque de sentimento e intimidade, só foi possível graças à entrega do pesquisador à cidade, à população e ao momento inserido e, não seria possível ter barrado com tanta naturalidade quanto da programação do acaso — desprogramado. Capta-se, dessa maneira, o inusitado, mas também o vivido e desprezioso. Escuta-se e se pergunta nesse diálogo conforme o assunto corre, sem um início — meio — fim regrado e estipulado, mas se tem a curiosidade de descobrir o inusitado, o sem rumo.

Pesquisadora: O senhor percebeu bastante essa queda da economia e redução da população na cidade após o fechamento da atividade de mineração?

Morador local: Ah sim, o comércio caminhou melhor né... aqui sempre foi um povinho típico que pagava muito dinheiro, o custo de vida era muito caro e é, em Livramento e Rivera é tudo metade do preço. Agora até os aluguéis aqui ficaram mais baratos porque o salário se tornou pouco e muita coisa vagou pelas pessoas que foram embora. Um emprego na polícia, na UTE agora nem se compara ao que era o trabalho na mina, muito mais valorizado.

Pesquisadora: O senhor acha que tem possibilidade de voltar à atividade mineira na região?

Morador local: Não sei, diz que vem uma companhia nova pra comprar, mas não acredito... é uma inversão muito grande.

²⁷ Entrevistas realizadas, transcritas e traduzidas pela autora.

Pesquisadora: Os trabalhos nas minas eram passados de geração em geração?

Morador local: sim, sim... mas tinha que ter muito currículo para conseguir, tinha muita gente de fora... eles vinham com tudo já montado. Para arrumar um trabalho hoje não é fácil, quando entrei na polícia não te pedia muita coisa... agora pede sexto ano de liceu. Eu trabalhei na mina, cuidar gente que entrava, revisar, fazer barreira pros caminhos, pra entrada de veículo...

Pesquisadora: E o senhor gostaria que voltasse, reativasse a mina? Quais as suas lembranças?

Morador local: É bom pro povo né, pra muita gente. Tenho boas lembranças da época, um bom dinheiro. Sempre olhei pra frente, com o dinheiro que vou ganhar aí de hora extra vou comprar tudo que me faz falta. E a cidade melhorou muito, o comércio.

Pesquisadora: E agora virou uma localidade turística?

Morador local: Não. O que vai vir fazer? Só dar uma olhada, mas o que vai olhar aqui? Não tem visitaçãõ, só deve ter alguém que cuide. Se foi uma coisa legal aí que dava lucro pra toda vida, moro aqui desde 1974, acompanhei toda evoluçãõ.

4.3.3. Recortes fotográficos

[...] os fotógrafos manipulam a cidade, retirando as pessoas. Mostram a cidade como desejariam que ela fosse. De qualquer modo, a cidade não é independente do observador. Ao contrário, é o alvo da flecha do observador. Obviamente, não existe a cidade sem as pessoas, nem a arquitetura sem os seus moradores. Não existe objeto sem sujeito, do mesmo modo que não existe sujeito sem objeto. Essa inversão da relação objeto-sujeito é totalmente anti-humanista, porque retira o homem da cena. Nesse sentido, as fotografias são documentos de uma intenção (FLUSSER, 2014, p. 13).

O mundo da fotografia ideal, principalmente à dos cinemas ou a que assombrava a Europa nos 80, já era relatada por Fernando Fuão em 2008 às margens do filósofo Vilém Fusser, acima citado, em que apontava para a falta da personificação humana nas imagens repercutidas das cidades e da arquitetura, cidades moldes e também fantasmas.

Interessa-se aqui recorrer à fotografia como forma de captar a cidade visível em seu estado pleno de utilização e vivência — e não a invisibilidade, a projeção; como cenário e participação essencial para a manutenção da vida de uma comunidade e população. Não se interessa, então, em “maquiar” a cidade para que apague ou disfarce sua história cotidiana personificada. A cidade como forma de afirmar a existência e a fotografia.

Busca-se, a fins de complemento nesta pesquisa, utilizar recortes fotográficos com o melhor enquadramento de captação do cotidiano do abandono na cidade de Corrales — Cuñapirú que sobrevive às margens de sua população restante e de sua memória — visível às lentes. E enfatiza-se também as diferentes percepções que um usuário pode ter acerca do exposto e se deixa livre

para capturar e dar visibilidade às cenas cujo momento o sensibilizou, podendo um momento ter diversos pontos de enfoque a depender do protagonista que o visualiza.

As imagens que definimos dessas arquiteturas do abandono – fotografias ou filmes, por sua vez, carregam a história do fotógrafo que definiu o melhor enquadre de uma paisagem e das pessoas cujo momento existencial foi eternizado num registro fotográfico, mas também os recursos do equipamento técnico que foi utilizado, a sensibilidade da película fotográfica, a própria luz, a potência inorgânica que se entrelaça com a própria vida, enfim, tudo isso agenciado e produzindo um acontecimento vivo, exprimindo-se enquanto duração no aqui-e-agora (ROCHA, 2010, p.164).

4.3.4. Mapas Sensíveis

Olho o mapa da cidade. Como quem examinasse. A anatomia de um corpo. É que nem se fosse o meu corpo! (Mário Quintana).

Ao olhar um mapa da nossa cidade ou de lugares que intimamente nos inserimos e nos grifaram a atenção como se fossem nossos, como se de alguma forma nos representasse ou trouxesse algum sentimento de pertencimento ou até de não pertencimento. O fato é que ao longo da trajetória geográfica, histórica, filosófica e todas as diversas disciplinas que nos barganham conhecimento na atualidade, a composição de mapas (sejam artísticos, mentais, racionais, imagéticos ou geográficos) nos auxiliam ao longo da eternidade e nos vinculam de alguma forma a uma espécie de território, lugar de algum encontro.

Não diferente, a cartografia possui uma relação de interdependência com a produção de mapas, assim como os mapas se articulam por meio da caminhada-experiência que a cartografia nos propõe. E nessa linguagem híbrida que a arte dos encontros pelo caminho cartográfico nos proporciona, cabem os registros artísticos e sensoriais da criação de mapas como suporte da expressão.

E é no ato de registrar o não oficial que nos deparamos com os territórios da diferença, lugares da subversão do abandono e da reinvenção. Trata-se, a partir de então, de um jogo em que o personagem principal não está em foco, mas é cenário para a captura do não previsível, da cultura mistificada que emana dos encontros descartados, no além-mapa.

Também longe dos mapas turísticos e clichês que buscam dar foco e retratar o que está em primeiro plano, os lugares já pensados de alguma forma por algo e alguém, essa pesquisa busca mapear retratos de forma artística e relatar os dialetos particulares de um povoado em abandono que dispensa ensaios de uma vida cotidiana que está longe de ser simples. Nesse contexto, o turismo se envolve na miscigenação de uma cultura pouco única, mas de uma mescla que se originou histórica, social e economicamente na região e que, na atualidade, perdura diante da espera e da errância de novos encontros.

Nesse sentido, trazem-se as ponderações acerca do tornar visível o impermeável e intangível acerca de uma literatura menor de um povoado à beira do abandono, mas com tantas potências quanto sua cultura é vasta e imponente. Cultura do ouro, como já contextualizada histórica e economicamente no decorrer deste texto. Nessa cultura de mapear o impossível, toma-se por linha os *aerocarris* tão inovadores para a época, capazes de transportar não somente uma riqueza sólida e consolidada no mundo, mas a prosperidade de um povoado, quilômetros acima de suas próprias terras, reluzindo amarelo e contrastando sob um céu infinitamente azul.

Assim, os mapas sensíveis, nesta pesquisa, possuem o papel de desvendar e formular uma composição das experiências vivenciadas através da conciliação do repertório teórico, do diário de campo, dos diálogos no local, das fotografias que podem ser expressos em *collages*, textos, mapas, desenhos, poesia, etc.



Figura 05 – Collage de captação de percurso – linha de aerocarrils. Fonte: autora.

Fuão (2014) já dizia que a natureza é o acolhimento incondicional, acolhe sem ao menos perguntar da possibilidade de acolhida. Nesse sentido, as linhas do mapa acima tentam captar, nessa pesquisa, a força da natureza perante o assentamento de um povo, porque tornar aquele lugar terra de sua vivência diária? O mapa acima versa sobre a natureza impondo suas saliências, seus recursos e se conduzindo lugar de morada a quem não tinha chão. Os pontos de minérios imponentes no mapa

geográfico e histórico delimitam para essa pesquisa a forma que se compara à ‘enseada e a ilha’ em que Fuão representa como uma das dobras do acolhimento e que, na história de Corrales, acaba por estabelecer uma poligonal irregular e com distanciamento necessário de sua paisagem mineira.

Finalmente, essa colagem em sua totalidade tenta resumir o que tem de fato importância e influência para a autora: a conexão entre o lugar e os não-lugares, agora passíveis de mapeamento e encontro; o pioneirismo da época a despeito da agilidade de produção e, mais-que-tudo, a forte relação estabelecida entre arquitetura, poética, filosofia e história. Exemplifica a união de um povo que pulsa e vibra em diferentes ondas, como a imagem em si se auto representa, que corporifica suas experiências e encara “*no vento da madrugada, ser um pouco do nada... invisível, delicioso*”, como Mário Quintana nos guia vivenciar a cidade no poema abaixo:

O mapa

*Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...*

(É nem que fosse o meu corpo!)

*Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...*

*Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)*

*Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso*

*Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)*

*E talvez de meu repouso...
(Mario Quintana).*

4.3.5. Análise

A cartografia não possui a intenção de anular os métodos tradicionais de estudo, mas sim, apropria-se desses para engrandecer seu processo de pesquisa e intervenção. Com isso, será utilizado, nessa pesquisa, a análise morfológica tradicional, ciência que estuda as formas, interligando-as com os fenômenos que lhes deram origem. Lamas (1993), aponta três pontos indispensáveis à morfologia urbana: o estudo da forma do meio urbano nas suas partes físicas exteriores, e na sua produção e transformação no tempo; o estudo da divisão do meio urbano em partes e da articulação destes entre si com o conjunto que definem; o estudo dos níveis ou momentos de produção do espaço urbano.

A organização dos elementos morfológicos constitui e define o espaço urbano, relativamente à materialidade dos aspectos de organização funcional quantitativa e dos aspectos qualitativos e figurativos. São considerados como elementos morfológicos do espaço urbano o solo, edifícios, lotes, quarteirão, fachada, logradouro, traçado da rua, praça, monumento, vegetação e mobiliário urbano. Esses elementos serão analisados a partir do desenho tipo figura-fundo, que cria a possibilidade de visualizar os elementos construídos através do preenchimento da cor, enquanto os vazios serão mantidos em branco, de modo a exaltar os sólidos e vazios existentes pelo desenho em duas dimensões.

Os mapas figura-fundo podem ser elaborados para tratar de diversos temas como espaço edificado, espaço não edificado, vias de acesso, recuos das edificações nos lotes, usos do solo, parques e praças, e até mesmo, o ritmo da fenestração das fachadas, etc. De acordo com Lamas (1993), os estudos em arquitetura devem estar presentes e intervir, qualquer que seja a escala ou o tempo de intervenção, desde a vasta região à pequena habitação. Dividir os mapas em objeto

(construído) e espaço (não construído), possibilita uma comparativa dos aspectos da morfologia urbana nas áreas do abandono aqui estudadas, revelando que esses espaços não se produzem somente por casualidades, mas por lógicas próprias de contexto cultura, econômico e histórico-social, ainda em vias de estudo e descoberta.

Para analisar entrevistas realizadas no decorrer das viagens será utilizada a técnica conhecida como análise de conteúdo, que caminha no limite da objetividade e da subjetividade, do rigor científico e não do olhar viciado do observador (BARDIN, 1977, MINAYO, 1993 e VALA, 1986).

O procedimento da técnica de análise de conteúdo se faz, primeiramente, através da identificação de unidades de registro, baseada nas repetidas leituras das mensagens coletadas nas entrevistas. Segundo Bardin, unidades de registro é:

[...] a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando a categorização e a contagem frequencial. A unidade de registro pode ser de natureza e dimensões muito variáveis (1977, p.104).

Serão realizadas as codificações dos depoimentos, individualmente, tomando como unidades de registro as ideias e as temáticas que emergiram das falas dos moradores do abandono.

Após a escolha das unidades de registro, serão reelaboradas as categorias preestabelecidas antes do trabalho de campo, conceitos mais gerais e ainda abstratos. Após a definição das unidades de registro será possível propor novas categorias independentes das imaginadas inicialmente. As categorias estipuladas a partir da coleta de dados são mais específicas e concretas, possibilitam articular as perguntas propostas e os referenciais teóricos.

Categoria é um conceito que abrange elementos ou aspectos com características semelhantes, ou que se relacionam entre si. São utilizadas para mesclar elementos, ideias ou

expressões nesse tipo de pesquisa qualitativa, ou seja, categorizar. A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo gênero (analogia), com os critérios previamente definidos (BARDIN, 1977, p.117). Definidas as categorias, iniciará a validação e contextualização, através de uma aproximação e confronto com os referenciais teóricos.

Essa análise que permeia todos os processos tem como principal pressuposto o agenciamento de heterogêneos. Heterogêneos compostos pela experiência da viagem, as análises morfológicas, análises de conteúdo e todas as outras forças potentes que atravessem o nosso plano e processo de pesquisa com os espaços urbanos em caráter de abandono nas localidades propostas.

Como produção final almeja-se produzir mapas da hospitalidade sobre o espaço do abandono nos limites de Cuñapirú - Corrales - UY, encarando a coexistência da materialidade e imaterialidade, das políticas públicas e modos de vida no contexto apresentado no Uruguay.

A fim de melhor demonstrar as etapas dessa pesquisa e as relações com os objetivos a serem atingidos que foram anteriormente apresentados, o esquema abaixo busca correlacionar e equivaler às etapas do processo e melhor identificá-las.

	<i>PEDAGOGIA DA VIAGEM</i>	<i>CAMINHOGRAFIA URBANA</i>	<i>DIÁLOGOS DO ABANDONO</i>	<i>RECORTES FOTOGRÁFICOS</i>	<i>MAPAS SENSÍVEIS</i>
<i>Dispositivo de captação?</i>	Diário do abandono	App + fotografia	Gravador	Máquina fotográfica	Registro por desenho, colagem...
<i>Protagonista?</i>	Autora	Autora	Habitantes/autora	Paisagem do lugar/autora	Autora
<i>Propósito?</i>	Pensar, escrever	Registrar o percurso errante	Captar e entender as vozes locais.	Identificar o lugar do abandono	Dar visibilidade às potencialidades encontradas
<i>Para qual objetivo?</i>	A, B	B	A, B, C ²⁸	B, C	A, B, C

Figura 06 – Esquema de processos e equivalências metodológicas. Fonte: autora.

Julga-se importante salientar, contudo, que o esquema não é rígido e poderá ser alterado conforme à necessidade em atender metodologicamente os objetivos através dos dispositivos propostos. Essa pesquisa é aberta e rizomática, portanto, priorizam-se as conexões entre os propósitos e protagonistas a fim de enriquecer as experiências e descobertas.

²⁸ a. Compreender e experienciar, através da cartografia sensível, a estrutura que compõe o ato do abandono (morfológica, arquitetônica, cultural e sensorial, etc.) através da criação de mapas sensíveis com a intenção de ampliar o pensamento de arquitetos e urbanistas a respeito do lugar do abandono em Cuñapirú - Corrales;

b. Investigar por meio da relação direta os lugares do abandono em Cuñapirú - Corrales, seu potencial cultural, artístico e pedagógico, entendendo que a cidade pode ensinar;

c. Refletir sobre o caráter dinâmico e evolutivo da paisagem no lugar do abandono em Cuñapirú - Corrales.

5. POVOADO EM ABANDONADO: CUÑAPIRÚ - CORRALES

5.1. Povoado de Cuñapirú – Corrales: contexto histórico

Oficialmente, Minas de Corrales foi declarado como ‘Pueblo’ em 9 de novembro de 1920 e está localizada no norte do Uruguai. Porém, historicamente, seus relatos datam desde 1820 quando um fazendeiro português chamado José Suárez encontrou pepitas nos riachos de suas terras. A partir desse registro, o manuscrito de 1880 intitulado ‘História da região de ouro de Tacuarembó’²⁹ ficou responsável por testemunhar o processo de exploração no momento em que grandes empresas europeias começaram suas buscas na região.

Embora, no norte da campanha, ainda nessa época as pepitas não fossem reconhecidas como ouro comparadas à libra esterlina, em 1930, Suárez deslocou para suas terras, numerosa mão de obra qualificada de Minas Gerais para explorar aos riachos e encostas de seu rancho. Inicia-se assim a primeira etapa de exploração de ouro de Cuñapirú — Corrales com domínio de garimpeiros aventureiros e mão de obra artesanal chamados também de ‘small walkers’ (Chirico, 2005). Esse período durou aproximadamente meio século e ficou marcado pela exploração através das areias dos riachos, cavando trincheiras e moendo manualmente o quartzo para extrair o ouro.

Segundo o relato do manuscrito de 1880 acima citado, em 1856 chegaram à região de Corrales os primeiros garimpeiros que alavancaram a zona de ouro no Rio Grande do Sul: os alemães Fraith e Adán Sander; o brasileiro Lisbón Freira; e os ingleses Rogers. Em 1860, o ouro era atração nacional e rendeu um fluxo significativo e contínuo de investimentos de capital, infraestrutura e tecnologia entre os anos de 1867 e 1914.

²⁹ MHN. Archivo Clemente Barrial Posada. 1880. T.505.

Em julho de 1852 o empresário Federico Nin Reyes registrou formalmente a existência de minas de ouro entre Cuñapirú e Corrales; entre Corrales e Yaguarí; e nos Cerros Blancos. Logo, o jornal de Montevideú *La Constitución*, em 24 de julho de 1852, redigiu a seguinte manchete: ‘Minas en el Estado: hemos podido ver algunas pepitas de muy buena calidad, provienen de algunos terrenos auríferos del departamento de Tacuarembó, en el lugar denominado Cerro Blanco’.

As notícias geraram expectativas, os relatórios do afluxo de mineiros para a área e as contínuas reclamações dos fazendeiros contra as escavações e explosões de dinamite que estavam prejudicando o gado, forçaram o governo a intervir para regular as fazendas (PALERMO, 2005,p.04).³⁰

Ainda sob declaração contida no manuscrito de 1880, relata-se a instalação de uma retificadora artesanal às margens do córrego Cuñapirú em 1857, de posse do inglês Daniel Lao, e capaz de processar uma tonelada de quartzo por dia, o que demonstra um avanço significativo e um novo fluxo de garimpeiros. Em 1858, em nome de todos os avanços e prosperidade envolvida, foi descoberta a principal veia de quartzo da mina de San Pablo, conhecida desde 1878 como Santa Ernestina e sendo o primeiro centro de exploração em larga escala para empresas europeias.

Em 1866, contratado por Nin Reyes, chega a essas regiões o engenheiro de minas Clemente Barrial Posada que percorreu as terras da região coletando amostras de minerais e fósseis e, finalmente, reconheceu o potencial de mineração. Já em 1867 fundou sua primeira empresa de

³⁰ ‘Las noticias generaron expectativas, los informes de la afluencia de mineros a la zona y los continuos reclamos de los estancieros contra las excavaciones y las explosiones de dinamita que perjudicaban al ganado, obligaron al gobierno a intervenir para reglamentar las explotaciones’.

mineração chamada Barrial Posada y Cía junto ao córrego San Pablo, entre 1867 e 1869 foi responsável pela construção de um moinho para moagem junto ao rio Cuñapirú, localizado a 6 km da mina. Essa foi a primeira barragem hidráulica no Uruguai, responsável por desviar o curso natural do córrego por meio de explosões e que gerou uma cachoeira que movimentou as caldeiras das retificadoras. Junto a isso, desenvolveu-se o terreno em três níveis para instalação da área administrativa, a área de moagem e a barragem.

Todas as obras realizadas com grandes custos e maiores dificuldades, como testemunham milhares de toneladas de minério arrancadas com pólvora. Em cada local de mineração, construí casas, uma usina de energia em Cuñapirú, na qual investi quantias consideráveis de dinheiro, três anos e durante os quais constantemente empregava 300 homens. (Barrial Posada, 1890, p.17).³¹

Os dados acima explanados são confirmados no documento de 1880, que garante através de relatos de moradores que as máquinas de moagem processavam até vinte toneladas de minério por dia da mina de San Pablo e das minas vizinhas. Em 1871, apesar do cenário de guerra civil e do abandono e saqueamento das propriedades de mineiros, as minas não pararam de funcionar e o

³¹ 'Trabajos todos efectuados con grandes costos y las mayores dificultades como lo atestiguan miles de toneladas de mineral arrancadas a fuerza de pólvora. Sobre cada locación de labores mineras construí casas, construí una usina en el Cuñapirú en la que invertí considerables sumas de dinero, 3 años de tiempo y durante los cuáles ocupé constantemente a 300 hombres'.

material arrecadado foi moído e acumulado por outros sistemas de máquinas a vapor portáteis importadas dos Estados Unidos.

Até a instalação da primeira empresa francesa em 1879, Barrial Posada além de trabalhar na empresa de mineração dedicava o seu tempo para escrever sobre a geologia do local e enviou amostras de minerais para circular na Europa, já que seu projeto buscava interessar aos centros capitalistas de Paris e Londres com o intuito de realizar uma grande exploração mineira nessa área. Em final de 1877, ele solicitou ao capitão Oruezabal que fossem enviadas amostras selecionadas para exibir na Exposição Universal de Paris em 1878, conjunto às amostras, ele apresentou sua publicação: estudo Geológico da região de ouro de Tacuarembó, que incluiu os distritos de Yaguarí, o Corrales e Cuñapirú. O escrito foi apresentado em espanhol e francês, alvo de reconhecimento e diplomas de honra no evento. (Barrial Posada, 1890:84)

Em 1878, graças à Barrial Posada, iniciou-se o ciclo de grandes empresas internacionais, sendo a Cia. Minas de ouro francesas do Uruguai a primeira a se instalar na mina de San Pablo.

Desde 1876, a empresa Barrial Posada negocia com a empresa Birabén Hermanos, Alberto, com sede em Montevideu e Paris. Amostras de ouro selecionadas foram enviadas e exibidas em Paris nos círculos de investidores. Em 1878 o engenheiro Victor L'Olivier concluiu sua viagem para a fronteira para observar as minas. No entanto, essa visita foi realizada sem a presença de Barrial Posada, o que foi o início de uma enorme fraude econômica para a época no Uruguai. L'Olivier e os Birabén realizaram pesquisas em Cuñapirú sem o consentimento de seu proprietário. A visita originou um relatório de L'Olivier (1878:38) recomendando a exploração das minas, afirmando que a riqueza daquelas terras era comparável às minas da Califórnia e da Austrália e às minas de ouro de Minas Gerais.

Esse relatório foi reconhecido pelos irmãos Birabén que, com a ajuda do coronel Ernesto Courtin que era amigo pessoal do ditador Lorenzo Latorre (1876 – 1880), obtiveram ilegalmente os direitos de propriedade dos campos de ouro, tal ação condenou as propriedades de Barrial Posada. Nesse momento, a mina San Pablo foi renomeada como concessão de Santa Ernestina, abrangendo uma área de 1600 hectares, e outras no rio Corrales, renomeadas como concessão de Lorenzo Latorre. Barrial posada foi obrigado a abdicar, segundo ele, com uma faca no pescoço como incentivo, liberando seus direitos a Courtin, como mais tarde declarou em um arquivo judicial reivindicando suas propriedades. (Barrial Posada, 1890:17 e segs.)

O relatório escrito por L'Olivier foi decisivo para promover o investimento, pois representou a prova definitiva da riqueza em ouro. Cuñapirú — Corrales entrou no circuito capitalista pela porta da frente. As capitais, famintas por melhores taxas de retorno, identificaram novas possibilidades em todo o planeta, sem dúvida eram capitais especulativas, mas essa era a dinâmica financeira do mercado de ações. Quando a Companhia Francesa foi formada, em outubro de 1878, os irmãos Birabén ofereceram-lhe as terras de mineração anteriormente nomeadas pela grande soma de um milhão e 200 mil pesos de ouro. (Barrial Posada, 1890:91)

A região mineira do norte do Uruguai rapidamente ficou conhecida como a nova Califórnia sul-americana em Paris, a descoberta dos franceses precisou ser apressada com a instalação rápida das empresas já que sua rivalidade com os ingleses gerariam uma concorrência imperial. A concorrência entre as potências explica rapidamente a resposta imediata de Londres, criando empresas para a exploração de outra grande mina conhecida, San Gregorio, permanecendo nas mãos do Gold Field Cía. de Londres.

A Companhia Francesa de Minas do Uruguai (1879 – 1890) foi responsável pela criação de importantes obras arquitetônicas e instalação de avançadas tecnologias durante seu período de

exploração: usina hidrelétrica de Cuñapiru (1880 – 1881), construída no mesmo local que o instalado em 1867; linha ferroviária com sistema francês de locomotivas a ar comprimido (1881); criação de um hospital para auxiliar os trabalhadores da empresa em 1880, dirigido por um médico uruguaio chamado Francisco V. Davison treinado em Edimburgo. (Hernández, Chirico, 2006)

Nesse momento, a produção estava centralizada em Santa Ernestina, que se tornou uma população importante devido à concentração de trabalhadores e à movimentação de capital e bens.

As obras da nova usina para moagem em Cuñapirú foram lideradas pelo engenheiro de mineração francês Víctor L'Olivier. A barragem acabada contou com 314 metros de comprimento. A barragem formou um lago de 3 milhões de metros cúbicos, com esse fluxo todo o sistema hidráulico de engrenagens foi alimentado e desde 1896 as três turbinas eram responsáveis por gerar energia elétrica. Na produção máxima, poderia moer 150 toneladas de quartzo ao dia, sendo até a década de 1940 a única barragem hidráulica e a primeira hidrelétrica no Uruguai.

As carroças deram lugar à primeira ferrovia de mineração. “La Clotilde”, locomotiva lendária, serpenteava sem poder evitar as encostas íngremes, os vales íngremes, as florestas exuberantes. Trabalhou entre 1879 e 1894 (Selva Chirico la describe en Cuñapirú: Tierra de algún provecho).³²

Para completar a estrutura de exploração, foi executada uma ferrovia com o intuito de ligar a mina de Santa Ernestina à usina de Cuñapirú através de 6 quilômetros de trilhos, 15 bueiros e uma

³² ‘Los carretones daban paso al primer ferrocarril minero. La Clotilde, locomotora legendaria, serpenteaba sin poder evitar las inclinadas cuestas, las cañadas abruptas, los frondosos bosques. Funcionó entre 1879 y 1894’.

ponte de ferro sobre o córrego San Pablo. Em 1881 a imprensa informou que o trem de mineração estava totalmente operacional. As locomotivas de bronze e aço eram pelo menos três, movidas a ar comprimido e eram chamadas Clotilde, um dos ícones da memória coletiva local.

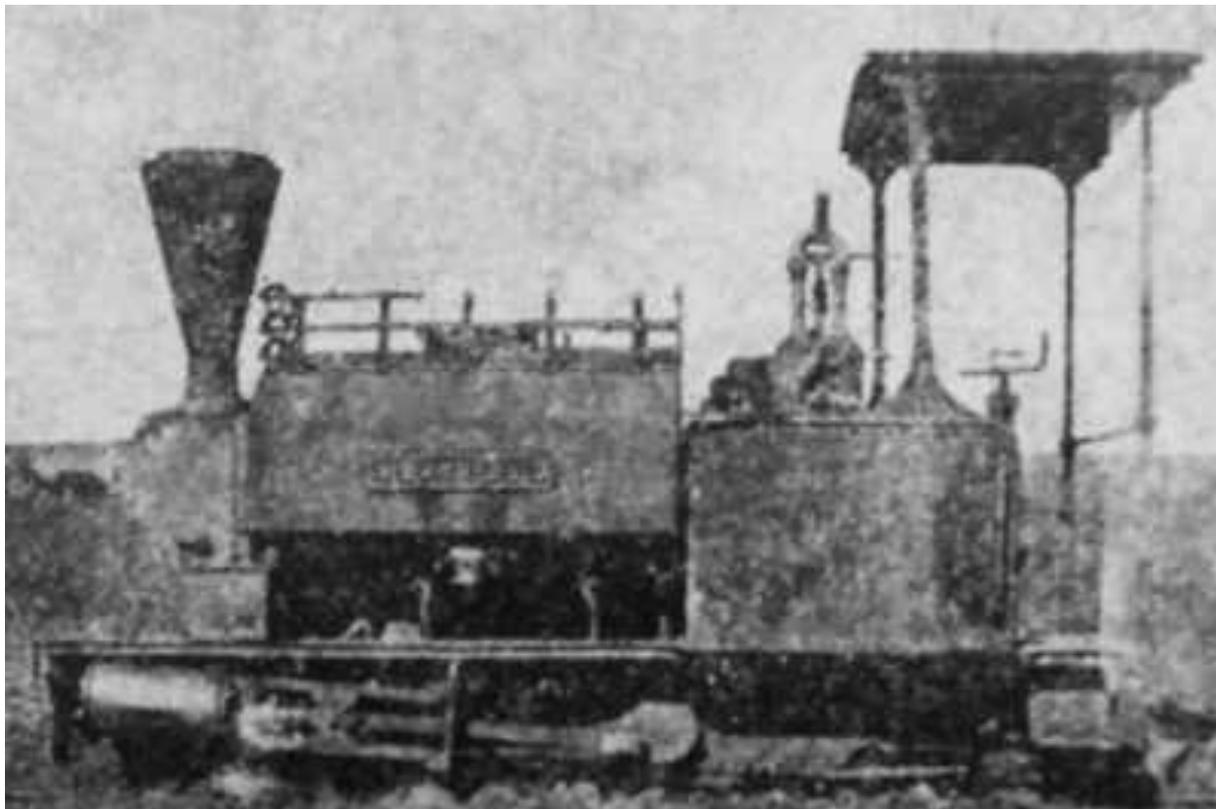


Figura 07 – Clotilde, a máquina lenda. Fonte: Museu Municipal de Rivera.

Um ano após a criação da empresa francesa, a imprensa de Tacuarembó informou que a empresa empregava quase mil pessoas, incluindo trabalhadores e safiras, a área de mineração

possuía onze pousadas, cinco lojas gerais, padarias e cem casas humildes, além da acomodação dos trabalhadores da empresa. O capital de giro era muito importante, a riqueza era visível, assim como o sofrimento dos trabalhadores. Em 1879, em Santa Ernestina, os trabalhadores, principalmente os de origem italiana, se amotinaram em greve exigindo melhores condições de trabalho nas galerias, contra a modificação de horas prolongadas sem aumento de salário, também devido à quantidade e qualidade do trabalho.

Essa foi a primeira greve dos trabalhadores no Uruguai, considerada um ato de grave rebelião por parte das autoridades, necessitando a intervenção da polícia de Tacuarembó e um piquete do exército. Finalmente, foi alcançado um acordo e as medidas foram suspensas, mas muitos dos líderes da greve foram demitidos. Relatos de maus tratos a trabalhadores e violência marcaram as relações trabalhistas e o abuso de direito foi constante (Palermo, 2012).

Em 1885, foi habilitado um pequeno teatro com cem lugares onde atuavam companhias de dança e entretenimento de diferentes lugares, sendo o coronel Carlos Escayola um dos fornecedores desses espetáculos. A criação de entretenimento demonstrava a importância do centro de mineração existente no local.

Paralelamente à exploração estabelecida em Santa Ernestina e San Gregório, foram desenvolvidas expedições de mineração no córrego Corrales, onde fica a cidade de Minas de Corrales. A Corrales Gold Mining Company foi formada em conjunto com a empresa francesa, um de seus proprietários L'Olivier e vários de seus acionistas eram uruguaios, entre eles os irmãos Birabén. Outras empresas atuaram ao lado, como os Mining Brothers, que em 1882 construíram as galerias, quatro ainda existentes situadas no subsolo da cidade de Corrales.

O outro centro de mineração de ouro era San Gregório, a mina mais rica de todas e que deve seu nome ao primeiro proprietário, o líder e empresário Gregorio Suárez, cuja fama era bem

conhecida em ambos os aspectos. (Palermo, 2003) Em 1888, a pedido do Barrial Posada, foi adquirida pela empresa de capital britânica Gold Field Uruguay Limited, que trabalhou até 1914. Pode-se destacar dessa empresa a construção de uma linha férrea, em 1901, que liga San Gregorio com Cuñapirú, com onze quilômetros e 700 metros, composta por 104 torres de ferro separadas conforme a natureza do terreno, com capacidade de transporte de sete mil toneladas por mês, com 270 caminhões para carregamento. As torres ainda estão mantidas em seus lugares originais, tornando-se a identidade da cidade. Os vagões carregados se moviam em direção à Cuñapirú por força da gravidade auxiliada por energia elétrica e retornavam à San Gregorio impulsionados pela energia elétrica produzida em Cuñapirú.

Com a Primeira Guerra Mundial, a fase de exploração internacional parou de maneira brusca em 1914. De 1867 a 1914, mais de 300 minas foram exploradas por várias empresas de diferentes tamanhos e capitais.



Figura 08 – “aerocarri” uma das 104 torres que interligavam San Gregório à Cuñapirú. Fonte: autora.

Entre 1935 e 1945, o governo uruguaio assumiu as áreas através da Administración Nacional de Usinas y Transmisiones Eléctricas (UTE), reabrindo os principais centros produtores. O jornal La Tribuna Popular de Montevideú publicou:

A barragem no rio Cuñapirú tem 314 metros de comprimento [...] Esta barragem forma um lago artificial de cerca de 3.000.000 m³. de água que acumula energia para 5 turbinas de 150 HP cada. Duas dessas turbinas são destinadas à geração de corrente elétrica para energia leve e força motriz em Cuñapirú e a linha de 6.000 V que movimentará a futura Usina San Gregorio e fornecerá energia leve e força motriz ao povoado de Minas de Corrales. O cabo de 12 quilômetros até San Gregorio e os transformadores correspondentes já estão instalados. O cabo de alta tensão de 6.000 V já está colocado em cima das antigas colunas de trilhos aéreos. Os dois geradores de energia elétrica da marca G. E. de 150 Kw c / u [...] colocado em operação, deu e está dando resultados esplêndidos. Esses dois geradores, com seus correspondentes transformadores, fornecerão energia elétrica para alimentar as cidades de Cuñapirú, Corrales e San Gregorio (UTE, 1936, p.18).³³

Em 1945 a UTE abandonou as obras com alegações de corrupção e problemas decorrentes do preço internacional do ouro. Porém, a usina de Cuñapirú continuou a gerar energia hidrelétrica até 1959, quando as inundações naquele ano destruíram as paredes centrais da barragem. De 1959 até meados de 1982, com a ausência de grandes empresas, a região voltou à dedicação da exploração artesanal na região.

³³ 'La Represa sobre el Río Cuñapirú tiene 314 metros de largo [...] Esta represa forma un lago artificial de unos 3.000.000 m³. de agua que acumula energía para 5 turbinas de 150 HP cada una. Dos de estas turbinas están destinadas a la generación de corriente eléctrica para luz y fuerza motriz en Cuñapirú y la línea de A. T. de 6.000 V. que moverá la futura Usina de San Gregorio y que proveerá de luz y fuerza motriz al pueblo de Minas de Corrales. Ya está instalado el cable de 12 kilómetros hasta San Gregorio y los transformadores correspondientes. El cable de alta tensión de 6.000 V. ya está colocado sobre las antiguas columnas de carril aéreo. Los dos generadores de fuerza eléctrica marca G. E. de 150 Kw. c/u [...] puestos en funcionamiento, han dado y están dando espléndidos resultados. Estos dos generadores, con sus transformadores correspondientes, darán energía eléctrica para alimentar a los pueblos de Cuñapirú, Corrales y San Gregorio'.

Até 1982 foram realizadas explorações artesanais. A partir disso, até o ano de 2019, o trabalho foi retomado em San Gregório por grandes empresas com capitais brasileira, canadense e australiana. A partir do ano de 2000 as obras realizadas foram de grande escala e a céu aberto, com uso de máquinas e tecnologias que promoviam uma produção e fluxo de capital contínuos para Minas de Corrales.

5.1.1. Paisagem cultural mineira de Minas Corrales

A apropriação da população perante sua história é a recíproca mais verdadeira da identidade de um povo, tornando a memória a parte viva da autenticidade de seu patrimônio, que, segundo as cartas de Veneza (1964), Nara (1994), Brasília (1995) e Nizhny Tagil (2003), afirmam que a autenticidade dos bens está atrelado ao seu vínculo territorial e cultural. Ademais, é garantido pelo seu valor social e cultural, de respeito indissolúvel e associado à necessidade de preservar e restaurar não apenas o bem material (arquitetura, arte, monumentos), mas também o ambiente social, imaterial e intangível que os envolve.

Estes valores são intrínsecos aos próprios sítios industriais, às suas estruturas, aos seus elementos constitutivos, à sua maquinaria, à sua paisagem industrial, à sua documentação e também aos registos intangíveis contidos na memória dos homens e das suas tradições (Carta de Nizhny Tagil, TICCIH, 2003, p.02).

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Patrimônio Imaterial pode ser definido como:

as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. (UNESCO – Carta de Fortaleza, 2000, p.1)

Percebe-se, na definição desse conceito, a indissociabilidade dos bens imateriais aos bens materiais. A imaterialidade carrega cultura, expressão e técnica, mas, sobretudo, carrega sentimento e está atrelado ao espaço vivenciado, não existem tais fatos sem que estes possam ser contextualizados a um local.

É impossível não imaginar o trabalho diário de uma mina, ouvindo os ecos das palavras nas galerias, em espanhol, português, portuñol, basco, galego, italiano, francês, inglês, misturando-se entre si e também com as peculiaridades linguísticas das diferentes regiões de onde vieram (PALERMO, 2005, p.10).³⁴

³⁴ 'Resulta imposible no imaginar el trabajo diario de una mina, escuchando los ecos de las palabras dentro de las galerías, en español, portugués, portuñol, vasco, gallego, italiano, francés, inglés, mezclándose entre sí y además con las particularidades idiomáticas de las diferentes regiones de donde provenían'.



Figura 09- Bocamina Ernestinita em Corrales. Fonte: autora.

O fluxo de trabalhadores foi documentado de diversas formas: nos registros de casamento, nascimento e óbito, em cartas pessoais e documentos comerciais, com mais de trinta origens étnicas, geográficas, territoriais e/ou nacionais, entre europeus, latino-americanos, norte-americanos e até sul-africanos. De fato, a diversidade cultural é uma das mais notáveis características da cultura latino-americana que, neste caso, é visível graças aos fatores demográficos que compõem a população da região e a migração de trabalhadores escravizados e livres.

Devido ao forte interesse econômico na região por empresas estrangeiras, o interstício cultural e a sobrevivência da população eram garantidos pelo forte fluxo capitalista que desde a exploração artesanal até a era dos grandes maquinários, foram responsáveis por reinventar, reestruturar e trazer novos usos à região conforme a demanda. Tal reinvenção e redescobrimto permitiu que, até a atualidade, se conservasse não somente a materialidade de um povo, como também sua autenticidade, seus costumes.

Adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribui para o desenvolvimento econômico sustentado. O patrimônio industrial pode desempenhar um papel importante na regeneração econômica de regiões deprimidas ou em declínio. A continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades confrontadas com a perda súbita de uma fonte de trabalho de muitos anos (CARTA DE NIZHNY TAGIL, 2003, p.4).

Ora, se os bens imateriais não requerem 'proteção' e 'conservação', mas somente identificação, reconhecimento, registro etnográfico, acompanhamento periódico, divulgação e apoio,

enfim, mais documentação, acompanhamento e menos intervenção. (O Registro do Patrimônio Imaterial. Brasília: MinC/IPHAN/Funarte, DATA). A problemática está quando bens materiais se tornam patrimônio imaterial, quando sobrevivem sendo lembrados apenas na mente humana — e por decisão única e exclusiva de seus precursores —, e não estão sob tutela de importantes órgãos preservacionistas. São nem sequer documentados ou reconhecidos, muito pelo contrário, estão à mercê da degradação, do sumiço, às margens de uma sociedade que encontra sentido apenas no novo, que recupera e protege apenas monumentos mundialmente conhecidos, mas que desampara comunidades industriais inteiras enquanto deveriam adaptar, reocupar e recuperar.

A paisagem mineira de Minas Corrales e toda a região do norte uruguaio sobrevive e respira econômica e socialmente até a atualidade, pois pode se reinventar incontáveis vezes, seja graças à exploração advinda de inúmeras origens ou ao interesse apenas de seus simpatizantes estatais. A verdade é que, por mais indícios e ruínas históricas (materiais e imateriais) que o passar dos anos esculpiram, mesmo deixando pistas para trás, novos estruturantes surgiram em um mesmo cenário de tempos distintos ecoando a riqueza da “babel del norte uruguayo”, como se referia à região no periódico *El Liberal* de Tacuarembó.

O patrimônio cultural demonstrou, nas últimas décadas, que a sua preservação aliada ao turismo representa uma fonte adicional de riqueza. Porém, faz-se necessário observar que o uso do patrimônio, com um sentido econômico e turístico, não pode se sobrepor e prevalecer acima de uma paisagem. Bens culturais sempre devem ser uma prioridade sobre o patrimônio histórico, acima de seu desfrute coletivo como bens de consumo.

A região de Cuñapirú — Corrales constitui um cenário cultural, conforme definição feita na reunião de “La Petit Piere”, França (1992), na medida em que é “produto da interação entre o homem e seu ambiente natural”, afirmando: “Los paisajes culturales deberán seleccionarse sobre la base de

su valor universal sobresaliente y de su representatividad en términos de una región geo cultural claramente definida y, en consecuencia, por su capacidad para ilustrar los elementos culturales esenciales y distintivos de dichas regiones”. (Barbero Franco, 2011:317)

Nesse caso, as intervenções do homem sobre a natureza vieram em muitos aspectos: alterando o curso dos córregos para a construção de barragens e represas, desmatando para o uso intenso de lenha, perfurando rochas para abrir galerias subterrâneas, trincheiras e explorações a céu aberto, construindo ferrovias, pontes de ferro, torres ferroviárias, cidades no meio da área rural. As inúmeras interações foram responsáveis por alterar a paisagem do pampa de gado, que se tornou povoado por novos sons, explosões, moagens de pedra e trouxe a iluminação gerada pela eletricidade da Usina, que era distribuída para as populações vizinhas.

Esses aspectos se referem à noção de arqueologia industrial, no entendimento de que um grupo físico sobreviveu (arquitetura industrial, pontes, torres de ferro, máquinas, motores e ferramentas) “que testemunham as transformações sofridas pelo meio ambiente como consequência do impacto da indústria no território, sua incidência na transformação da paisagem” e ao mesmo tempo abundante documentação gráfica que permite acompanhar a seqüência histórica da técnica e da produção (PALERMO, 2005, p.13).³⁵

³⁵ ‘Estos aspectos refieren a la noción de arqueología industrial, en el entendido que ha sobrevivido un conjunto físico (arquitectura industrial, puentes, torres de hierro, maquinarias, motores y herramientas) “que testimonian las transformaciones sufridas por el ambiente como consecuencia del impacto de la industria sobre el territorio, su incidencia en la transformación del paisaje” y paralelamente abundante documentación gráfica que permite seguir la secuencia histórica de la técnica y de la producción’.

Ainda que o cenário rural de Cuñapirú — Corrales tenha sido transformado, desde os primórdios da exploração artesanal do ouro em um sítio de caráter mais industrial que contou com grande fluxo de trabalhadores e famílias, que considerava um enriquecimento utópico sonhado por muitos e alcançado por poucos, que mudou o cenário rural com grande enfoque agrícola na época para uma paisagem de mineração cultural. Apesar de ambas atividades ainda conviverem até hoje na localidade, é da mineração que se recordam os tempos de prosperidade, riqueza e cosmopolitismo que marcaram a imagem patrimonial. Seguindo a linha cosmopolita, os cidadãos de Corrales ainda na atualidade são considerados cidadãos que compõem uma única nação — mundo e ainda margeiam insistentemente entre os ciclos de apogeu — exploração e minérios por parte de empresas estrangeiras; e ciclos derradeiros de profunda depressão — quando as empresas abandonam a exploração no local.

5.2. Povoado de Cuñapirú – Corrales: análise urbana

Embora o povoado de Minas de Corrales date de 1920, este só é oficialmente reconhecido como município em 2010, perante a lei n.º 18567 que dispõe a criação de um município a todas as localidades com uma população a partir de 2.000 habitantes. Atualmente, e com base no Censo de 2011, o povoado de Minas de Corrales conta com 3.985 habitantes e possui uma superfície compreendida em 382 km² e possui uma densidade populacional de 10,4 hab/km².

Não se tem um embasamento de dados relativos à Corrales já que, oficialmente, trata-se de um povoado recente. Contudo, a título de uma análise mais abrangente, podemos observar o

departamento de Rivera como base de dados para notar haver um sentido de diminuição populacional no departamento e, muito provavelmente, na localidade de estudada.

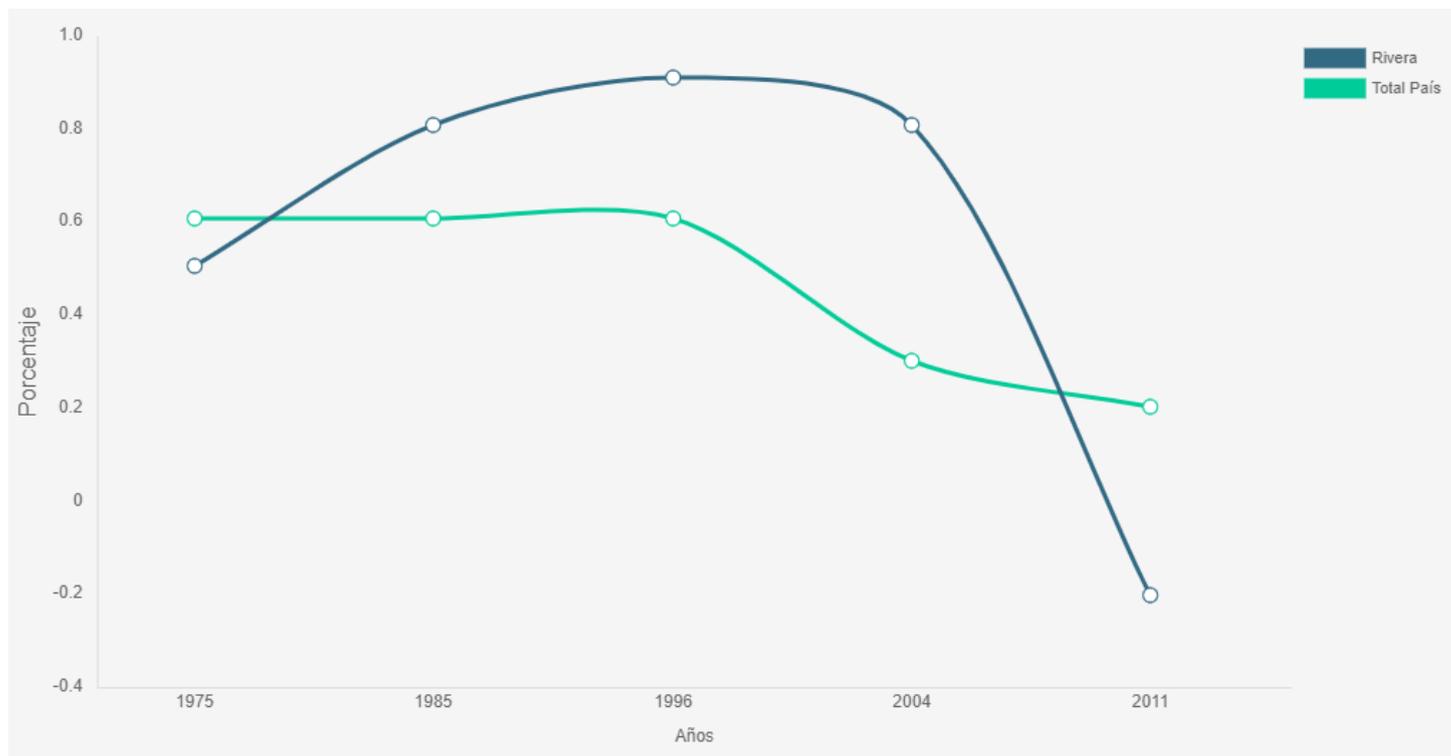


Figura 10 – Taxa de crescimento da população em períodos de censo. Fonte: INE (Censo).

O gráfico acima, que configura a imagem 07, demonstra a taxa de crescimento com percentual negativo desde 1996 e se acentuando ainda mais a partir de 2004, onde atinge percentual negativo de — 0.2% em 2011. Nessa análise, o país, geralmente, também se apresenta em declive, de maneira menos acentuada e desde 2004.

Não à toa, em Minas de Corrales, os percentuais de ‘pessoas que residiram sempre no município’, sob responsabilidade da OTU — *Perfiles*³⁶, atingem apenas 54,6% e fazem jus também à situação de população decrescente acima identificada.

Economicamente, a região teve seu curso inicial na criação de gados e os respectivos currais, que dão nome à localidade. Contudo, a partir e concomitantemente a essa criação de animais junto aos currais de pedra, descobriu-se uma fonte de minérios na região, que prosperou artesanalmente por muitos períodos e, após atingiu curso com incentivo de capital industrial estrangeiro muito forte na região devido à riqueza aurífera atestada na época e levada até a Europa. Esse período de explorações conta historicamente a criação de Cuñapirú — Corrales, acima já explorada, que tem seu valor histórico, origem e posterior ascensão até certo período diretamente relacionado ao fator econômico, responsável também por sua prosperidade até a atualidade.

Aqui, encaixa-se em certo aspecto o termo já sugerido de company town no que diz respeito ao lugar prosperar em função do capital advindo de determinada companhia específica. Contudo, apesar dos intervalos em que nenhum capital estrangeiro incentivava a região e à enorme rotação de indústrias que prosperaram aquele território, não se julga, nessa pesquisa, correto atrelar à apenas indústrias o mérito por um crescimento econômico acentuado e enriquecimento da área, visto que a produção artesanal desempenhou e sobreviveu por diversos momentos em sua história e que, em determinado momento Corrales se tornou município regido por leis e um departamento, o de Rivera, tendo Alcaldia³⁷ própria desde 2010.

³⁶ ‘El Observatorio Territorio Uruguay tiene por objetivo generar y difundir información y conocimiento sistemático que permita una mejor comprensión de los diversos contextos territoriales del país con el fin de contribuir al diseño de políticas y a una gestión transparente de la información’. (<https://otu.opp.gub.uy/>)

³⁷ Sede do governo municipal (Prefeitura) onde está o Alcalde (Prefeito).

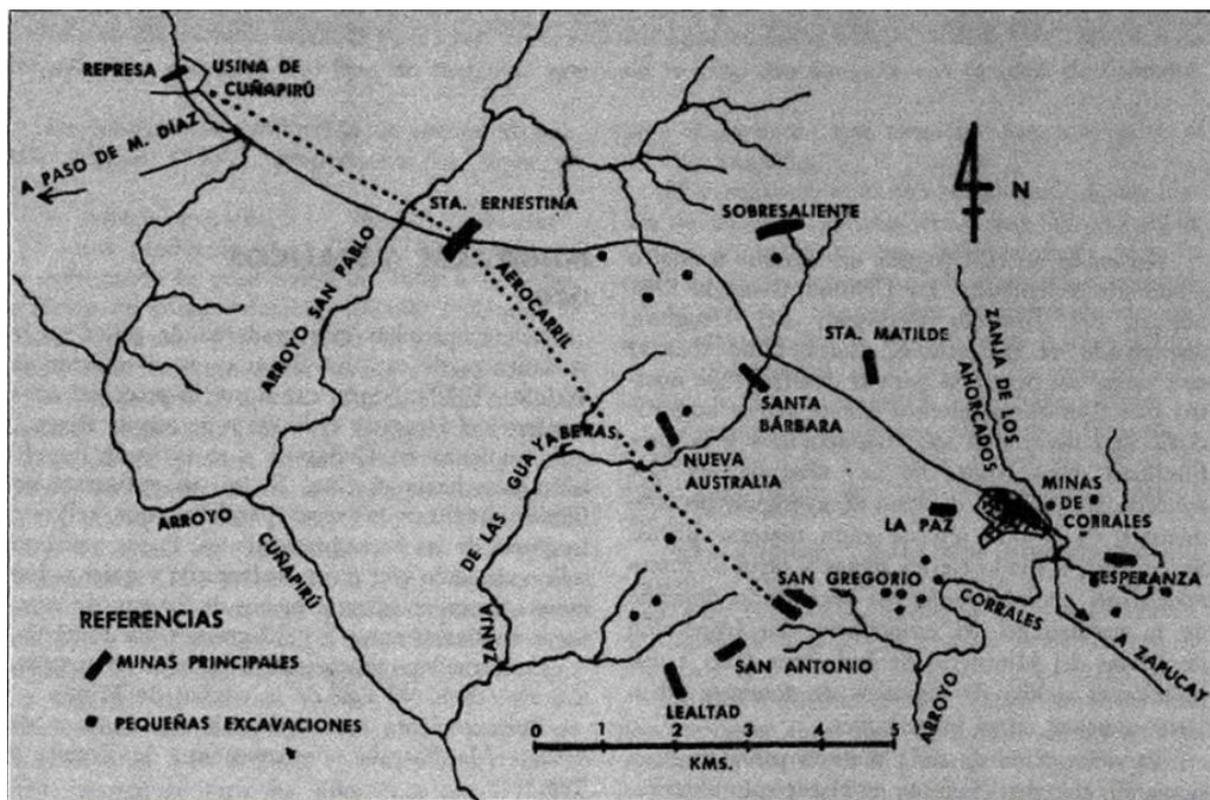


Figura 11 - Distribuição da atividade de mineração na região de Minas de Corrales - Uy. Fonte: BOSSI, 1969.

O mapa acima é um amplo esquema e identifica a estrutura mineira na região norte do Uruguai, com enfoque para as principais minas já comentadas nesse texto, às pequenas escavações e a estrutura dos arroios, igualmente importantes para o desenvolvimento mineiro na localidade. O

mapa ainda identifica a instalação de aproximadamente 12 km de transporte de minérios por bonde “aerocarril” que interligava San Gregório à Usina Cuñapirú, onde o minério era processado.

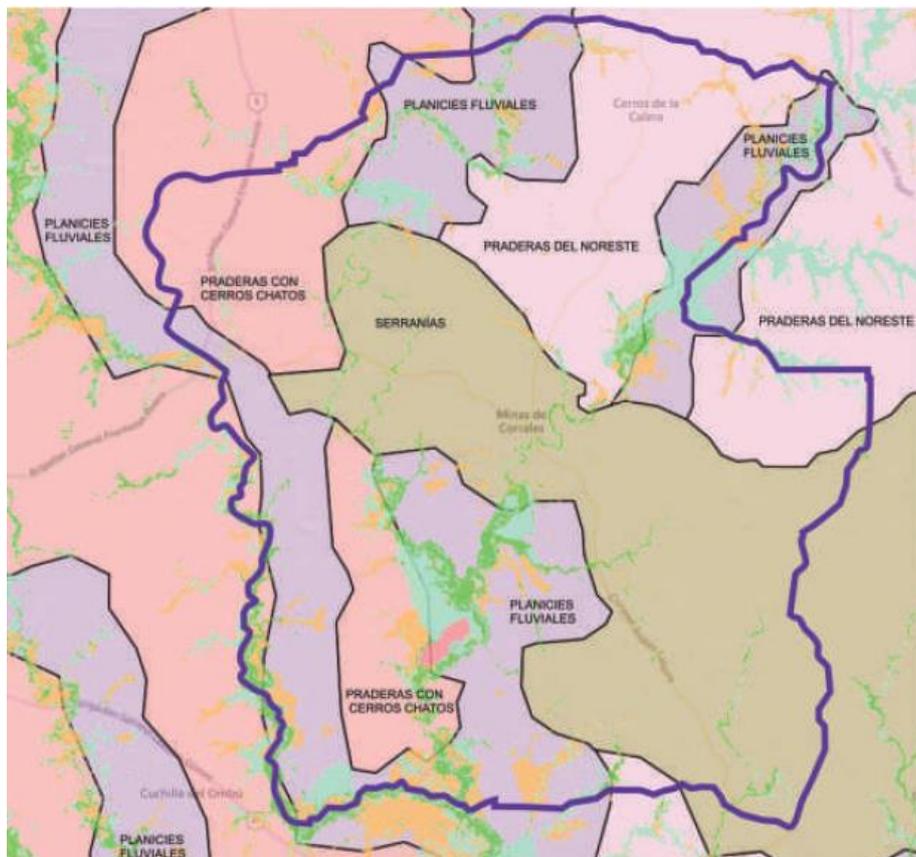


Figura 12– Unidades Paisagísticas. Fonte: Plano de Desenvolvimento e Ordenamento territorial, 2019.

Nessa região, também merece importante destaque para a paisagem de cerros achatados que compõem a Ruta 29 entre as paisagens contidas entre a Usina de Cuñapirú e Santa Ernestina. Conforme contido no *Plano de desenvolvimento e ordenamento territorial de Minas de Corrales*³⁸, essa região acima descrita e ilustrada, constitui o que o Plano nomeia de “planícies com morros planos” e se caracteriza pela associação de pradarias onduladas intercalados por morros mesetiformes.



Figura 13 – Cerros achatados. Fonte: autora.

³⁸ Plan de Desarrollo y Ordenamiento Territorial de la villa de Minas Corrales y su área de influencia, mayo 2019.

O território em questão se encontra entre a frente da Costa Basáltica, ao oeste, enquanto ao leste se limita com as cadeias de montanhas da “ilha cristalina” de Rivera e as planícies do noroeste. O relevo da área é muito complexo, desde morros não rochosos a montanhas rochosas com escarpas³⁹ e morros mesetiformes, conforme ilustrado abaixo. Além disso, o solo dominante na região é muito arenoso, profundo e de baixa fertilidade natural.

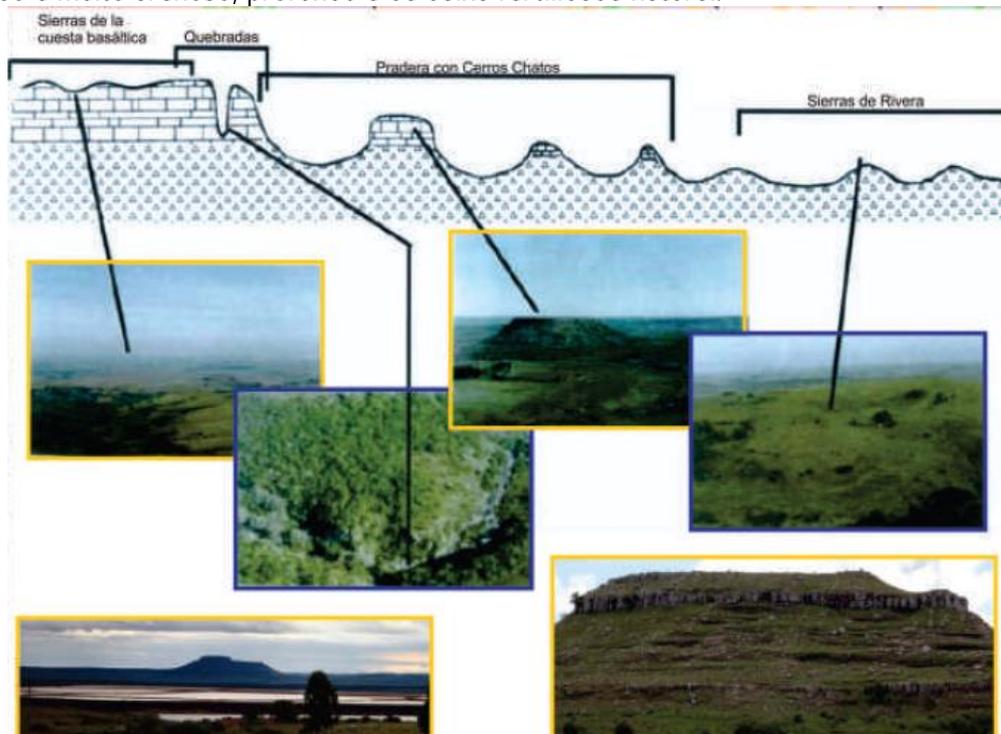


Figura 14 – Esquema de relevo da região. Fonte: Plano de Desenvolvimento e Ordenamento territorial, 2019.

³⁹ Em geomorfologia, escarpe é uma forma de relevo que é uma área de transição entre diferentes províncias fisiogeográficas que envolve uma elevação aguda (superior a 49°), caracterizada pela formação de um penhasco ou uma encosta íngreme.

A paisagem cultural e montanhosa é tão estimada e valorizada para a região que o Plano, além de prever um polígono de preservação de sua área, determina o que chama de ‘cuencas visuales’ que nada mais são do que pontos ou bacias visuais em determinados pontos do terreno que são mirantes naturais, como a panorâmica apresentada abaixo.



Figura 15 – Bacia Visual número 11 do Plano, pela Ruta 29. Fonte: Plano de Desenvolvimento e Ordenamento territorial, 2019.

Contudo, apesar da imponente paisagem cultural predominantemente rural, Minas Corrales tem 95,1% de sua população urbana (Censo de 2010) com estrutura espacial desenvolvida irradiando a rodovia federal, denominada Dr. Davison, que corta a cidade. Sua estrutura espacial se desenvolve principalmente à sul da rodovia, em quadras com face aproximada de 100 m e nordestada em sentido paralelo, porém com certa irregularidade pelo alinhamento com essa rodovia.



Figura 16 – Estrutura urbana de Minas Corrales, Uy. Com rodovia federal que corta o povoado demarcada em vermelho. Fonte: Google Maps 2020, com alteração da autora.

O povoado tem seu uso espacial predominantemente residencial, não havendo espaço nos mapas para demonstrar outros usos, como o comércio que, por exemplo, não se desenvolveu no local perante às atividades mineiras e rurais. O mapa abaixo, destina-se, então, a mapear as densidades habitacionais e caracterizá-las quanto ao tipo de habitação, se faz parte dos conjuntos habitacionais financiados pelo Ministerio de Vivienda, Ordenamiento Territorial y Medio Ambiente (MVOTMA).

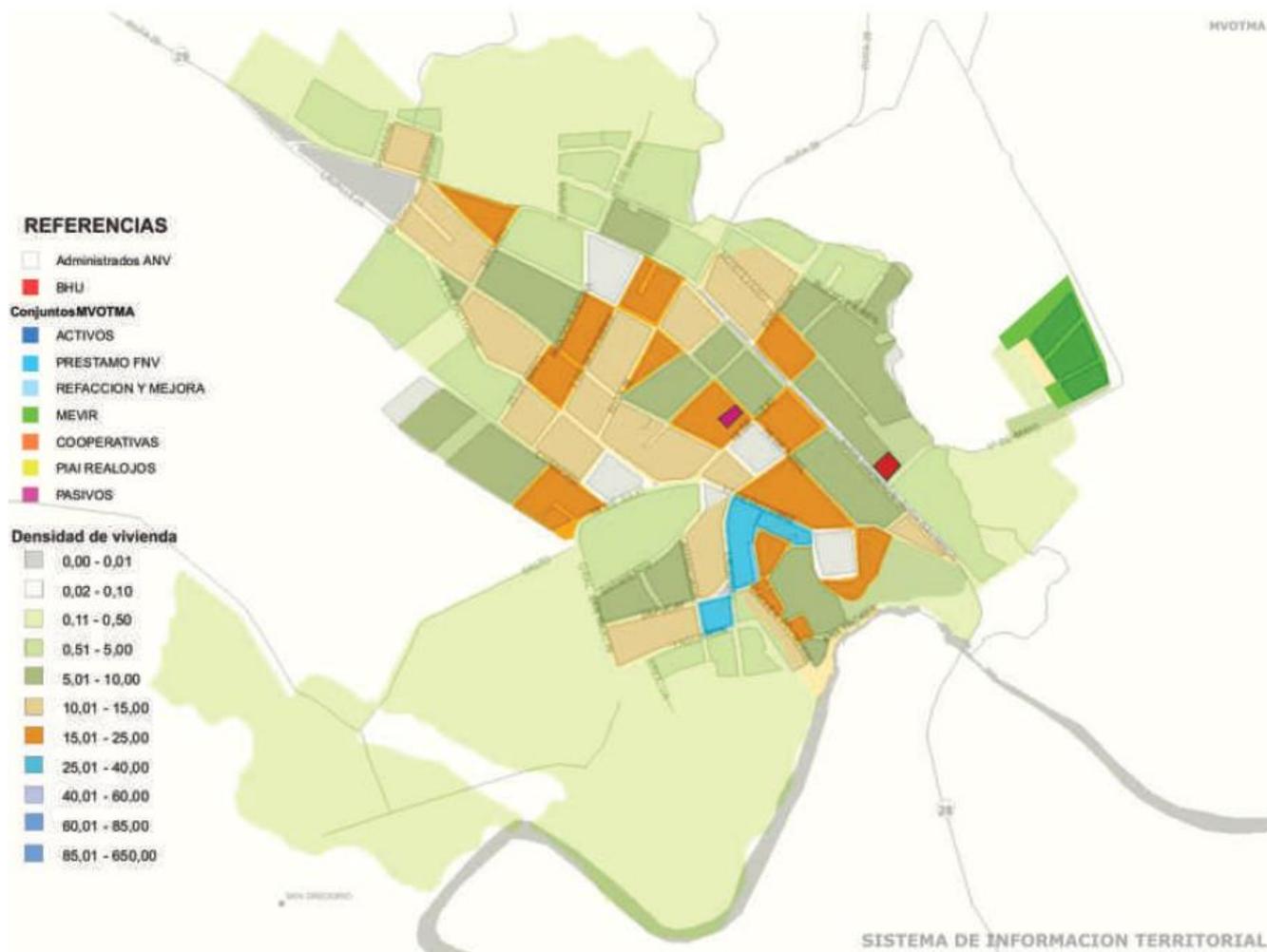


Figura 17 – Densidade de habitação em Minas Corrales, Uy. Fonte: Plano de Desenvolvimento e Ordenamento territorial, 2019.

Minas de Corrales, para um município, como foi oficialmente reconhecida em 2010, com apenas 10 anos de existência com sede de governo, trata-se de uma cidade planejada e ordenada com vistas estreitas sob a determinação de seu assentamento futuro e possui um plano de crescimento urbano pré estabelecido em no Plano de Desenvolvimento e Ordenamento Territorial que visa ocupar áreas até então rurais ao redor do perímetro urbano atual.

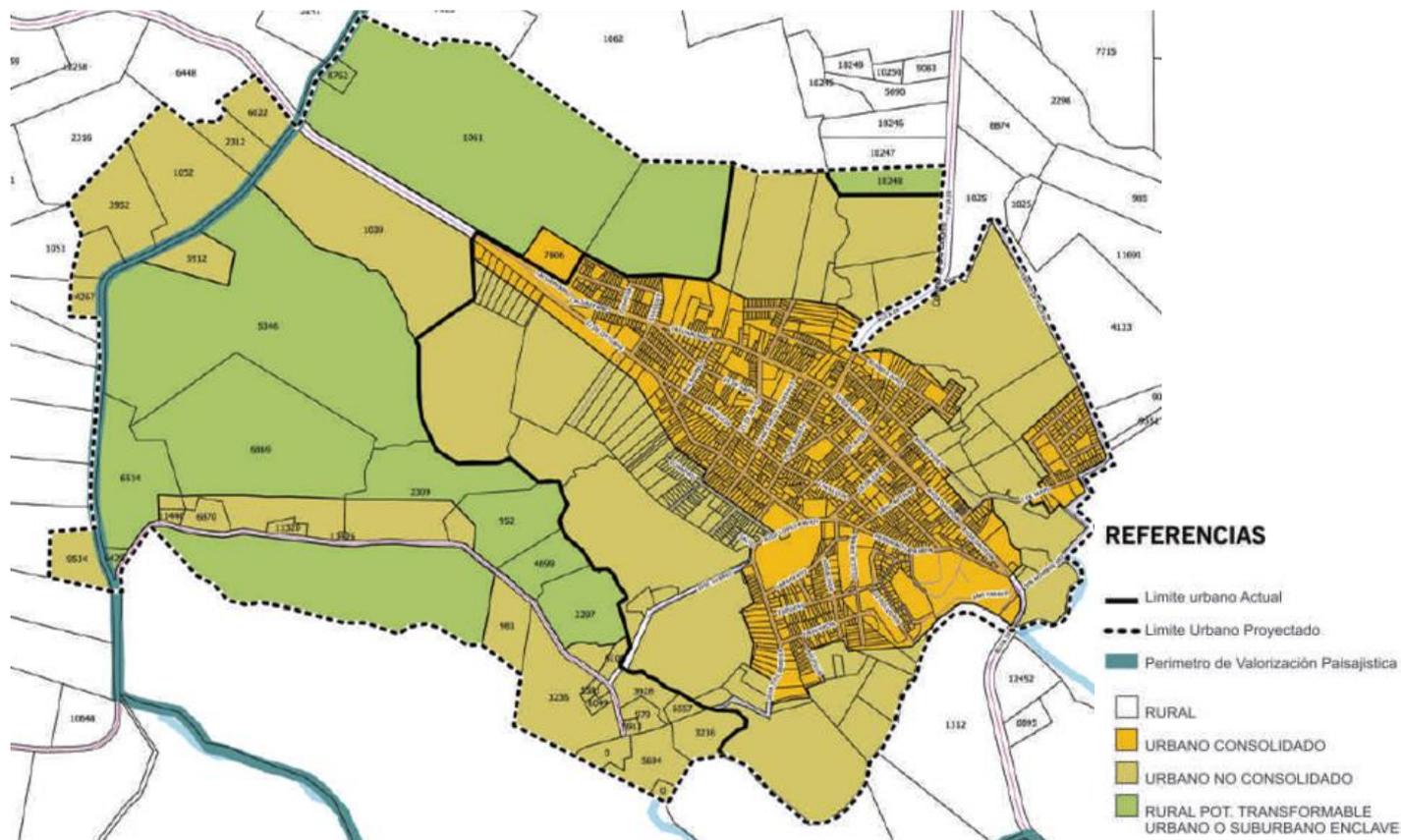


Figura 18 – Plano de expansão. Fonte: Plano de Desenvolvimento e Ordenamento territorial, 2019.

No que diz respeito à paisagem urbana, a cidade predominantemente de casas térreas ou com 2 pavimentos no máximo, irradia com muito afincos, a diversidade de cores e uma arborização predominante recheada com palmeiras típicas da região, transpassando a sensação de acolhimento de um povoado perante o ouvinte/receptor, o interesse em contar e reproduzir a sua história hospitaleiramente em um ambiente que já foi e ainda é bastante hostil em sua formação.



Figura 19 – Paisagem urbana, rica em vegetação e cores. Fonte: Plano de Desenvolvimento e Ordenamento territorial, 2019.

É imprescindível, nesta pesquisa, se conduzir notável a forte relação em que o povoado de Cuñapirú — Corrales se desenvolveu econômica e socialmente, atingindo momentos que oscilaram entre a ruralidade, a exploração artesanal, o capital de giro industrial estrangeiro, novamente rural e, por fim, na contemporaneidade, estabelece um viés bastante turístico relacionado à rota do ouro e às ruínas de Cuñapirú. Tal direcionamento, busca estabelecer um turismo integrado na região e vise restabelecer econômica e espacialmente o lugar.



Figura 20 – Ruína de Cuñapirú. Fonte: autora.

6. VIVER ABANDONOS EM CUÑAPIRÚ – CORRALES

6.1. Minas de Corrales: sintomática do abandono

A viagem ao lugar

Apoiados pela idealização de captar os sintomas presentes no abandono, seja ele material ou imaterial, e amparados pelas classificações de Germaine Gux (1973) percebemos a existência de suas formas distintas presentes durante a vivência no povoado de Cuñapirú — Corrales.

A partir da caminhografia e da errância urbana, podemos nos enquadrar na rotina de um lugar, conseguindo captar diversos sentimentos e sensações capazes de denunciar inseguranças, medo e angústia. Estas e outras sensações podemos perceber e registrar através do diálogo, da fotografia, da experiência e da posterior análise do material, conforme explorado nos processos metodológicos.

Nesse sentido de caminhar sem rumo, o primeiro trajeto denota um perambular despreocupado como recém-chegados ao povoado, trata-se da descoberta como ponto de partida: nada se está à procura, mas se encontra. Sem rumo, pegamos a primeira rua, que parecia ser a avenida mais imponente, bem cuidada que cortava a cidade e a interligava com a rodovia federal. Nessa avenida intitulada Dr. Davison, percebeu-se, apesar de sua nobreza, marcas de abandono e resquícios de um passado que já não fazia mais parte do presente, mas que ansiava fazer. Assolava, naquela avenida, a demonstração de tudo que outrora fora, seja economicamente ou culturalmente, mas que na contemporaneidade se encontrava à mercê da valorização.

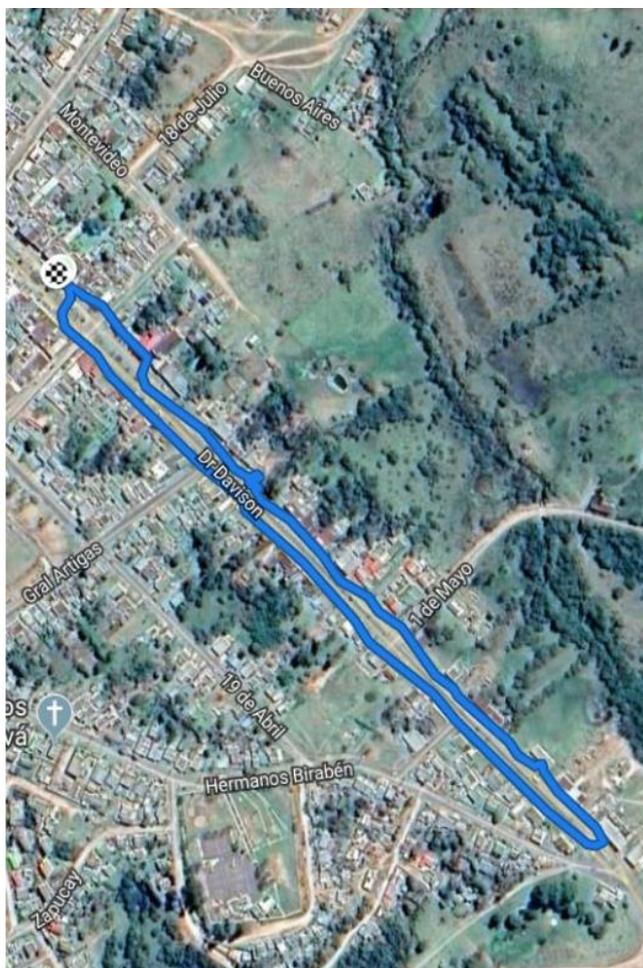


Figura 21 – Percurso Caminhografia dia 01 em Cuñapirú – Corrales, Av. Dr. Davison. Fonte: autora.

Como tratamos anteriormente, considera-se em abandono também tudo que está em situação de espera, de não conseguir despertar sentimentos em um determinado momento. Trata-se, desse espaço, o abandono como um estado volátil, passível de transformação e ávido de receber amor. Sua condição momentânea não o define permanentemente.

No segundo trajeto, já estávamos no segundo dia de vivência, e pode-se contar com o apoio da população local que não mediu esforços para nos receber acolhedoramente. Essa sensação de acolhimento possui fundamentação histórica devido às reincidências externas mirando na economia local. Ora, não por acaso, o povoado de Cuñapirú — Corrales sempre cultivou e teve sua sobrevivência assegurada por cunho internacional, por esse motivo se sente dependente de outras origens até a atualidade, sejam seus motivos econômicos ou culturais. É um povoado que vive da reciprocidade de sua acolhida, e não de investimento e valorização local.

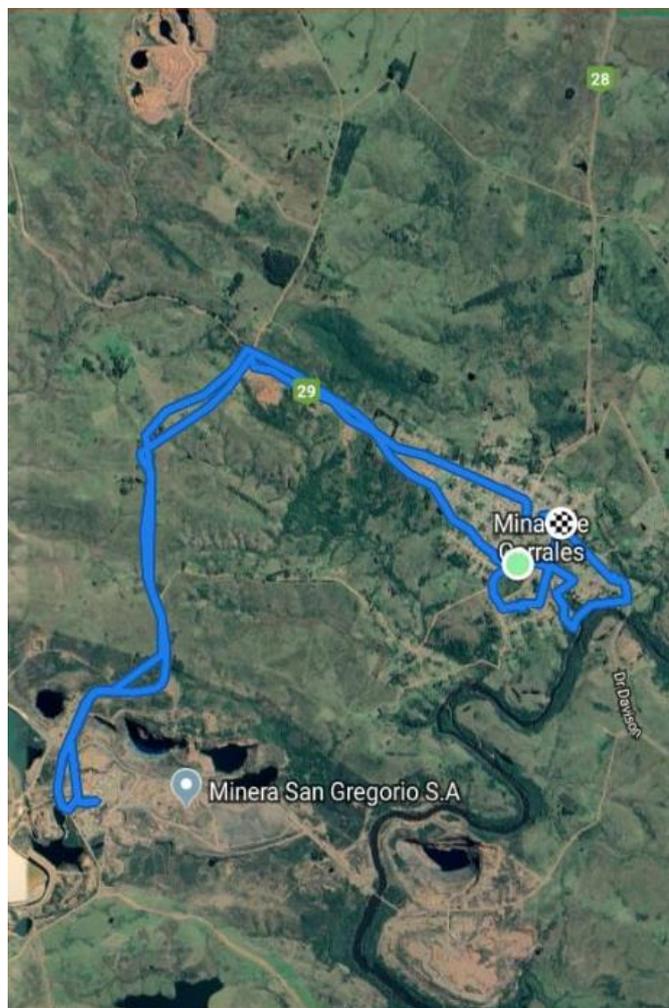


Figura 22 – Percurso Caminhografia dia 02 em Cuñapirú – Corrales, perimetrais. Fonte: autora.

Os trajetos acima perambulados, tomaram como partido a exaltação dos abandonos como primórdio e, através dos registros abaixo explorados, nos transbordam e trazem à tona a contemporaneidade de um povoado que se reconstrói⁴⁰ mediante as circunstâncias.

Para melhor contextualizar o local de estudo e traduzir a experiência através das imagens abaixo analisadas e classificadas afetivamente, percebeu-se a necessidade de encarar o território em 3 pontos, visto sua distância territorial: 1 Minas Corrales, 2 Cuñapirú e 3 San Gregório, respectivamente, conforme figura abaixo.

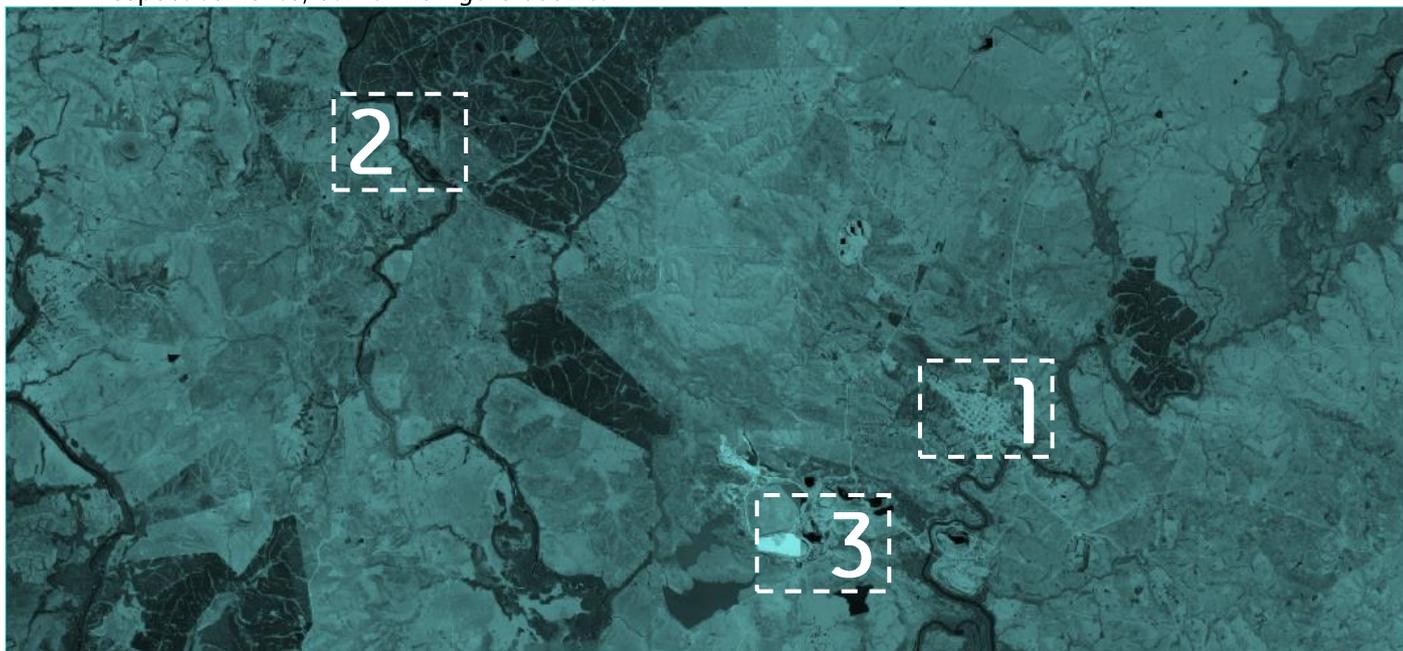


Figura 23- Identificação dos pontos territoriais, respectivamente: 1 Minas Corrales, 2 Usina de Cuñapirú e 3 San Gregório. Fonte: Google com considerações da autora.

⁴⁰ “Compreender é inventar ou reconstruir através da reinvenção, e será preciso curvar-se ante tais necessidades se o que se pretende, para o futuro, é termos indivíduos capazes de produzir ou de criar, e não apenas de repetir.” (PIAGET)

Nesse sentido, os zooms dos mapas que seguem abaixo seguem os pontos de recorte acima demarcados e buscam identificar o local de ocorrência dos sintomas do abandono.



Figura 24 – Zoom 1 Minas Corrales, com a identificação dos respectivos sintomas detectados abaixo. Fonte: Google com considerações da autora.

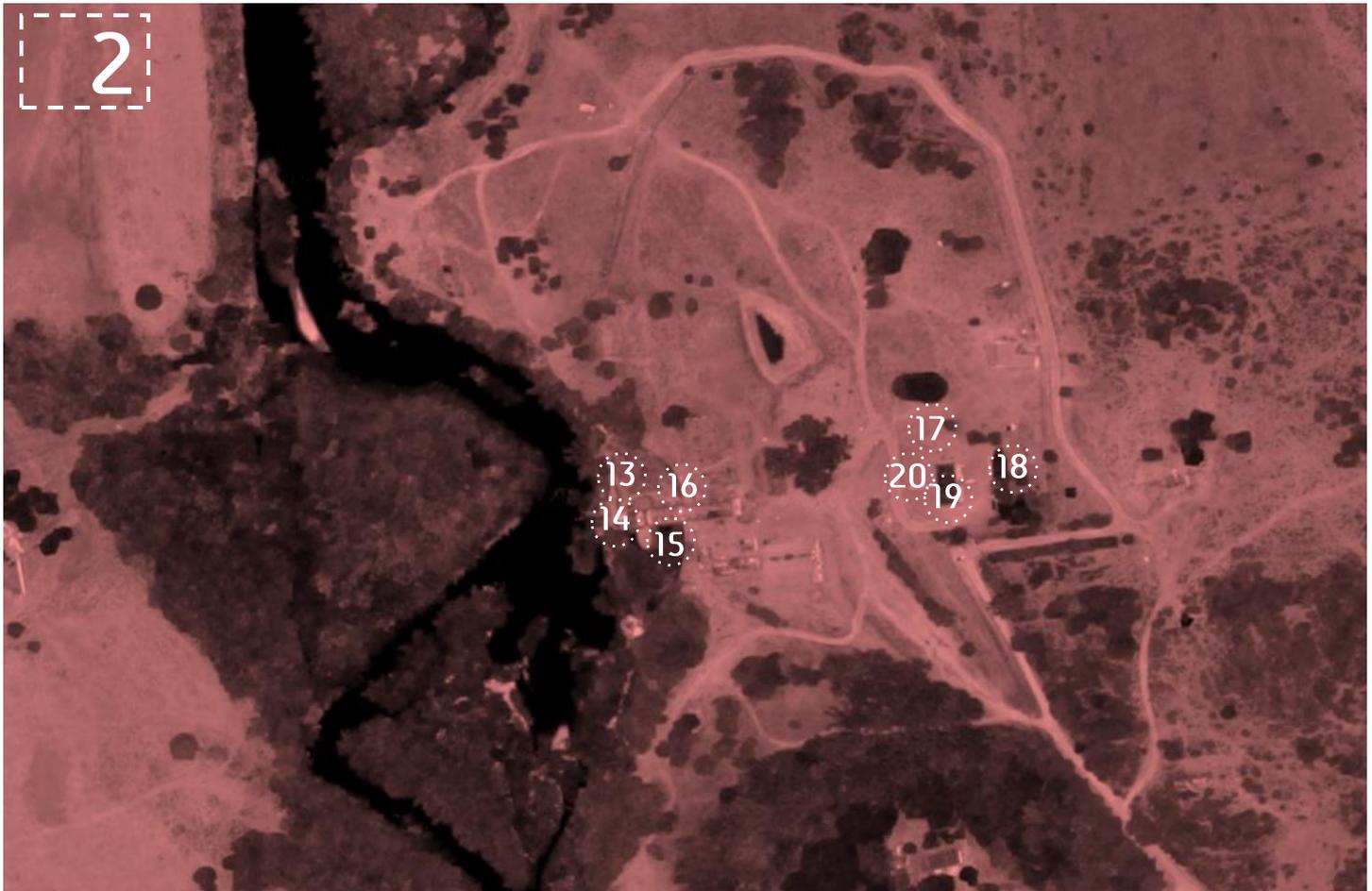


Figura 25 – Zoom 2 Usina de Cuñapirú, com a identificação dos respectivos sintomas detectados abaixo. Fonte: Google com considerações da autora.

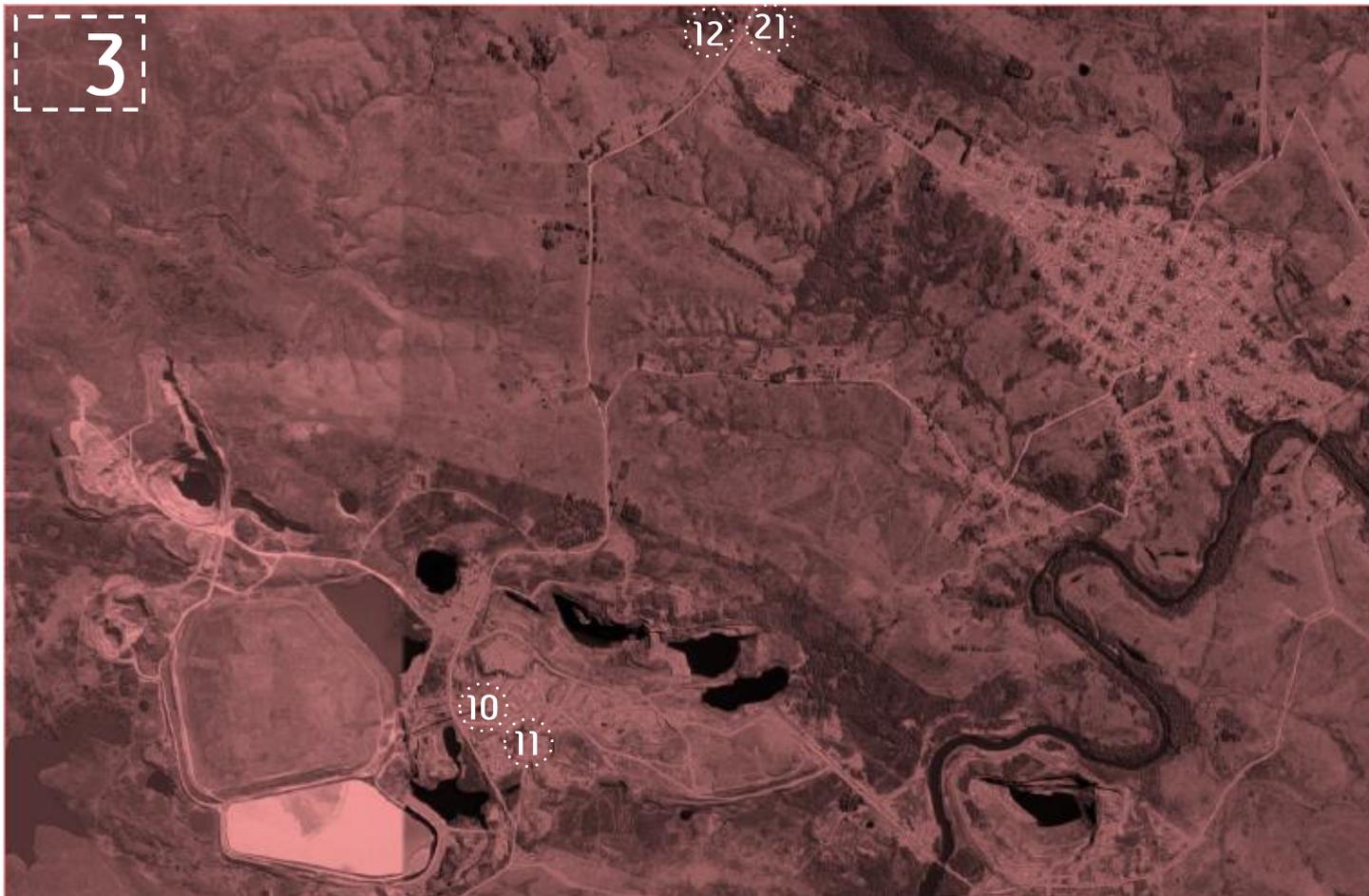


Figura 26 – Zoom 3 San Gregório, com a identificação dos respectivos sintomas detectados abaixo. Fonte: Google com considerações da autora.

IDENTIFICAÇÃO	SINTOMA
<p data-bbox="279 240 343 300">1</p> 	<p data-bbox="1050 240 1252 272">Destelhamento.</p>
<p data-bbox="279 627 343 686">2</p> 	<p data-bbox="1013 627 1292 699">Falta de esquadrias e vegetação invadindo.</p>
<p data-bbox="279 986 343 1045">3</p> 	<p data-bbox="1005 986 1300 1018">Esquadrias quebradas.</p>

<p>4</p>		<p>Tinta descascada, simbologia apagada</p>
<p>5</p>		<p>Vegetação crescente.</p>
<p>6</p>		<p>Ruína – inércia no estado de conservação. Arquitetura onipotente.</p>

7



Mina sem exploração, com segurança porque já foi alvo de vandalismo.

8



Torre de aerocarril (equipamento de transporte) em desuso – deterioração.

9



Adaptação de carrinho de aerocarril para ornamento na via principal da cidade. Turismo do ouro.

10



San gregório - Poluição visual de equipamento de extração do ouro. Em deterioração pela falta de uso...

11



Natureza tomando conta.

12		Edificação sem esquadrias.
13		Ruínas e vegetação tomando conta. – Inércia no estado de conservação. Arquitetura onipotente.
14		Vandalismo.

<p>15</p>		<p>Destruição, deterioração. – Inércia no estado de conservação. Arquitetura onipotente.</p> <p>Causa: Alagamento – rompimento da barragem.</p>
<p>16</p>		<p>Vegetação crescente invadindo. – Inércia no estado de conservação. Arquitetura onipotente.</p>
<p>17</p>		<p>Risco de desabamento. (catástrofe) Inércia no estado de conservação. Arquitetura onipotente.</p>

18		Destelhamento
19		Empolamento, oxidação das paredes e descascamento de tinta.
20		Vandalismo.



Figura 27 – Fotos do processo de caminhografia. Fonte: autora.

Identifica-se, a partir dos registros acima classificados principalmente nas imagens 2,5,10, 11 e 21, uma sintomática decorrente do abandono, seja ele por desuso econômico ou cultural, mas que se fortalece e determina através do tempo por sua falta de ocupação e destinação. Trata-se de uma arquitetura que rui de afeto, que se ocupa cada vez mais pelas intempéries da natureza e do existir sem mais um propósito pré-estabelecido. Torna-se sucumbida às possibilidades do meio.

Azar ou não da história, o cenário recorrente acima descrito abre margens para o surgimento de um novo acontecimento, o surgimento de espaços indecisos. Estes espaços, de acordo com Gilles Clément em *Manifesto del Tercer Paisage*, são paisagens objetificadas através da indústria e aos quais possuímos dificuldades em nomear, seja por não ter uma função determinada ou por seu não pertencimento. É um lugar situado às margens e oriundo de um desprendimento recente. Essas proposições e fragmentos de paisagem são responsáveis em constituir um território de refúgio, e é nesses espaços residuais⁴¹ em que Gilles propõe o surgimento da Terceira Paisagem.

⁴¹ Resíduo, de acordo com Gilles Deleuze 2007, p.12. '[...] formam parte de todos os espaços. A cidade, a indústria e o turismo produzem tantos resíduos como a agricultura, a silvicultura ou a criação de animais'.

Das tabelas acima, podemos encarar como exemplo de resíduo turístico o exposto nas imagens 7,14 e 20. Esse resíduo parte do novo uso da arquitetura que vem sendo identificado na região e é responsável pelo uso inadequado do espaço por usuários que depredam ainda mais a situação das edificações existentes, nesse ato, identificado pelas escritas e marcas deixadas nas empenas. Não por acaso, os resíduos também evidenciam e caracterizam, nesse aspecto, uma forma de denúncia de demonstração de reações afetivas. Nesse sentido, o residual é um termo vinculado ao serviço, é específico e condicionado diretamente pelo meio de interesse e seus usuários.

Através do diálogo eminente com a população residente e através das classificações de abandono neurótico elencadas por Germaine Guex já exploradas acima, os trajetos ilustrados conseguiram reportar, através das vozes de usuários de vivência direta, as diversas reações afetivas que este abandono lhes causa.

NEGATIVO AGRESSIVO (gera ódio no usuário, não desperta amor, quer mostrar-se, fazer ouvir-se, ser amada) ...;

Trecho diálogo	Reação Afetiva - Abandonnique
<p>Pesquisadora: O senhor percebeu bastante essa queda da economia e redução da população na cidade após o fechamento da atividade de mineração?</p> <p>Morador local: Ah sim, o comércio caminhou melhor né... aqui sempre foi um povinho típico que pagava muito dinheiro, o custo de vida era muito caro e é, em Livramento e Rivera é tudo metade do preço. Agora até os aluguéis aqui ficaram mais baratos porque o salário se tornou pouco e muita coisa vagou pelas pessoas que foram embora. Um emprego na polícia, na UTE agora nem se compara ao que era o trabalho na mina, muito mais valorizado.</p>	<p>Reação de angústia por abandono econômico.</p>
<p>Pesquisadora: E agora virou uma localidade turística?</p> <p>Morador local: Não. O que vai vir fazer? Só dar uma olhada, mas o que vai olhar aqui? Não tem visitação, só deve ter alguém que cuide. Se foi uma coisa legal aí que dava lucro pra toda vida, moro aqui desde 1974, acompanhei toda evolução.</p>	<p>Sentimento de falta de amor e esperança, quer ser ouvido e ser visto, mas não faz nada para despertar isso. À espera.</p>
<p>Morador local: Sim. Quando funcionava isso tinha 1000 habitantes... agora não existe mais nada, totalmente deserto. Era quantidade de casinhas de barro de “pau a pique”. Estavam disseminadas por toda zona. Aqui foi onde teve o primeiro hospital do interior do país. Moíam todo minério aqui de Santa Ernestina... era a planta de processamento, funcionava tudo à força hidráulica, tinha 6 comportas que geravam energia elétrica.</p>	<p>Sentimento de negação pelo fim, quer mostrar-se ao mundo e ser notável. Movimento do abandono como êxodo.</p>

POSITIVO AMOROSO (sentimento de valor econômicos, cultural, histórico...);

Trecho diálogo	Reação Afetiva - Abandonnique
<p>Pesquisadora: E o senhor gostaria que voltasse, reativasse a mina? Quais as suas lembranças?</p> <p>Morador local: É bom pro povo né, pra muita gente. Tenho boas lembranças da época, um bom dinheiro. Sempre olhei pra frente, com o dinheiro que vou ganhar aí de hora extra vou comprar tudo que me faz falta. E a cidade melhorou muito, o comércio.</p>	Sentimento de valor econômico, crescimento urbano e de serviços.
<p>Morador local: Tenho uma referência de meu pai que era o último garimpeiro do lugar, e trabalhar na última etapa da mineria. Conheço toda a história desde que se iniciou toda busca do ouro, desde o primeiro brasileiro que chegou, o José Suarez das bandas de Camaquã.</p>	Sentimento de valorização histórica e paterna.
<p>Morador local: o meu pai foi quem fez todo relato, eu sei dessa época do meu avô... foi um dos primeiros a fazer trabalho para os ingleses em 1910, veio fazer a madeira que se colocava dentro das cavernas para sustentar os buracos que ficam... esse trabalho fez meu avô uruguaio. Depois meu pai com 14 anos, na última época da UTE 1936, ele começou a conhecer todo tema do ouro e foi durante toda vida até 2010 (onde faleceu com 88 anos), foi a referência de todas empresas que vieram para reativar a mineria (1997) e foi a pessoa que sempre teve dando força para que voltasse uma empresa mineira nesse lugar... porque vou contar pra vocês, Minas de Corrales é um povo que surgiu do tema do ouro, um povo mineiro.</p>	Sentimento de valorização histórica e paterna.
<p>Pesquisadora: E na vida do senhor quais os impactos que isso teve, a cidade cresceu o que trouxe de melhorias?</p> <p>Morador local: Desde que se instalou essa última empresa canadense- australiana veio um incremento muito importante na vida econômica e social de Minas de Corrales porque tudo gira em torno das minas. A parte de empregos diretos, quase 700 tudo gerou de empresas de comércio, estações de serviço, oficinas mecânicas, padarias tudo funcionava muito bem.</p>	Aspectos econômicos positivos, crescimento urbano e de serviços.
<p>Morador local: A população de Minas de Corrales, hoje, anda em torno de 4500 habitantes, nas épocas que não tinha trabalho mineiros, andava em torno de 2000 pessoas... houve um incremento muito importante da população e no modo de vida da gente... até hoje se sente o impacto da paralisação, aqui tu não vê gente nas ruas pedindo, toda gente tem um nível econômico muito bom em função das minas. Agora tem muita gente no seguro de emprego até o fim de dezembro, como 200</p>	Sentimento de valor econômico, crescimento urbano e de serviços. Sensação de pausa, aguardando que

<p>empregados que tão cobrando seguro desemprego. Até esse momento não afetou tanto ainda, eles não se deram conta que precisam buscar outra solução imediata (apicultura, gados...) ainda que tenham já algumas companhias interessadas em fazer uma continuação da mineira. Teve esse ano uma empresa da China, o governo do Uruguai foi na China e levou Corrales até lá... ficaram interessados em dar continuidade no ouro, prata e ferro que temos também e isso seria o relato da história.</p> <p>Morador local: não, não... estamos se aproveitando disso para gerar o turismo. A manutenção ainda não porque recém agora está dando importância no ministério do Uruguai. Aqui falta muita infraestrutura de banheiros, restaurante e hospedam [...] Hotel só tem esse que estão e aqui tem capacidade restrita... se existir uma ampliação do turismo já não temos capacidade de atendimento ao turista.</p>	<p>tenha outra empresa que dê continuidade na rota do ouro.</p>
<p>Morador local: a partir de toda essa história que te contei se formou um turismo que todavia está em expansão e desenvolvimento às vezes o hotel de Artigas agenda e faz a Rota do ouro, algumas galerias que pode entrar, o museu a Usina de Cuñapirú, os capacetes e com luminária se entra na mina... A manutenção ainda não porque recém agora está dando importância no ministério do Uruguai.</p>	<p>A esperança do recomeço através de uma nova vertente – algo notável e de interesse local. Demonstração de hospitalidade como uma possibilidade, porém sem um hóspede.</p>
<p>Morador local: Sim, que o turista encontre com um povo mineiro da época e para isso que a gente está trabalhando, nos canteiros, muros de pedra, bancos de madeira, faróis.</p>	<p>Entusiasmo em preservar a memória imaterial, o afeto. Recomeçar sem esquecer do passado.</p>
<p>Morador local: E tu sabe que esse lugar aqui mineralizado tem muita gente que diz que tem muita energia, a gente sente sensações [...] tem uns que sentem sono, outros tens diferentes sensações da energia vinda dos mineirais.</p>	<p>O impacto da paisagem de minérios da região sobre cada indivíduo. Cada pessoa como dona das próprias percepções e captações de energia. Povo único.</p>

NÃO VALORIZADO (camufla todos os sintomas visíveis, nada é evidente. Algo que serviu e que não serve mais agora. Tudo que está no aguardo de certa forma está abandonado... no momento em que alguém lhe oferece um sentido, não é mais parte dessa categoria de não valorização);

Trecho diálogo	Reação Afetiva - Abandonnique
<p>Morador local: Existem algumas casas que estão abandonadas, que já ficaram anteriormente, mas não são muitas.</p>	<p>Sensação de abandono momentâneo (recíproco) com a situação econômica – porém não evidente à percepção visual.</p>
<p>Morador local: eu vivi essa última etapa e foi muito produtivo para geração de empregos e melhoria da gente... meu pai sempre me dizia e lutava para que viesse uma empresa porque sabia que uma empresa mineira aqui mudaria toda vida do povo... porque não temos fábricas, tudo é em torno de uma empresa e hoje temos esse grande problema que essa gente se foi e estamos nessa que não sabemos se vai voltar a mineração ou não. Mas a gente vai e os jovens que terminam os estudos precisam ir embora porque não tem fontes de trabalho, precisam ir para outros lugares do Uruguai ou fora do país. Todo mundo fica no aguardo de uma empresa e forma de exploração.</p>	<p>O sentimento de inércia e impotência perante um cenário que não está ao alcance. A insuficiência da espera, do vácuo econômico.</p>
<p>Morador local: Muita coisa que não existe mais em Minas Corrales [...] Havia fábricas, vinhedos, um monte de coisa que se terminou porque não tinha mais procura... enquanto tava funcionando a parte de mina todo mundo queria vender coisas, se vivia bem... fecharam a mina e tudo se foi</p>	<p>Quando o sentimento de algumas existências perde a valia. Volatilidade da existência de um povo, capacidade de escapar e dispersar-se no ar...</p>

Encarar o abandono imagético e o experienciado através dos relatos não visíveis acima é aceitar a coexistência e a sobreposição de fatores que ora concordam, ora se contrapõem. Acerca desse fato e de toda filosofia englobada conexa ao tema, faz-se necessário apresentar a esquizoanálise como potência e força motriz dessa experiência em Cuñapirú — Corrales.

A esquizoanálise é um conceito que possui origem em Gilles Deleuze e Felix Guattari, em 1972, e tem por premissa maior reagir à psicanálise⁴² tradicional, abrindo espaço para um novo instrumento para decifrar a subjetividade. A esquizoanálise atua como crítica para a interpretação do conceito de desejo como falta. Nesse sentido, para os autores, o inconsciente se torna responsável pelo desejo como um intenso produtor de realidades.

Frente ao desejo, o capitalismo é encarado como um problema, uma vez que seu sistema representa um meio de exploração, dominação e colonização do desejo. Dessa maneira, pressupõe-se que a produção de subjetividades, incluindo o Complexo de Édipo, precisa passar por uma análise social do modo de vida capitalista da contemporaneidade. Assim, objetiva-se criar relações e entender a esquizofrenia como processo de obter a desedipianalização subjetiva e das intuições.

Observa-se o capitalismo agir contra o processo de uma vida intensa, uma vez que inviabiliza a experiência dos corpos logo na infância, gerando angústias, ressentimentos e infelicidade. Necessita-se, então, desvendar formas de abolir esse capitalismo exploratório para então agenciar novas formas de afeto, novas subjetividades e novas experiências.

⁴²A vocação da análise, portanto, não é dizer o que somos, mas sim promover a escuta daquilo de que estamos em vias de diferir - ou seja, a sustentação de devires-outro. Tal vocação esteve presente na própria fundação da psicanálise, com a qual se inaugura o campo analítico. A criação por Freud deste novo tipo de prática, no final do século XIX, se constituiu como uma resposta possível ao mal estar provocado pelo declínio do modo de subjetivação então dominante, o qual se expressa convulsivamente no conjunto de sintomas que se convencionou chamar de histeria' (ROLNIK, 2009).

A partir de Deleuze (1996), 'a esquizoanálise tem um único objetivo, que a máquina revolucionária, a máquina artística, a máquina analítica se tornem peças e engrenagens umas das outras'. A psicanálise, a partir da esquizoanálise e assim como o abandono, representa o lugar do dinâmico. Não somente aceita a coexistência e a sobreposição de juízos como também acredita que estes encontros conseguem gerar atrito e oposições pertinentes para ocasionar em uma terceira via de ações e pensamentos. A terceira via é, de fato, o palco que nos interessa, uma vez que demonstra todas as potencialidades ali escondidas no lugar do abandono.

Nesse sentido, através dos registros experienciados acima, discute-se abaixo sobre o que de fato o abandono carrega e representa em sua existência como lugar da diferença evidenciando as potencialidades encontradas através da percepção dos agenciamentos presentes no espaço dinâmico, das reações afetivas, do lugar da terceira paisagem e da existência em si mesmo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início de seu curso essa pesquisa foi motivada por satisfazer as inquietações decorrentes dos povoados em situação de abandono — especificamente na localidade de Cuñapirú — Corrales, em como esses locais foram (des)ocupados morfologicamente e de que maneira poderiam se reinventar no tempo e espaço para perdurar e, principalmente, como poderíamos aprender com o que está sendo esquecido e descartado nos povoados e na cidade.

Através disso, faz-se necessário observar as casualidades encontradas no meio de estudo e tudo aquilo que se destaca e transborda no exercício da caminhografia e que, de alguma forma, alcança e encontra os objetivos propostos nesta pesquisa. Enfatiza-se, no entanto, que não é a intenção promover planos rígidos e regulares, pelo contrário, propõe-se promover a investigação, o questionamento e a revolução do existente encontrado e permitir ampliar as possibilidades de novas concepções e ideias urbanas para a manutenção e atualização do plano existente.

Assim, através dos objetivos específicos foi alcançado:

a. **Compreender e experienciar, através da cartografia sensível, a estrutura que compõe o ato do abandono (morfológica, arquitetônica, cultural e sensorial, etc.) através da criação de mapas sensíveis com a intenção de ampliar o pensamento de arquitetos e urbanistas a respeito do lugar do abandono em Cuñapirú — Corrales;**

Através da pedagogia da viagem, da caminhografia, dos diálogos e da imersão no local, foi possível mapear e compor cenas urbanas existentes e analisar certas manifestações cartográficas sensíveis e suas potencialidades enquanto mecanismos e dispositivos de criação inovadores. Pode-se aprender que a cada situação se consegue aprender de uma forma inusitada e através de particularidades e conexões distintas.

Essas distintas manifestações em potencial nos acometem e trazem à tona a capacidade que esses lugares possuem de se adaptar às mudanças e transformações impostas pelo meio. São lugares na contemporaneidade “ocupados” de disputas efêmeras e tolerantes de subversões que garantem a sobrevivência do meio.

b. **Conhecer por meio da relação direta os lugares do abandono em Cuñapirú — Corrales, seu potencial cultural, artístico e pedagógico, entendendo que a cidade pode ensinar;**

O procedimento metodológico do diálogo conseguiu desvendar e fornecer importantes narrativas de pistas e aproximações de cunho cultural e histórico valiosas para a compreensão do cotidiano e dos detalhes culturais provenientes da história do ouro na região.

Nesse aspecto, observa-se a temporalidade encontrada e se procura demonstrar a localidade como ponto de diversidade e complexidade, visto que não se enquadra em limites pré-

estabelecidos. Busca-se, então, destacar o abandono como um local enigmático estando em constante movimento e não se esgota apenas nas reflexões aqui abordadas, difunde-se.

c. Refletir sobre o caráter dinâmico e evolutivo da paisagem no lugar do abandono em Cuñapirú — Corrales.

A partir de tais manifestações, apresenta-se o abandono de Cuñapirú — Corrales como o conceito de traçar uma linha de fuga em Deleuze e Guattari (1996) e articula como uma renúncia, a desterritorialização para, então, romper com o que já está fixo e potencializar a inovação e a produção do novo.

Nesse contexto de fuga, busca-se trazer ao enfoque do pensamento as possibilidades de explorar outros palcos interdisciplinares como saída ao abandono, sendo eles a música, as artes, a escrita, dentre outras manifestações criativas.

A partir da constatação dos objetivos específicos e, por meio deles, constitui-se o objetivo geral desta pesquisa no desenvolvimento dos tópicos abaixo explanados em que consiga o abandono como: um espaço dinâmico; uma renúncia e propagação de reações afetivas; o lugar da terceira paisagem; e a própria existência em si mesmo.

7.1. O abandono como um espaço dinâmico

O abandono é cíclico e impermanente, rotativo. A partir do conceito de ritornelo de Deleuze e Guattari (1997), encontramos pistas de uma experiência capaz de manter viva a dinâmica do encontro no mundo: a improvisação. Improvisar, nesse contexto, nos leva a aliança entre experimentar e ter cautela, sabendo enfrentar todas as tensões tendo a certeza de que jamais se retornará a um mesmo território, por mais que seja o mesmo.

Durante a história de existência de Cuñapirú — Corrales, muitas foram as tensões que impulsionaram a trajetória do povoado até a contemporaneidade. Primeiramente pela descoberta do ouro através da criação de gado, até seu início de exploração da forma mais primitiva e dentre todas idas e vindas de especulações e investimentos de origem estrangeira que culminaram na exploração aurífera como base de desenvolvimento da região. Nesse espiral, o conceito de ritornelo dá suporte para refletir sobre todas as articulações e rizomas gerados no abandono agora como vertente da experiência do improvisado. Ora, não por acaso o povoado passou por inúmeros enfrentamentos diante do caos e teve de se organizar por movimentos de territorializações, desterritorializações e reterritorializações (ritornelo). Essa movimentação é natural e inerente à vida terrestre, constituiu-se de inúmeras buscas em novos territórios desconhecidos, abrindo-se novamente ao caos, porém agora diferentes de outrora.

Ao improvisar, o abandono constitui um potencial produtor de ritornelos e se relaciona à percepção que recorda a memória de situações protagonistas e traz à tona uma série de sensações que impulsionam o pensamento coletivo acerca do lugar, conforme exposto nos diálogos do capítulo 6. Tratam-se de um emaranhado de discussões que ora discordam e ora concordam, se sobrepõe e se conectam, assim, seja através da memória iminente do indivíduo a existência do povoado jamais

sai de cena, sua presença é constante e suas linhas de tensão fazem com que cada pequeno movimento seja percebido. Sentir e deixar-se ser sentido através do movimento ou da memória na eficácia do momento presente faz com que o agenciamento territorial se estabeleça.

O agenciamento territorial ganha força, aqui, por impulsionar as sensações que as histórias pessoais de cada um engatilham acerca de um bem maior que é o coletivo desde sua concepção e em direção a novos agenciamentos que são as sensações dos outros e os novos encontros que estão sendo gerados. Nesse contexto atual, pode-se dizer que o povoado se encontra em um processo de uma nova reterritorialização, já que busca no futuro caminhar sobre novas linhas de fuga para a manutenção da sua existência, embora signifique caminhar por territórios desconhecidos e se desestabilizar diante de repertórios variados e desconfortáveis.

Trata-se, por fim, de um território transitório, dinâmico, cíclico e aberto aos agenciamentos como tratativa de um componente de passagem, de fuga. Dessa forma, tornamo-nos aptos a criar sempre novas maneiras de observar o mundo, de reinventar-se e de se relacionar com o instável e inesperado sempre retornando através da criação, do agenciamento.

7.2. O abandono/resíduo como denúncia e propagação de reações afetivas

De fato, compreende-se Gux (1973) na conceituação do *'abandonnique'* para melhor designar o lugar do neurótico que ocupamos no mundo afetivo, uma vez que o termo abandono é carregado de uma objetividade não percebida senão de uma forma mais complexa. Por certo, as vivências em Cuñapirú — Corrales demonstraram que o abandono é carregado de uma forte e instigante consciência coletiva que, apesar de abandonar economicamente sua ocupação, se precaveu em fortalecer e preservar sua história e cultura diversa como povoado.

Fugimos da objetividade do termo abandono, quando pensamos no contraponto das reações afetivas. Conforme explanado anteriormente, identificamos o abandono de duas formas: visual (sintomas apresentam-se de forma imagética nítida e clara) e não visual (sintomas não aparentes).

Quando nos deparamos com as imagens analisadas durante o percurso no local, verificamos que estas exaltam diversas formas de agressividades reacionais: seja dos usuários ou do próprio meio ambiente. Estas demonstram a falta de afeto materializada na forma de vandalismo, degradação, ócio e crescente invasão da natureza. Ocorre que, nesse contexto, até mesmo a não ocupação traduz uma forma de renúncia, uma abdicação agressiva perante o meio, e constata uma forma de expressão de reação a um sentimento.

Embora visualmente os lugares do abandono em Cuñapirú — Corrales denunciem a iminente falta de afeto. Conforme a classificação afetiva das síndromes do abandono, a narrativa de parte de seus usuários se contrapõe a tal constatação sendo positiva, em discordância com o campo imagético. Transcende o mundo material lembrando com afeto a memória de seu passado histórico, cultural e econômico trazendo ainda, em seu discurso, esperança para um futuro próspero e promissor em novas vertentes de exploração.

Já o estado de não valorização reforça o quão volátil e cíclico é o abandono perante a temporalidade e a percepção humana. Retratando a angústia de outrem que está no aguardo — naquele presente momento, na expectativa de algo que já serviu um dia, voltar a ser útil novamente. Em Cuñapirú — Corrales, o estado de inércia é percebido através dos diálogos que traduzem o que é a insuficiência da espera, principalmente quanto ao vácuo econômico existente na atualidade, uma vez que obriga a população que ainda resiste a buscar novos meios de sobrevivência.

Seu passado histórico evidencia a forte dependência externa recorrente para a manutenção da sobrevivência local através da mineração e, assim, denuncia um estado natural de angústia, agressividade, solidão, ausência de amor e subestimação de si diante do cenário atual, à mercê. Acompanhando Guex, estaríamos entrando no estado pré-edípico de que ‘o abandonado aspira ao sentimento de fusão com outro ser (mãe) e não ao sentimento de relação que ele nem mesmo concebe’ (GUEX, 1950, p.3).

No plano afetivo, é como se o indivíduo não obtivesse a confiança necessária no amor para avançar por conta própria já que em seu desenvolvimento como povoado foi privado de segurança afetiva e valor próprio, implorando assim por uma fusão capaz de acabar com a solidão e promover uma experiência alienante onde o sujeito normal (mãe) decide por outrem em uma relação unívoca.

A sobreposição e conectividade entre as formas de abandonar demonstram a complexidade diagnosticada em Cuñapirú – Corrales e afirmam a coexistência de sentimentos ambíguos como complemento em uma mesma arquitetura do abandono. E, de fato, a ‘angústia como trégua da agressividade e vice e versa. Defesa e ataque’ (ROCHA, 2010).

Dessa forma, ao contrário do que se possa pensar, o abandono da arquitetura não deve ser encarado como um estado de azar propagado na história, e sim como um projeto em pleno desenvolvimento. Não se trata de sair em definitivo de um estado para outro, mas de uma conquista

— sem exclusão daquilo que foi vivido — para um novo modo de relação com o outro. Em outras palavras, acredita-se que o passado continue a valer através de outros modos e a partir da situação presente.

7.3. O lugar da terceira paisagem

Como válvula de escape para o domínio biológico, Gilles reflete sobre os terrenos vagos como uma condição para a sobrevivência da paisagem na contemporaneidade e os faz através de três classificações anteriormente exploradas: a soma dos *resíduos*, *das reservas* e *dos conjuntos primários*.

Os resíduos, em Cuñapirú — Corrales, resultam do abandono da atividade mineira na região e abrem espaço, desde então, para a manifestação de novas espécies e eventos naturais. Esses espaços caracterizam o abandono como impermanência, trata-se de explorações pouco duráveis e cíclicas, quase que como uma experimentação para se fixar no espaço.

Estes lugares, apesar do nome pejorativo, são os grandes responsáveis pela acolhida de diversas espécies pioneiras e de manifestações que outrora não tiveram espaço. A soma dos resíduos constitui, de acordo com Gilles Clément, o território da *mezcolanza planetária*⁴³. Nesse contexto, descreve que a antropização planetária em crescimento constante acarreta a criação de cada vez mais resíduos e, em um estágio final, resultaria na generalização do planeta como um imenso resíduo com reduzido número de heterogêneos e equilíbrio associado à vida humana.

Constitui Terceira Paisagem também o contido nas imagens 16 a 21, pois apesar de seu estado de degradação, tem-se a necessidade da manutenção e preservação histórica sendo acometida por uma consciência coletiva imponente da região, conforme relatos citados nos diálogos positivo-amorosos. Nesse quesito, desperta-se também a Terceira Paisagem para uma dimensão

⁴³ De acordo com Gilles Clément, 'coloca os seres em circulação de forma repentina. O tempo de resposta a estas confrontações coincide com uma perda de espécies (pressão seletiva). Quanto maior é o tempo de resposta, maior é a perda.'

política e social. Estes fragmentos históricos contidos nas imagens acima explanadas, resultam em farelos conscientes de sua população sendo responsáveis por manter viva a diversidade de sua existência, trata-se da memória coletiva afetiva e de sua amplitude biológica.

A humanidade possui um papel importante no que interfere diretamente na Terceira Paisagem, visto que suas práticas de exploração atuam diretamente sobre os substratos diminuindo e alterando as riquezas naturais do nosso planeta. Não diferente, a exploração mineira ocorrida em Corrales se tratava também de uma massiva forma de desenvolver e obter respostas imediatas para a economia de mercado internacional e local, participando avidamente à corrida do ouro.

A Terceira Paisagem e o abandono, em Cuñapirú — Corrales, nascem de um contexto passivo e estático — desuso, desocupação, e torna-se ativo e incipiente no momento que se transforma em um território de refúgio e possibilita o surgimento da diversidade biológica, que se sente ameaçada e em constante mudança ao passo em que se alteram as dinâmicas, as formas e no passar do tempo.

De acordo com Gilles, o crescimento das cidades e seu respectivo ordenamento de território são responsáveis também pela evolução da Terceira Paisagem. Tal desenvolvimento acarreta formação de uma malha urbana, na qual os refúgios residuais se formam aleatoriamente em lugares hostilizados pelo processo, garantindo a diversidade. Por sua performance, podemos também associar a membrana urbana ao conceito de rizoma, já que se ramifica, espalha-se de maneira conectada e com múltiplos sentidos por causa da ocupação humana e posterior evacuação.

A fim de garantir a continuidade biológica através da política dos encontros, preza-se pela comunicação através das malhas e não com o fechamento das mesmas. A multiplicação, de acordo com Gilles, é unicamente atrelada aos resíduos que surgem da ordenação ao largo das malhas e suas conexões. Nesse sentido, a evolução territorial coincide com o desenvolvimento da Terceira

Paisagem, porém o que garante o desenvolvimento pleno de sua diversidade é a não fragmentação dos espaços residuais.

A antropização é um processo que deriva da geografia e da antropologia e é responsável pela conversão dos espaços naturais e paisagens através da ação humana. Nesta exploração de território, surgem os centros urbanos e suas malhas, assim como em seu processo de urbanização e crescimento, transbordam também seus vazios urbanos e abandonos. Nesse cenário cíclico e rotativo da atuação e desenvolvimento humano, a Terceira Paisagem ganha cenário frente aos espaços residuais que habitam o processo e diversifica-se.

O ordenamento territorial de Cuñapirú — Corrales, conforme já citado, estruturou-se em 2010 quando o Povoado foi oficialmente declarado município, vide *Figura 21*. Conforme seus relatos históricos, o povoado passou por vários pontos de progresso e exploração de cunho internacional, assim como em seus momentos de transição também pontuou por fases de abandono, como o vivenciado na contemporaneidade dessa experiência. A procura de evidenciar, então, o ciclo temporal da experiência (não cronológico e não linear) na atuação da Terceira Paisagem, mostrando sua perspectiva através do tempo — e não com ele.



Figura 28 – Collagem de registros de percurso da proliferação da terceira paisagem em Cuñapirú - Corrales. Fonte: autora.

Essa demonstração histórica cíclica remete que, em Cuñapirú — Corrales, aos pontos de baixa antropização a Terceira Paisagem se torna imponente e toma forma, ao contrário de quando está conflita com o apogeu econômico das explorações e a iminente ocupação humana. Nesse sentido, percebe-se que as convicções da evolução biológica e do crescimento econômico não estão dispostas à sobreposição.

A Terceira Paisagem, em todos os aspectos, também contribui para o estabelecido no subtítulo anterior: é uma importante fração compartilhada de consciência coletiva condicionada pelo seu domínio compartilhado no vértice de uma mesma cultura referenciada em sua organização territorial. Em outras palavras, Gilles nos mostra que:

Em qualquer circunstância, a Terceira paisagem pode se considerar uma parte de nosso espaço vital entregue ao inconsciente. Se trata de uma profundidade onde os acontecimentos se armazenam e se manifestam de uma maneira aparentemente irresoluta (CLEMENT, 2004, p.57).

Devido à sua heterogeneidade, inconstância e excesso temporal, a Terceira Paisagem apresenta o abandono como o território da invenção e não da acumulação. Portanto, trata-se de um espaço inconstante que resiste e se reinventa constantemente durante o passar do tempo, restabelecendo-se sucessivamente através da transformação.⁴⁴ Trata-se de um espaço comum próprio do futuro.

⁴⁴ Entende-se aqui, o processo de transformação como o processo geral da evolução que pode ser entendido como uma sucessão de fenômenos breves (darwinianos) e lentos (lamarckianos) que afetam todos os sistemas.

7.4. O abandono como existência em si mesmo

Os cuidados de si, explorados na Grécia e Roma antiga contribuíram para a desconstrução pessoal através da subjetividade como forma de garantir, através de si mesmo, a busca iminente pela felicidade e pela verdade. Tal constatação alcançou diversos níveis de existência através de Foucault e pelo tempo.

No âmbito da cidade, a pólis grega representava o aspecto de cuidado de si por ser governada por homens livres, cidadãos da própria cidade-estado que mediam a verdade e a justiça através da prudência e do controle dos desejos próprios. A pólis, assim como os cuidados de si na Grécia antiga foram perdendo força ao passo em que as disputas de poder com os romanos e o capitalismo vinham tomando espaço.

Em Cuñapirú — Corrales, diversos foram os aspectos capitalistas que alavancaram o povoado e o tornaram cidade através dos tempos. Porém, na contemporaneidade, essa ausência é, de fato, um dos maiores contributos à situação de abandono. Tal situação culminou em um coletivo — natureza e usuários — em busca de outros modos de sobrevivência e reterritorialização, ou seja, a procura de uma nova potência para a existência em si.

Nesse aspecto, o abandono representa, em sua ausência de capitalismo, um retorno das noções de cuidados de si estabelecida por Foucault desde 1894 e um retorno aos ideais de cidade grega, através da busca da ética como estética de existência por outros modos de vida através de seus usuários e da ação da natureza em uma busca comum pela felicidade como valor universal.

Busca-se, de fato, assegurar na contemporaneidade uma nova forma de direcionar outros princípios além-capitalistas como subversão, transformação e manutenção do espaço como existência. Acredita-se no desempenho da arte, da experimentação e da utilização em si mesma

como nova forma de percepção e de se encontrar no espaço com dignidade, ultrapassando as barreiras dos aspectos socioeconômicos.

Ocupar-se consigo mesmo tornou-se de modo geral, o princípio de toda conduta racional, em toda forma de vida ativa que pretendesse, efetivamente, obedecer ao princípio da racionalidade moral. A inquietação a ocupar-se consigo mesmo alcançou, durante o longo brilho do pensamento helenístico e romano, uma extensão tão grande que se tornou, creio, um verdadeiro fenômeno cultural de conjunto (FOUCAULT, 2010a, p.10).

Em Cuñapirú — Corrales os cuidados de si se apresentam nesse aspecto, primeiramente como uma atitude, simplesmente como uma forma de estar no mundo. Essa atitude vem se transformando e se torna, gradualmente, uma reelaboração da maneira de agir no mundo, de ter relações com o outrem e de encarar os acontecimentos — o estado de abandono. Em suma, demonstra uma preocupação com o pensar e sentir a contemporaneidade, e igualmente um agir, através do exercício da transformação de si mesmo para a manutenção da sobrevivência.

Dessa forma, o abandono age não como a busca de um resultado, mas como uma forma e uma possibilidade de manter sua existência em si mesmo. Pois, de acordo com Clement, 2004, p.49, do ponto de vista biológico, a existência constitui uma realização.

7.5. Experiência como pesquisadora

As potências experienciadas em Cuñapirú — Corrales serviram de alerta para as inúmeras possibilidades existentes nos lugares do abandono e conseguiram revelar diversos aspectos e pontos de vista de entendimentos variados que, ao curso da pesquisa, me levaram a crer que sim: o abandono representa um movimento cíclico, atemporal e de propagação artística. A iminente presença de vida (em suas formas distintas) representa arte e existência.

Incentiva-se para a percepção de todas as vivências, a importância dos métodos cartográficos utilizados, bem como a caminhografia urbana como forma sensível de percepção da subjetividade — tão pulsante no lugar do abandono — e contato com os usuários locais. A cartografia nos auxilia na corporificação da experiência e na captação múltipla dos detalhes, inserindo-nos como um observador — dentro de vários outros existentes — e permite criar uma interpretação única da vida contemporânea a partir de várias outras.

Apreendi, através do contato local, que todos os relatos são reais e verdadeiros para quem os conta e é importante sim, considerar as diversas sensações e percepções que cada usuário tem perante o abandono. É justamente esse potencial que ele tem: o de despertar a potência em si mesmo, aflorar o que pode perpetuar nas pessoas e no lugar.

Finalizo afirmando que nem eu e nem o abandono de Cuñapirú — Corrales somos os mesmos desde o princípio dessa pesquisa, nem ao final de seu curso. Cada contato, lugar, pessoa encontrada configura um novo aprendizado e uma nova forma de observar o mundo. Enfatizo a colaboração que a pedagogia da viagem tem nessa perspectiva e a capacidade de nos mostrar os múltiplos sentidos propostos no abandono, sempre diverso.

8. REFERÊNCIAS

AGAMBEŦ, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução: Vinícius NicastroHonesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BARBERO FRANCO, Ana María. **La Gestión del Patrimonio Histórico como Instrumento para un Desarrollo Sostenible.** Salamanca: Universidad de Salamanca, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRIAL POSADA, Clemente. **Título de propiedad de los minerales de la región aurífera de Tacuarembó.** Montevideo: El siglo Ilustrado, 1890.

BARRIOS PINTOS, Aníbal. **Rivera em el ayer, de la crónica a la historia.** Montevideo: Minas, 1963.

BERGSON, H (2005). **A evolução criadora.** São Paulo: Martins Fontes.

BERGSON, H. **Mélanges.** Paris: PUF, 1972.

BIBLIOTECA NACIONAL. Archivo de prensa periódica correspondiente a Montevideo, Rivera, Salto y Tacuarembó.

CAIAFA, J. **Aventuras das cidades.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1007.

Carta Internacional de Venecia, 1964., <http://www.icomoscr.org/doc/teoria/>

Carta de Nara, 1994. <http://www.icomoscr.org/doc/teoria/>

Carta de Brasilia, 1995. <http://www.icomoscr.org/doc/teoria/>

CASTELLO, Lineu. **A Percepção do Lugar.** Porto Alegre: PROPAR - UFRGS, 2007.

CATELLO, Lineu. **Repensando o lugar no projeto urbano. Variações na percepção de lugar na virada do milênio (1985 – 2004)**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

CERTEAU, M. d. **A invenção do cotidiano: artes de fazer (Vol.1)**. Rio de Janeiro: Vozes. 2000, p.34.

CHIRICO, Selva. **“Pradera, oro y frontera”**. En; **Revista de la Sociedad Uruguaya de Geología**. Montevideo: S.U.G, 2005, No. 12.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979. Coleção Estudos, n.o 67.

CLÉMENT, Gilles. **Manifiesto del Tercer paisaje**. Éditions Sujet/Objet, Paris, 2004.

COELHO, J. G. **Ser del tiempo en Bergson**, Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.8, n.15, p.233-46, mar/ago 2004.

DELEUZE, G. **Conversações**. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1996.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Graal, 2006, p.225.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, G. **O ato de criação**. Folha de São Paulo, 1999.

DELEUZE, G., & GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1)**. São Paulo: Ed. 34. 1995.

DELEUZE, G., & GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 2)**. São Paulo: Ed. 34. 1995.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia, vol 4**. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34 Ltda, 1997.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio & Alvim. 1996.

DERRIDA, Jacques, “Fidelité à plus d’un” in *Idiomes, Nationalités, Déconstructions in Intersignes*, número 13, outono 1998, ed. Toubkal / l’aube, Paris – Casablanca, p. 261.

DERRIDA Jacques. “Psyché. Invention de l’autre”. In *Psyché*, op. cit., p. 26-27.). Paris, Galilée, La Philosophie en effet, 1987.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal , 2009. v. 3.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FUÃO, Fernando Freitas. *Cidades Fantasmãs*. 2008. Acesso em 2009, disponível em Fernando Fuão: <http://www.fernandofuao.arq.br>.

FUÃO, Fernando Freitas. *Derrida e a arquitetura*. Rio de Janeiro: Ed. Edurj, 2014.

FUÃO, Fernando Freitas. *Arquitetura e Filosofia da Desconstrução*. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 2016.

FUÃO, Fernando Freitas. *Esperrância: o lugar da espera e da errância*. 2017. Disponível em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2017/12/esperrancia-o-lugar-da-espera-e-da.html>

Girot, C. (2017, 24 de fevereiro). *FS V01 Terrain Vague [Vídeo]*. Apresentado na theory lab lecture series, Swiss Federal Institute of Technology Zurich. Disponível em: <https://girot.arch.ethz.ch/courses/fs-v01-terrain-vague/>

GUATTARI, F. *Caosmose*. São Paulo: Editora 34, 2000.

GUEX, G. *La neurosis de abandono*. Buenos Aires: Eudeba, 1984.

GUEX, G. *O síndrome do abandono*. Rio de Janeiro: Record, 1973.

HIDEGGER, M. **Sobre a essência da verdade**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

HERNANDEZ, Nidia, CHIRICO, Selva. **Ana Packer, construyendo el saber y hacer enfermero, de Inglaterra a Cuñapirú Corrales 1841-1930**. Montevideo: Trilce, 2006.

<http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 2018.

<https://otu.opp.gub.uy/>. Acesso em 2020.

<https://www.municipios.gub.uy/municipio/minas-de-corrales/transferencias>. Acesso em 2020.

<https://www.rivera.gub.uy/portal/plan-de-desarrollo-y-ordenamiento-territorial-de-minas-de-corrales/> . Acesso em 2020.

IPHAN, **O Registro do Patrimônio Imaterial**. Brasília: MinC/IPHAN/Funarte, 2000.

KASTRUP, V., PASSOS, E., & ESCÓCIA, L. d. **Pistas do método da cartografia: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Dinalivro, 1993

LYNCH, K. **Echar a perder: um análisis del deterioro**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. Terceira Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MARIANI, M., & Barron, P. (eds.). **Terrain vague: interstices at the edge of the pale**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2013.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo: travesías latino-americanas de la comunicación em la cultura**. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2002.

MUSEO HISTÓRICO NACIONAL. Fondo Clemente Barrial Posada. 1880. T. 505.

ORLANDI, Luiz. **Um gosto pelos encontros**. 2014. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/29/um-gosto-pelos-encontros-luiz-orlandi/?fbclid=IwAR1MnNhhWmmn4L9EfgdN6ehav6lxTmQenn38KcQhKME7R3TbekvAJB0sIG5Y>

PAESE, Celma. **Contramapas de acolhimento**. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2016. [tese de doutorado].

PALERMO, Eduardo. **Cuñapirú al rescate de la memoria. Patrimonio arqueológico industrial en la frontera Norte del Uruguay**. En: *V Reunión de Antropología del Mercosur*. Montevideo: 2005.

PALERMO, Eduardo. **La experiencia de los trabajadores de la minería del oro: la primera huelga del Uruguay**. En: *Encontro internacional fronteiras e identidades*, Universidade Federal de Pelotas, 12 al 15 de noviembre de 2012. Pelotas, Brasil.

PALERMO, Eduardo. **Tierra esclavizada, el norte uruguayo en la primera mitad del siglo XIX**. Montevideo: Tierra Adentro, 2013.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre. Editora Sulina, 2012.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum – volume 2**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014

RAZENTE, Nestor. **Povoações abandonadas no Brasil [livro eletrônico]** / Nestor Razente. Londrina: Eduel, 2016.

Minas de Corrales. Revista de UTE, año 1, nº 4, 1936.

ROCHA, Eduardo. **Cartografias Urbanas**. In: *Revista Projectare*. n. 2. p.162-172. Pelotas: UFPel, 2008.

ROCHA, Eduardo. **Arquiteturas do abandono: ou uma cartografia nas fronteiras da arquiteturas, da filosofia e das artes**. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2010. [tese de doutorado]. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24722>>.

ROCHA, Eduardo; AZEVEDO, Laura Novo de; ALLEMAND, Débora Souto; HYPOLITO, Bárbara de Bárbara; TOMIELLO, Fernanda. **Cross-Cult: Desenho Urbano/Urban Design – Pelotas/RS e Oxford/UK**. Pelotas: UFPel, 2016.

ROLNIK, Suely. **O mal estar na diferença. Psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, n. 3, 1995. Disponível em: . Acesso em: mar. 2009.

ROSS, J. S. (org.). **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp: 1995.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura. (org's). **Território: globalização e fragmentação**. 3.ed.São Paulo: Hucitec, 1996.

SOLA-MORALES, I. de. **Terrain Vague**. In C. C. Davidson (Ed.), *Anyplace* (pp. 118–123). Nova Iorque/Cambridge/Mass: Anyone Corp.; MIT Press,1995.

SOLIS, Dirce Eleonora. **Jacques Derrida e a ética da hospitalidade**. *Revista de Filosofia Seaf*, ano V, n.5, nov. 2005.

SOLIS, Dirce Eleonora; FUÃO, Fernando Freitas. **Derrida e arquitetura**. Editora UERJ, 2014.

THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE. **Carta de Nizhny Tagil para o Patrimônio Industrial**, jul. 2003. Houghton: s/d. Disponível em: Acesso em: 08 de julho. 2019.

VALA, Jorge. **A análise de conteúdo**. In: PINTO, José Madureira, SILVA, Augusto Santos (org.). **Metodologia das Ciências Sociais**. 3.ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986.

9. ANEXO - ENTREVISTAS

Diálogo 01, Dia 1 – 05/12/2019

Pesquisadora: O senhor percebeu bastante essa queda da economia e redução da população na cidade após o fechamento da atividade de mineração?

Morador local: Ah sim, o comércio caminhou melhor né... aqui sempre foi um povinho típico que pagava muito dinheiro, o custo de vida era muito caro e é, em Livramento e Rivera é tudo metade do preço. Agora até os aluguéis aqui ficaram mais baratos porque o salário se tornou pouco e muita coisa vagou pelas pessoas que foram embora. Um emprego na polícia, na UTE agora nem se compara ao que era o trabalho na mina, muito mais valorizado.

Pesquisadora: o senhor acha que tem possibilidade de voltar a atividade mineira na região?

Morador local: Não sei, diz que vem uma companhia nova pra comprar, mas não acredito... é uma inversão muito grande.

Pesquisadora: os trabalhos nas minas eram passados de geração em geração?

Morador local: sim, sim... mas tinha que ter muito currículo para conseguir, tinha muita gente de fora... eles vinham com tudo já montado. Para arrumar um trabalho hoje não é fácil, quando entrei na polícia não te pedia muita coisa... agora pede sexto ano de liceu. Eu trabalhei na mina, cuidar gente que entrava, revisar, fazer barreira pros caminhos, pra entrada de veículo...

Pesquisadora: e o senhor gostaria que voltasse, reativasse a mina? Quais as suas lembranças?

Morador local: É bom pro povo né, pra muita gente. Tenho boas lembranças da época, um bom dinheiro. Sempre olhei pra frente, com o dinheiro que vou ganhar aí de hora extra vou comprar tudo que me faz falta. E a cidade melhorou muito, o comércio.

Pesquisadora: e agora virou uma localidade turística?

Morador local: Não. O que vai vir fazer? Só dar uma olhada, mas o que vai olhar aqui? Não tem visitaçã, só deve ter alguém que cuide. Se foi uma coisa legal aí que dava lucro pra toda vida, moro aqui desde 1974, acompanhei toda evoluçã.

Pesquisadora: primeiramente, o senhor trabalhou em alguma mina ou tem alguma ligação?

Morador local: tenho uma referência de meu pai que era o último garimpeiro do lugar, e trabalhar na última etapa da mina. Conheço toda história desde que se iniciou toda busca do ouro, desde o primeiro brasileiro que chegou, o José Suarez das bandas de Camaquã. Ele foi o descobrir do ouro. No ano 1930 chegou um brasileiro pra fazer o trabalho com gado e em seguida detectou que os afluentes de água e os morros eram propícios de haverem ouro, então vai com sua peneira e começa a achar ouro, descoberto em 1920 por José Suarez na zona que era chama de Cuñapirú (nome de origem Guarani que significa mulher de garra). A partir dele, outros mineiros da zona do Brasil (febre do ouro), portugueses, franceses, alemães, ingleses, italianos começaram a cruzar a fronteira pro lado do Uruguai e todos começam a achar ouro até o ano de 1867 onde chega na zona o espanhol Clemente Barrial Posadas enviado pelo governo de Espanha para fazer o trabalho na zona mineira (Paraguai, Argentina, Brasil e Uruguai) quando chega aqui e vê todos

os descobrimentos desses aventureiros, ele enxerga a grande possibilidade de transformar isso em indústria e consegue recursos econômicos, sendo o primeiro a armar uma represa no Arroio Cuñpirú, fazendo um dique pra desviar a água e gerar energia hidráulica através de turbinas que moveriam a maquinaria que se instalou ali. A partir do Clemente Barrial Posada que começou a exploração da forma industrial, houve exposição de minerais na Europa, com amostras de pedra e a partir disso foi escrito artigos sobre a geologia e o ouro do lugar... lá por 1865 foi para uma exposição muito grande na Europa – Paris e os franceses se interessaram de imediato pelo ouro de Cuñpirú, assim enviaram um engenheiro chamado Victor D’Oliver para fazer uma pesquisa de prospecção para verificar o que dizia Clemente Barrial. O relato de Victor é contundente, “o ouro existente em Cuñpirú não tem rivalidade com o Ouro que há em Califórnia, Minas Gerais e Austrália”. Imediatamente em 1878 a primeira Companhia Francesa de ouro para o Uruguai e vieram com toda tecnologia e ampliam todas as instalações (casa do diretor da empresa, casa serviço, molienda, os grandes galpões, desvio das represas para gerar a força motriz). Em seguida em 1885 aparece a primeira companhia inglesa e entre franceses e ingleses fazem a extração de ouro até mais ou menos 1918, onde se finaliza a extração de ouro... dizem que por mal administração ou por não acharem ouro, levando ao

abandono até 1935 quando o governo do Uruguai se interessou pelo tema do ouro e deu autorização a UTE (produz energia pro Uruguai) para comprar os maquinários e reativar a mineração com produção de ouro uruguaia até o ano de 1945. Logo finaliza a exploração porque o Uruguai paralisa até 1997, última etapa de exploração de ouro no Uruguai... até ano passado (2018) teve uma empresa fazendo extração de ouro e prata de origem canadense e australiana, hoje a “planta” de extração de ouro está paralisada. Mas até 2018 se extraia em San Gregório, mina perto de Corrales.

Pesquisadora: o senhor tem memória dessa época do seu pai?

Morador local: o meu pai foi quem fez todo relato, eu sei dessa época do meu avô... foi um dos primeiros a fazer trabalho para os ingleses em 1910, veio fazer a madeira que se colocava dentro das cavernas para sustentar os buracos que ficam... esse trabalho fez meu avô uruguaio. Depois meu pai com 14 anos, na última época da UTE 1936, ele começou a conhecer todo tema do ouro e foi durante toda vida até 2010 (onde faleceu com 88 anos), foi a referência de todas as empresas que vieram para reativar a mineração (1997) e foi a pessoa que sempre teve dando força para que voltasse uma empresa mineira nesse lugar... porque vou contar pra vocês, Minas de Corrales é um povo que surgiu do tema do ouro, um povo mineiro.

Pesquisadora: e durante essas épocas que pararam a exploração, diminuiu a população do lugar?

Morador local: A população de Minas de Corrales, hoje, anda em torno de 4500 habitantes, nas épocas que não tinha trabalho mineiros, andava em torno de 2000 pessoas... houve um incremento muito importante da população e no modo de vida da gente... até hoje se sente o impacto da paralisação, aqui tu não vê gente nas ruas pedindo, toda gente tem um nível econômico muito bom em função das minas. Agora tem muita gente no seguro de emprego até o fim de dezembro, como 200 empregados que tão cobrando seguro desemprego. Até esse momento não afetou tanto ainda, eles não se deram conta que precisam buscar outra solução imediata (apicultura, gados...) ainda que temos já algumas companhias interessadas em fazer uma continuação da mineira. Teve esse ano uma empresa da China, o governo do Uruguai foi na China e levou Corrales até lá... ficaram interessados em dar continuidade no ouro, prata e ferro que temos também e isso seria o relato da história.

Pesquisadora: E na vida do senhor quais os impactos que isso teve, a cidade cresceu o que trouxe de melhorias?

Morador local: Desde que se instalou essa última empresa canadense- australiana veio um incremento muito importante na vida econômica e social de Minas de Corrales porque tudo gira em torno das minas. A parte de empregos diretos, quase 700 tudo gerou de empresas de comércio, estações de serviço, oficinas mecânicas, padarias tudo funcionava muito bem.

Pesquisadora: E se criou um lugar específico de moradia para esses trabalhadores? Alguma vila operária?

Morador local: Os moradores aqui eram os que viviam de outros lugares, essa última empresa fez tipo um hotel de onde ficava as pessoas de outros lugares.

Pesquisadora: e então cada época as moradias eram diferentes?

Morador local: Claro, na primeira época que te contei dos franceses e dos ingleses eles tinham casas perto da parte da planta de processo lá em Cuñapirú e Santa Ernestina a uns 12km daqui. A família de meu pai tem o Museu do ouro que tem todo processo do ouro e que os turistas gostam muito.

Pesquisadora: e eu ia perguntar, então se criou um certo turismo a partir disso?

Morador local: a partir de toda essa história que te contei se formou um turismo que todavia está em expansão e desenvolvimento as vezes o hotel de Artigas agenda e faz a Rota do ouro, algumas galerias que pode entrar, o museu a Usina de Cuñapirú, os capacetes e com luminária se entra na mina...

Pesquisadora: então mesmo com o fim da mineração não ficou ao abandono?

Morador local: não, não... estamos se aproveitando disso pra gerar o turismo. A manutenção ainda não porque recém agora está dando importância no ministério do Uruguai. Aqui falta muita infraestrutura de banheiros, restaurante e hospedam... Hotel só tem esse que estão e aqui tem capacidade restrita... se existir uma ampliação do turismo já não temos capacidade de atendimento ao turista.

Pesquisadora: ontem caminhando por aqui na Avenida principal vimos muitas casas e lugares meio abandonados assim, isso é em função da mineração?

Morador local: existem algumas casas que estão abandonadas que já ficaram anteriormente, mas não são muitas.

Pesquisadora: e muita gente foi embora né?

Morador local: Claro, te explico porque veio muita gente de outros lugares do Uruguai e de fora... no princípio em 1997 tinha muita parte técnica e superior de qualificação que veio de Brasil, Argentina e outros lugares e depois foram aprendendo as pessoas daqui e já foram ingressando e subindo de categorias de trabalho... a parte de baixo da pirâmide era sim do Uruguai, mas a parte qualificada trouxeram de fora e nas últimas etapas pós 20 anos que foi aumentando as pessoas qualificadas do Uruguai. Nós temos poucos geólogos, mas hoje se tem mais.

Pesquisadora: e com essa troca do meio rural pro industrial, como passou muita gente teve uma maior diversidade cultural também?

Morador local: Claro porque aqui nessa zona de Minas Corrales tivemos toda essa gente...franceses, ingleses, portugueses, italianos foram fazendo uma mescla cultural com os uruguaios e temos até agora muitas influencias de outras culturas.

Pesquisadora: e pro senhor, o que o senhor sente com essas épocas todas? O que o senhor acha que melhorou e está melhorando ainda nessa troca de cenário?

Morador local: eu vivi essa última etapa e foi muito produtivo para geração de empregos e melhoria da gente... meu pai sempre me dizia e lutava para que viesse uma empresa porque sabia que uma empresa mineira aqui mudaria toda vida do povo... porque não temos fábricas, tudo é em torno de uma empresa e hoje temos esse grande problema que essa gente se foi e estamos nessa que não sabemos se vai voltar a mineração ou não. Mas a gente vai e os jovens que terminam os estudos precisam ir embora porque não tem fontes de trabalho, precisam ir para outros lugares do Uruguai ou fora do país. Todo mundo fica no aguardo de uma empresa e forma de exploração.

Morador local: 2018 Minas Corrales ganhou o prêmio de povo turístico e ganhou dinheiro para arrumar 3 quadras de rua a rua. Se está condicionando para o turismo, para ficar parecido com faróis e bancos da época.

Pesquisadora: Então já se tem uma preocupação da cidade em voltar para outro aspecto econômico então?

Morador local: Sim, que o turista encontre com um povo mineiro da época e para isso que a gente está trabalhando, nos canteiros, muros de pedra, bancos de madeira, faróis.

Pesquisadora: e esse prêmio foi ganhado em função das visitas que tiveram aqui?

Morador local: esse prêmio foi ganhado em função dum chamado que fazia uns 6 anos que o Ministério do Uruguai faz a povoados com até 5mil habitantes para fazer um aporte de projeto turístico. Nos apresentamos a 3 anos e esse ano ganhamos... não é muito, mas ajuda. Recém estamos entrando no turismo sustentável.

Pesquisadora:

Morador local: Uma particularidade que não temos é uma praça, todas os povoados menores no Uruguai possuem uma praça central e uma igreja... nós não temos praça e a igreja não está no lugar central...

Pesquisadora: a usina foi feita quase que junto com a exploração em santa Ernestina?

Morador local: Claro, porque Santa Ernestina é o centro comercial e a Cuñapirú o centro industrial, a planta do processo. O povoado era aqui, em Santa Ernestina... hoje não há nada, está abandonada as casas de pedra... era uma fazenda ali.

Pesquisadora:

Morador local: E tu sabe que esse lugar aqui mineralizado tem muita gente que diz que tem muita energia, a gente sente sensações... tem uns que sentem sono, outros tens diferentes sensações da energia vinda dos minerais.

Pesquisadora: e pro senhor que vive aqui a tanto tempo... qual sensação desperta dos minerais? Qual a tua energia?

Morador local: sempre fui uma pessoa muito tranquila, sem muito problema de ficar apavorado por qualquer coisa, tratando de tudo com calma porque já solução. Tratar de resolver quando se tem um problema, com tranquilidade. Influência dos metais e minerais, toda cidade está em cima disso. Aqui no Uruguai estamos na chamada Isla cristalina, uma faixa de 100km que vai de Cuñapirú pro lado de Melo por 20km com um território nacional de minerais diferentes

(ouro, prata, cobre, ferro, diamantes...). Se sabe que há muito mineral nessa faixa.

Diálogo 03, Dia 2 – 06/12/2019

Pesquisadora: qual é a sensação que todas essas coisas trazem pra ti? Todas essas histórias contadas aqui no museu e esse material?

Morador local: bah é sensacional, a emoção e as vezes algumas coisas que tenho aqui é da minha família. Quanto explica, a emoção é grande... e a gente que vem também reconhece bastante. Por isso anotamos de quem é o que vem, é diferente do que se faz.

Diálogo 04, Dia 2 – 06/12/2019

Pesquisadora:

Morador local: eu trabalhei desde 1994 na mina até 2012, depois faz 4 anos que estou na Alcadia.. na mina ganhava muito mais, claro. O povo sentiu muito depois que fechou as minas decresceram a população, menos movimento do comercio... paralisou tudo porque

era a renda mais importante do povoado e agora as pessoas que haviam trabalhando no ouro não circulam como antes.

Pesquisadora: depois que fechou a mina o senhor veio pra cá?

Morador local: passei uns anos trabalhando por conta com um caminhãozinho, depois veio a oportunidade de trabalhar na Alcadia e vim trabalhar na represa Cuñapirú.

Pesquisadora: e qual é o sentimento do senhor por ter passado por esse trabalho nas minas e agora estar aqui?

Morador local: aqui estou bem por eu gosto, tem muito trabalho pra fazer e gosto do que faço... toda minha vida fui garimpeiro e foi trabalhar com meu pai.

Pesquisadora: e tens alguma esperança de que volte a extração de minérios?

Morador local: não sei, a pouco tinha uma empresa aqui procurando por mineral de ferro, mas não sei o que vai dar falta muitos estudos... nada é do dia pra noite.

Pesquisadora: e sobre represa... as pessoas que trabalhavam aqui moravam aqui também?

Morador local: sim. Quando funcionava isso tinha 1000 habitantes... agora não existe mais nada, totalmente deserto. Era quantidade de casinhas de barro de “pau a pique”. Estavam disseminadas por toda zona. Aqui foi onde teve o primeiro hospital do interior do país. Moíam todo minério aqui de Santa Ernestina... era a planta de processamento, funcionava tudo à força hidráulica, tinha 6 comportas que geravam energia elétrica.

Pesquisadora: Há um cuidado de preservação local?

Morador local: faz 4 anos e meio que estou aqui e cada vez mais vai degradando a Usina, mas não tem ninguém que se preocupe em conservar e reusar.

Pesquisadora: mas apesar disso será que o turismo seria uma boa opção pra trazer movimentação e cuidado?

Morador local: sim, sim. Porque vem muita gente de fora já, inclusive cada vez vem mais gente do Brasil até. Inclusive agora está nascendo um projeto de “Minas Corrales povo turístico”, ganhamos

um prêmio. Recolocaram placas novas na semana passada, mas não gostei do contraste das fotos que colocaram... uma lástima que não se preocupa com isso, o governo, há muita história pra contar... Isso foi construído pelos franceses e ano passado veio um francês em que o avô tinha participado da construção e ele veio visitar e não tinha muito cuidado e informações. Nessa época da febre do ouro era a época de andar a cavalo e carreta e vinha gente de todos os lugares...

Pesquisadora: o que o senhor sentia dessa época... e quando tinha gente trabalhando e agora que paralisou de novo?

Morador local: Muita coisa que não existe mais em Minas Corrales... Havia fabricas, vinhedos, um monte de coisa que se terminou porque não tinha mais procura... enquanto estava funcionando a parte de mina todo mundo queria vender coisas, se vivia bem... fecharam a mina e tudo se foi até uma empresa de veículos que alugava veículos, inclusive para a mina. Agora tem pouca troca de serviços, é um povinho tranquilo...

Pesquisadora:

Morador local: Eu tenho uma coleção de pedras, boleadora, vários tipos... eu tenho apenas minha lavoura, não tenho ouro para ter um bom museu com todas as coisas... não tem incentivo pra manter essa memória, tem que incentivar mais as pessoas que tem essas coisas pra guardar a nossa história.

Tem muitas coisas aqui, uma pena que não fizeram um museu aqui... não sei se viram um enunciado na intendência de Rivera... tem muita coisa daqui lá...

Pesquisadora: no museu do Eduardo Palermo?

Morador local: Sim, sim! O Eduardo está sempre por aqui... ano passado esteve uns arqueólogos brasileiros aqui pra reconstituir a pintura, mas não retornaram mais... não sei se não se entenderam com o Alcade. É uma dificuldade pra conseguir combustível para cortar a grama... ele não se preocupa não vem aqui muito... eu me preocupo mais que o Alcade. Isso tá declarado patrimônio histórico, tem que ter um cuidado.